

PERCORRENDO MEMÓRIAS



ALOYSIO CAMPOS DA PAZ JÚNIOR

PERCORRENDO MEMÓRIAS

PERCORRENDO MEMÓRIAS

ALOYSIO CAMPOS DA PAZ JÚNIOR

SARAH  LETRAS

BRASÍLIA
2010

PROJETO GRÁFICO:

CENTRO DE FOTO IMAGEM DA REDE SARAH

FOTOGRAFIAS:

ARQUIVO PESSOAL DE ALOYSIO CAMPOS DA PAZ JÚNIOR E ARQUIVO DA REDE SARAH

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:

GRÁFICA DA REDE SARAH

CAPA:

FOTO DE ALOYSIO CAMPOS DA PAZ JÚNIOR

FICHA CATALOGRÁFICA:

Campos da Paz Jr., Aloysio
Percorrendo memórias / Aloysio Campos da Paz Jr. –
Brasília : SarahLetras, 2010.
190 p. : il. ; 28 cm

ISBN 978-85-85843-11-3

1. Medicina - história. 2. Medicina de reabilitação
3. Memórias. I. Rede SARAH de Hospitais de Reabilitação II.
Título.

Todos os direitos reservados © SARAH Letras

UM HOMEM DIFERENTE

POR LEANDRO KONDER

Comecemos por uma afirmação categórica e aparentemente meio tola: o doutor Aloysio Campos da Paz é uma pessoa diferente de todas as outras.

Nós, seres humanos, pertencemos todos a um mesmo gênero. Somos parte da humanidade, representantes dela. Os problemas que o gênero humano enfrenta geram inevitáveis ambiguidades. A humanidade, com sua consciência antecipadora e dubitativa, teleológica e projetiva, precisa de indivíduos capazes de fazer escolhas, tomar decisões e empreender iniciativas.

Para ser fiel aos princípios que o regem, um livro de memórias não se deixa reduzir a uma coletânea de informações colhidas no passado. Cabe-lhe resgatar o vivido danificado pelo esquecimento. É o que este livro nos ensina: o presente é a chave para a abordagem do passado. É sempre o hoje que dá sentido ao ontem. Lendo-o, lembrei diversos encontros que se repetiram e se modificaram ao longo de mais de meio século. Aloysio não tem compromisso com nenhum partido, mas acompanha com atenção e com espírito crítico a vida polí-

tica brasileira. Seu livro está cheio de referências a momentos cruciais do século XX.

Aloysio pertence, eticamente, ao grupo daqueles que costumamos classificar de “esquerda democrática”, isto é, àquele setor da sociedade que luta não só pela liberdade para todos, mas também pela igualdade (ou, dito em outros termos, pela diminuição das desigualdades sociais).

A história política do Brasil, hegemônica por um conservadorismo rude e truculento, tem sido dolorosa para os “de baixo”, e eles se insurgem em vão: os vencedores tripudiam sobre a massa popular.

A nobre causa da democratização da sociedade não tem avançado tanto quanto se desejaria. Aloysio se integra ao vasto exército dos pobres, porém não se dissolve no interior da tropa. Sua autoconfiança não é abalada pelas dificuldades que o conflito lhe traz. Afinal, ele tem um trunfo que ninguém lhe tira. Com a criação da Rede SARAH, Aloysio desencadeou uma autêntica guinada histórica: a retomada de valores humanos que não se deixam liquidar pelo exclusivismo dos critérios comprometidos exclusivamente com o lucro ou o prejuízo.

Nos movimentos da multidão carente, a combatividade persiste e a esperança renasce, porém emergem zonas de desânimo e cansaço. As pessoas perscrutam o horizonte, esforçando-se por manter viva a disposição pelo combate em prol da “boa causa”.

Haverá algum guerreiro capaz de reeditar – com humor – o espírito inabalável do velho Manoel Venâncio Campos



da Paz? Se ainda for preciso dar-lhe um nome, poderemos chamar Aloysio de “doutor Campos”. É o discípulo do doutor Trueta, que aprendeu com seu mestre uma verdade jamais esquecida: você só vai se sentir professor quando formar alguém melhor do que você. Aloysio, com uma generosidade transbordante, apontou a doutora Lucia Willadino Braga como sua sucessora na direção da Rede SARAH, reconhecendo-a como melhor do que ele.

Os leitores, agora, podem perceber que a frase inicial deste meu texto precisava da ênfase meio tola, mas imprescindível à homenagem que procurei prestar à originalidade do meu amigo.

INTRODUÇÃO

As pessoas, sem mais nem menos, começaram a falar que eu devia escrever minhas memórias. Fiquei meio desconfiado, olhei no espelho e verifiquei que não estava morrendo. No entanto, tenho penado por causa de um maldito joelho. O joelho é o primeiro exemplo histórico de terceirização: como dizem, Deus fez o homem e depois a mulher com uma costela; mas para o joelho ele determinou ao diabo que criasse uma comissão e, juntamente com outros anjos, usasse uma dobradiça da porta do inferno. Foi o primeiro exemplo de terceirização; os precursores do neoliberalismo. Daí a droga que o joelho é...

Voltando ao assunto, por causa da dobradiça enferrujada e pelo fato de não ter tido um velocípede quando criança (minha irmã tinha um e não me emprestava), resolvi me locomover com um triciclo. Assim, ando menos, chego mais depressa e silenciosamente.

Deve ser por causa do diabo desse triciclo que as pessoas passaram a achar que eu estava pela “bola 7” e começaram a falar que eu tinha de escrever minhas memórias.

Assim, resolvi andar pelo meio de minhas circunvoluções cerebrais e catar fragmentos da vida até aqui vivida.



Espero duas coisas: primeiro, como o personagem de Cervantes, “de tanto ler e lembrar, que não seque meu cérebro”; segundo, não chatear ninguém. Assim, quem não gostar pode usar o papel para outro fim menos nobre. O mesmo destino que, como verão adiante, teve minha tese de doutorado.



Era uma casa grande, onde moravam meus avós paternos, tios, primos e meus pais. Lá, no dia 9 de novembro de 1934, eu nasci

CAPÍTULO I

COPACABANA, RUA TONELERO, 194

Era uma casa grande, onde moravam meus avós paternos, tios, primos e meus pais. Lá, no dia 9 de novembro de 1934, eu nasci. Dizia a família que quem fez meu parto foi meu tio Manoel, que era cirurgião urologista e amarrou meu umbigo com barbante.

O terreno era grande e subia pelas encostas do morro que terminava numa imensa rocha, que até hoje lá está, agora escorada por vigas de concreto, e que se chamava “bico do papagaio”.

A primeira memória que tenho da infância é meu pai me levando à praia de Copacabana, em frente ao Copacabana Palace, para ver um objeto enorme que se movia lentamente no céu: era o dirigível alemão Hindenburg que atravessava o Atlântico e alternava suas paradas na América entre o Rio e Nova York, onde anos depois tragicamente explodiu. Depois me lembro de meu pai na antiga estação da Central do Brasil levando-me para ver as locomotivas brilhantes pintadas de vermelho e preto, que puxavam os trens noturnos que do Rio iam para São Paulo, soltando vapor e ensaiando as partidas. Talvez por isso meu fascínio por modelos, o que anos depois, na Inglaterra, me fez comprar um trenzinho de brinquedo a vapor.



Inglaterra – última locomotiva a vapor que trafegou



Trenzinho no jardim, lembrando a Central do Brasil. Sophia, Aloysio, Manoella, Maíra, Elsite e eu



Primeira lembrança

Eu tinha um ano, em 1935, quando meu avô Manoel Venâncio Campos da Paz e meu tio Manoel foram presos pela ditadura Vargas. Meu avô era um dos dirigentes da Aliança Nacional Libertadora e eles foram parar na Rua da Relação, onde ficava a polícia política, o Dops (Departamento de Ordem Política e Social)*, o Doi-Codi** da época. As coisas no Brasil se repetem... Com ele, foram presos Graciliano Ramos, Jorge Amado, Di Cavalcanti e muitos outros. Em *Memórias do cárcere**** Graciliano se refere a meu avô e a meu tio e conta bem essa história.

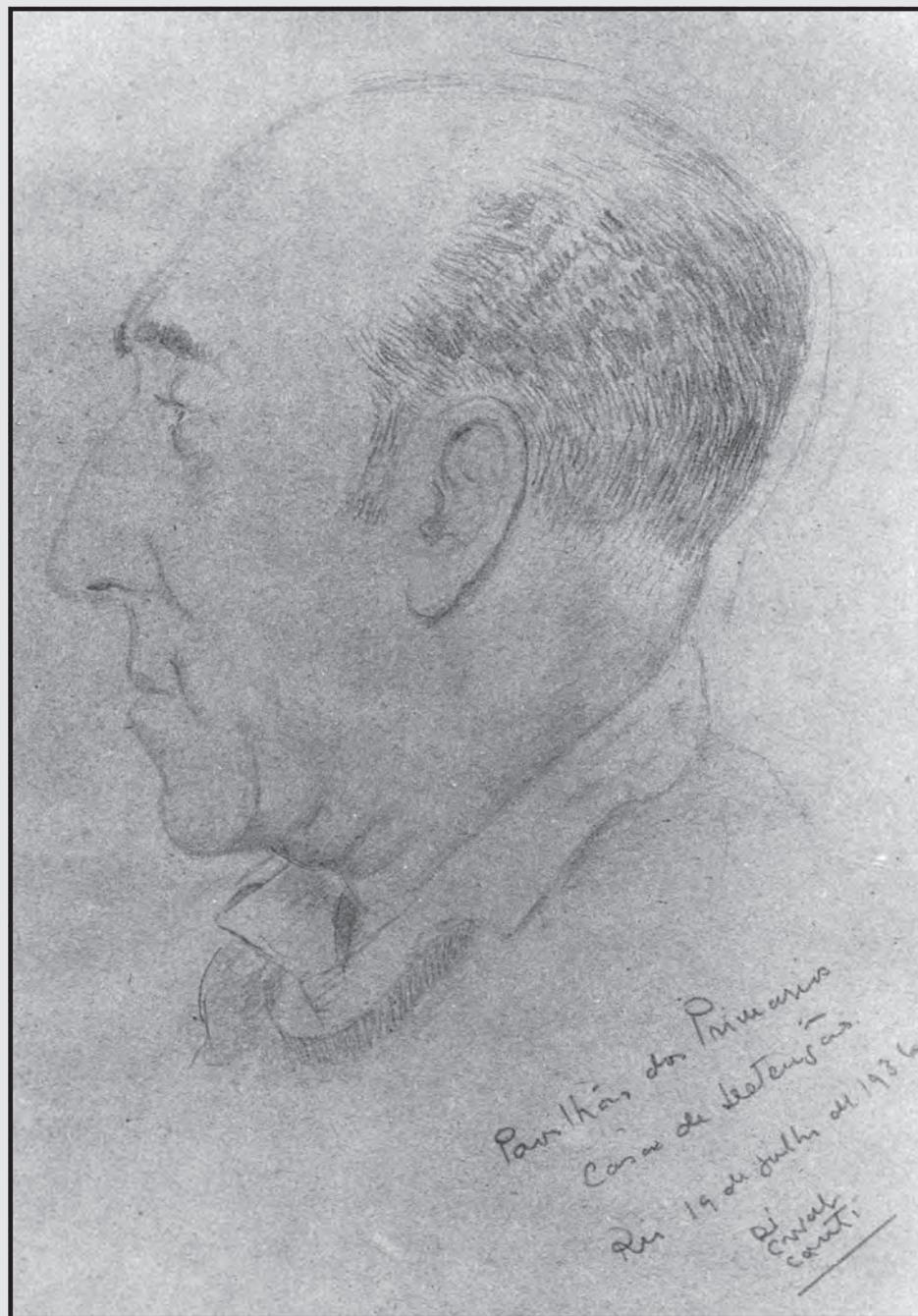
Meu pai trabalhava como executivo na Duperial Imperial Company, firma inglesa que se associou com a DuPont e no Brasil era conhecida como Duperial. Eram indústrias químicas, tendo a DuPont florescido nos Estados Unidos durante a Guerra de Secessão no século XIX vendendo pólvora para os estados do Norte e do Sul... Em negócios, desde aquela época, não havia ideologia...

Meu pai era o elemento de contato da Duperial com o Exército brasileiro, para quem a companhia fornecia explosivos.

*O Dops foi o órgão do governo brasileiro criado durante o Estado Novo cujo objetivo era controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder.

** Doi-Codi (Departamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna) foi o órgão de inteligência e repressão do governo brasileiro durante o regime instaurado com o golpe militar de 31 de março de 1964, os chamados “anos de chumbo”, destinado a combater o “inimigo interno”. Como a de outros órgãos de repressão brasileiros no período, sua filosofia de atuação era pautada na Doutrina de Segurança Nacional, formulada no contexto da Guerra Fria nos bancos do National War College, instituição norte-americana, e aprofundada no Brasil pela Escola Superior de Guerra (ESG). Muita gente lá morreu torturada.

*** *Memórias do cárcere* é um livro de memórias de Graciliano Ramos publicado postumamente (1953) em dois volumes. O autor não chegou a concluir a obra, faltou o capítulo final. Graciliano havia sido preso em 1936 por conta de seu envolvimento político, exagerado pelas autoridades após o pânico insuflado com a chamada Intentona Comunista, de 1935. A acusação formal nunca chegou a ser feita.



Manoel Venâncio Campos da Paz em crayon de Di Cavalcanti, na prisão com Graciliano, Apolônio e outros. "Morro como um comunista, lutando como um leão"

Casa de Detenção, Rio 9 Novembro 1936

Muito Presado Alôzido, saúdo. Esta carta tem o fim especial de abraçar - os pelo segundo aniversário do querido Alôzido, a quem eu desejo, não só muita Saúde, como longa vida, para usufruir as vantagens da luta pela libertação nacional, na qual estão sempre a do e a pical não me afastarei de ti e do teu. Nesta campanha, cada vez mais recheada de novos alertas, que me vêm dos males e injustiças, da indiferença e da covardia, da deslealdade e das contumácias, cecidades e reacções de uns e de outros, todos mais ou menos egoístas, e preconceitos serão por mim esquecidos. Sei que V. vai reagindo com firmeza e como deve, ante os vilados insultos e ataques, que pelos custos me vão pagando, mas não te dói a consciência, nem a palavra e o gesto, diante de quem quer que seja. Guarda esse conselho e transmite-o ao teu filho, na época própria, como a maior herança que eu lhe posso deixar e hei de apoiar muito e muito por teu esboço.

Pai

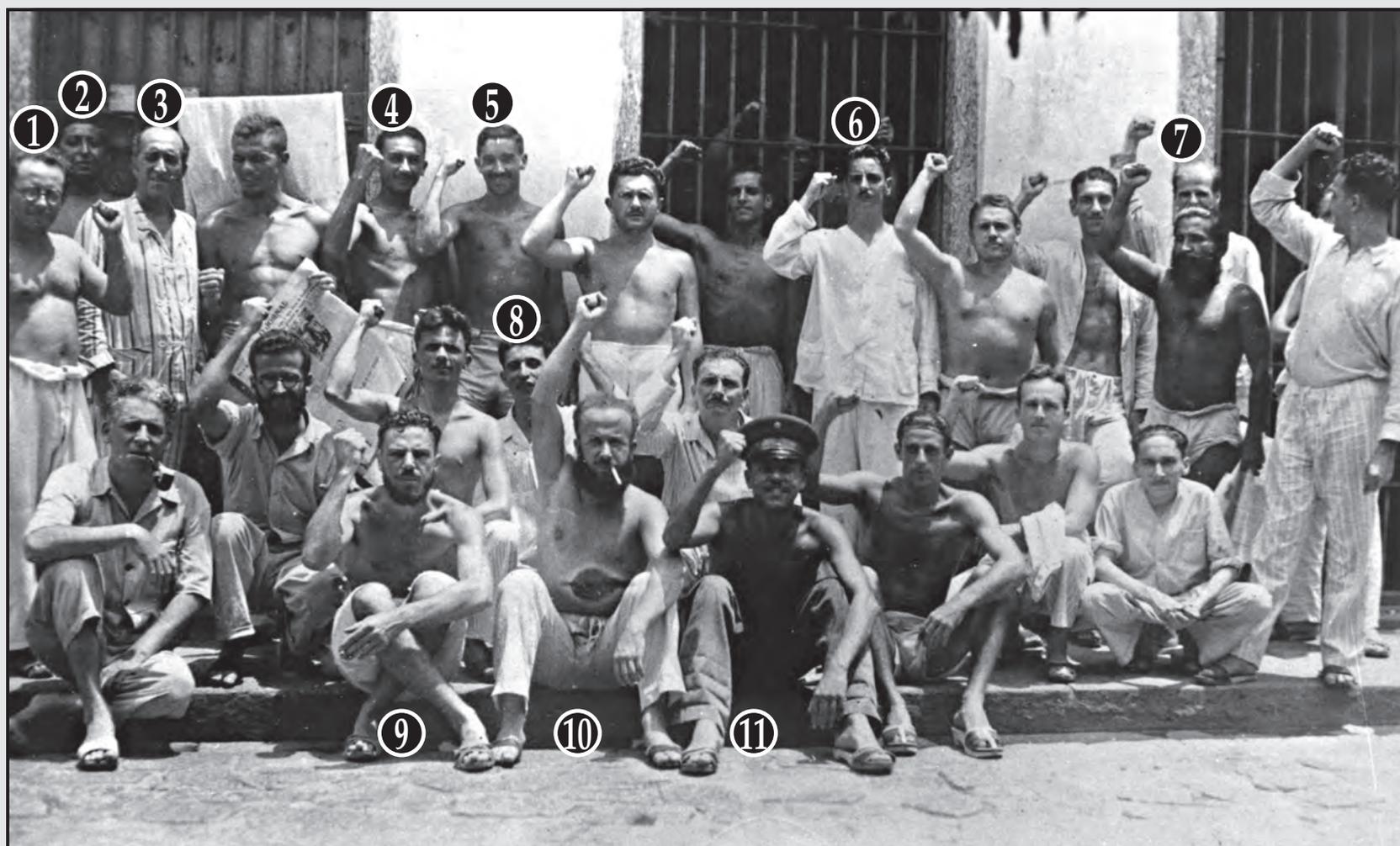
"Mas não te doe a consciência nem a palavra e o gesto diante de quem quer que seja" - Manoel Venâncio Campos da Paz



Casa de Detenção, Rio 9 de novembro 1936

Muito Presado Aloysio, saúde. Esta carta tem o fim especial de abraçá-los pelo segundo aniversário do querido Aloysinho, a quem eu desejo, não só muita Saúde, como longa vida, para usufruir as vantagens da luta pela libertação nacional, na qual estou empenhado e da qual não me afastarei senão vencedor. Nesta campanha, cada vez mais recebo novos alentos, que me vêem das maldades e injustiça, da indiferença e da covardia, da displicência e das condenações, censuras e vacilações de uns e de outros, todos mais ou menos egoístas, e que jamais serão por mim esquecidos. Sei que você vai reagindo como pode e como deve, ante as veladas invectivas e ataques, que pelas costas me vão fazendo, mas não te doe a consciência, nem a palavra e o gesto diante de quem quer que seja. Guarda esse conselho e transmita-o ao teu filho na época própria, como a maior herança que eu lhe possa legar e beija-o agora muito e muito por teu extremoso,

Pai



Casa de Detenção, Rua da Relação, 1936:

1- Octavio Malta; 2- Di Cavalcanti (?); 3- Manoel Venâncio Campos da Paz; 4- Benedito de Carvalho; 5- Apolônio de Carvalho; 6- Manoel Venâncio Júnior; 7- Olivier;
8- Agliberto Azevedo; 9- Sócrates Gonçalves; 10- Dinarte; 11- Álvaro de Sousa

┌

Ora, meu avô Manoel Venâncio Campos da Paz estava preso como comunista na sede do Dops, na Rua da Relação. A solução que a Duperial encontrou foi mandar meu pai para o escritório central em São Paulo, para onde nos mudamos. Daí vem a memória das locomotivas na Central do Brasil.

Fomos morar na Rua Maestro Chiafarelli, transversal da Avenida Brasil, que na época era cheia de casas dos barões do café. Na Maestro Chiafarelli as casas eram cinzentas, pequenas e geminadas, a maior parte ocupada por imigrantes europeus, refugiados judeus fugidos do regime nazista que se implantava na Europa. Morávamos ao lado do senhor Fritz e de sua mulher, dona Hennie, gente boa, que tinha um pequeno antiquário onde meu pai, que sempre gostou de colecionar peças boas, volta e meia comprava coisas. Ainda tenho algumas.

Voltando a São Paulo para fazer uma conferência anos depois de formado, resolvi visitar a casa onde moramos. O senhor Fritz e dona Hennie ainda estavam lá e a impressão que tive foi de uma casa de bonecas, grande para mim, quando pequeno, pequena para mim, quando grande. Lembro-me de meu pai modulando a estação da BBC em um rádio grande que tinha “olho mágico” para ouvir as notícias da guerra que se espalhava pela Europa e pelo mundo. Foi quando a Duperial o mandou viajar pelo Nordeste para pesquisar materiais estratégicos em plena guerra. Ele contava que chegou a uma cidade no Ceará e pediu comida na única pensão que havia. Só conseguiu um prato de “bunda de tanajura frita” – aparentemente um petisco – e uma cerveja quente. Voltou com um relatório sobre os tais materiais estratégicos. Depois de lê-lo, a direção da Duperial marcou uma reunião



Rua Maestro Chiafarelli (SP) – seu Fritz e dona Hennie

para a qual vieram os diretores das diferentes matrizes, inclusive dos Estados Unidos, que tinha rota para o Brasil em hidroaviões da extinta Pan American. Perguntaram se ele confirmava tudo que estava no relatório. Quando respondeu afirmativamente, o *Chairman* disparou: “Temos certeza que o senhor tem certeza de que quanto mais tarde o Brasil tomar conhecimento do que aqui está, melhor para a DuPont...” Ele tinha descoberto, nas areias de praias do Nordeste, um negócio chamado silício, entre outras coisas... Com isso, pediu as contas. Foi quando um irmão de minha mãe convidou-o para trabalhar na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro como diretor-tesoureiro. Com isso, voltamos para o Rio, indo inicialmente morar na Rua Nascimento Silva, em Ipanema – aquela da música do Tom Jobim e do Vinícius –, na casa de minha avó materna com duas tias, uma tia-avó e outra irmã de minha mãe, solteira, além de duas empregadas: Teté e Juliana. As casas eram geminadas, e ao lado morava um garoto que depois ficaria famoso pela sua inteligência e por seus escritos: Leandro Konder.* Nessa época, além das vendas que mais tarde os supermercados liquidaram, passavam pela rua

*Leandro Augusto Marques Coelho Konder, 3 de janeiro de 1936, é um filósofo marxista brasileiro. Formou-se em direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1984, obteve o título de doutor em Filosofia pela UFRJ. Atuou como advogado criminalista e, depois, trabalhista, até ser demitido dos sindicatos em que trabalhava em função do golpe militar de 1964. Foi professor da Universidade Federal Fluminense e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atuante pensador, autor de inúmeras obras em diversas áreas do conhecimento, como filosofia, sociologia, história e educação. Em 1972, forçado a sair do Brasil, foi para a Alemanha, onde trabalhou na Universidade de Bonn, e para a França. Retornou ao país em 1978 e de 1984 a 1997 foi professor no Departamento de História da UFF. Desde 1985 leciona no Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Dos anos 1960 é um dos principais divulgadores do marxismo no Brasil, tendo especial papel na introdução da obra de Lukács. Tem 21 livros publicados, e os que mais se destacam são: *A derrota da dialética*; *Flora Tristan – uma vida de mulher, uma paixão socialista*; *Walter Benjamin – o marxismo da melancolia*; *Fourier – o socialismo do prazer – vida e obra*; *O que é dialética*; *O futuro da filosofia da práxis*. Publicou também os romances *A morte de Rimbaud* e *Bartolomeu*. Em 2008, publicou *Memórias de um intelectual comunista* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 264 p.).



“Os quatro cavaleiros do apocalipse”: Leandro Konder, Letácio Jansen Jr. e Luiz Garcia comigo nos jardins do SARA H



Aloysio, pai e Celina, mãe – anos 1970 – Leblon (RJ)



com cantos e ruídos os homens que vendiam e faziam coisas: “Veeeeerdureiro!!!! Rêêêê; ziiiiimm, ziiiiimm; – Olha o amolador de facas! blam, blam, blam, blam; – Vamos desamas-sar as panelas! – Olha o leite! – Gaaarrafeiiiiiro!...” E de vez em quando vinha um cidadão vestido de azul que pregava uma bandeirinha amarela na porta e jogava creolina (antisséptico, germicida) em todos os lugares onde poderia haver água acumulada. Era o mata-mosquitos, recebido com distinção e cafezinho por Teté e Juliana. Não tinha “fumacê”, mas o combate aos mosquitos era eficaz. Uma vez por ano minha avó chamava um padre barbadinho que vinha rezar no oratório (que até hoje está com um dos meus sobrinhos) e jogava água benta pela casa toda. Daí vem a tradição dos que restaram da família que até hoje bradam quando alguma coisa ruim está acontecendo: “Chama os barbadinhos...”

Minha mãe era descendente de famílias que ficaram muito ricas com o ciclo da borracha na Amazônia. Essas famílias eram de origem francesa: Chermont de Brito e De La Rocque. Elas chegaram a ter vários navios na frota do Amazonas, que percorriam a bacia pelo rio principal e seus afluentes, descarregando implementos agrícolas e levando borracha para ser processada em Belém e em Manaus. Essas famílias tinham uma ligação estreita com a Europa. Na verdade, eram franceses plantados no meio da floresta.

Minha mãe contava que a família assistiu Caruso cantando ópera no Teatro de Manaus, hoje restaurado. Com a queda da borracha, após a Guerra de 1914, a família mudou-se para o Rio, preservando, entretanto, os hábitos. Com o negócio dos navios, havia marinheiros também



Caiçara, 25 de março de 1908 – rio Madeira



Vovó Emília, lembrando seu passado de venturas, quando esperava a volta dos navios

nesse ramo da família. Um deles, Teotônio Raimundo de Brito, comandou a fragata Amazonas na Batalha do Riachuelo*. Seu medalhão está na Estátua do Almirante Barroso no Rio de Janeiro. Dizia a família que “ele morreu de desgosto”. O fato é que quando ele deu ordem para a fragata avançar de aríete na direção da nau capitânia paraguaia, Barroso pegou um bote e subiu na Amazonas. No mesmo momento, como manda o proctolo, a bandeira do almirantado foi alçada na fragata. E aí... A história passou a relatar que o Barroso ganhou a batalha. Isso é o que a família contava. Como eu não estava lá para assistir...

Vovô Campos era médico da família, e foi assim que meu pai e minha mãe se conheceram. Durante a vida, minha mãe sempre manteve as memórias e o *aplomb* que herdou de seus ancestrais, transmitindo-o para minha irmã, Celina Maria, e para mim, mesmo sem o dinheiro da borracha e os navios...

Durante o período em que meu avô esteve preso no Dops, na Rua da Relação, minha mãe costumava visitá-lo e de lá trazia cartas em pequenos papéis enrolados que colocava presos dentro do chapéu com um alfinete de pérola. Uma delas está aqui digitalizada. Entrava e saía da Polícia Federal portando seu cordão de Filha de Maria...

* A Batalha Naval do Riachuelo, ou simplesmente Batalha do Riachuelo, travou-se a 11 de junho de 1865 às margens do rio Riachuelo, um afluente do rio Paraguai, na província de Corrientes, na Argentina. Considerada pelos historiadores militares uma das mais importantes batalhas da Guerra do Paraguai (1864-1865). A fragata Amazonas partiu de Buenos Aires em abril, sob o comando do capitão-de-fragata Teotônio Raimundo de Brito, acompanhada por outros dois navios, como capitânia do almirante Francisco Manoel Barroso da Silva, encarregado de comandar a Força Naval Brasileira, incumbida do bloqueio às posições ocupadas pelos paraguaios.



Batalha do Riachuelo – Aloysio Neto e o ancestral



Quando chegamos de São Paulo e fomos morar na Rua Nascimento Silva, minha irmã foi estudar no Colégio Sacré Coeur e eu no Colégio Mello e Souza, em Copacabana. Gostei do colégio, logo comecei a fazer amigos, amizades que ao longo dos anos se consolidaram. O bom da Nascimento Silva era o domingo. Meu pai nos levava a mim e a minha irmã, Celina Maria, para a casa de meu avô, onde eu havia nascido. Mangueiras, árvores de carambola, escaladas com minha prima Marisa. O morro atrás da casa terminava na pedra do “bico do papagaio”, onde havia reentrâncias e cavernas que alimentavam nossos sonhos e brincadeiras de infância. Havia também as lutas dos galos de briga do meu avô, que passava um tempão tratando deles e de sua coleção de orquídeas. Um galinheiro onde Marisa e eu sorrateiramente jogávamos bombinhas de São João só para ver o alvoroço das galinhas. Depois disso: tome vara de marmelo... Marisa, por ser menina e o “dói-dói” de meu avô, era poupada. Celininha e Nelito, meu primo, irmão de Marisa, eram os preferidos, talvez por serem mais comportados.

Meu avô era um comunista gozado. Lembro-me do seu escritório com uma mesa redonda e uma cadeira onde se sentava para examinar sua coleção de selos. Na parede, dois retratos: Franklin Delano Roosevelt e Joseph Stalin – a Guerra Fria ainda não tinha começado.

De longe olhávamos, bem de longe, porque “na cadeira de seu avô ninguém senta...” Na hora do almoço, todos os filhos e noras em volta da mesa, aguardando. Meu avô entrava com minha avó Rosina, apontava-lhe sua esquerda e todos se sentavam após eles. Silêncio e ruído dos talheres nos pratos.

Menino não fala à mesa! Os adultos conversavam e quem fazia mais barulho era meu tio Manoel, de quase 1 metro e 90 de altura, médico como meu avô e que com ele tinha sido preso em 1935. Tinha um vozeirão que dispensava amplificadores. Na cozinha, um fogão a lenha, e no corredor, uma geladeira imensa com um desses motores circulares em cima. Na garagem, um automóvel Lincoln Zefir de luxo, pateticamente acionado por uma turbina de gasogênio, sistema de abastecimento adotado durante a Segunda Guerra, obtido pela queima de carvão mineral.

Bom mesmo era quando meu avô nos levava à casa de sua mãe – vovó-bisavó –, que ficava na praia de Botafogo e onde morava com sua irmã, tia Sinhazinha e com tia Amália, uma mulher grande que parece ter sido ou era professora importante e sua filha Matita.

Mas principalmente lá morava tio José Custódio, oficial da Marinha reformado, que tinha um quarto no andar de cima cheio de coisas que faziam nossos olhos brilharem: modelos de navio em caixas de vidro, máquinas miniaturas a vapor e armas – três delas ficaram para mim; duas foram enterradas em Brasília em 1964. Nunca mais as encontrei. A terceira era uma espingarda de caça que lhe tinha sido dada pelo rei da Bélgica – tem até papel – junto com uma condecoração. Além disso, medalhas, retratos da década de 1920 e uma parafernália incontável de bugigangas.

Tio José Custódio era um homem extremamente bonito e tinha passado grande parte de sua carreira em Paris e em Bruxelas. Usava monóculo e tinha sido imediato do encouraçado São Paulo (nos tempos em que o Brasil era



potência naval). Por causa de tio Zé Custódio e do sucesso que a farda da Escola Naval do Rio de Janeiro fazia com as meninas, eu quase fui parar lá. Além do mais, antes de entrar para a Escola Naval, o aluno passava um ou dois anos no Colégio Naval, que ficava, nada mais nada menos, em Angra dos Reis.

Como eu ia dizendo, visitávamos vovó-bisavó com meu avô. A casa era imensa, tinha inclusive um porão enorme que fora senzala, onde assustados olhávamos os argolões presos nas paredes, reminiscências da escravidão. Havia uma cena no mínimo surrealista: quando meu avô chegava no portão, batia palmas e tocava um sinete pendurado na porta. Lá de dentro vovó-bisavó berrava: “Como se diz”? “Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo”, respondia meu avô comunista. Minha bisavó, que achava meu avô, comunista, um “republicano carbonário”, certamente não tinha lido as obras de Karl Marx... No fundo da casa tinha um terreno com um quintal cheio de árvores frutíferas.

Quando meu avô morreu, o enterro saiu da Câmara dos Vereadores do Rio, que ele presidia, na direção do Cemitério São João Batista. Meu tio Manoel ficou com receio de que, passando a multidão que acompanhava o enterro na frente da casa de vovó-bisavó, ela ficasse sabendo da morte do filho. Correu para avisá-la e evitar um susto. Quando lá chegou, ao longe já se via a multidão, e a “bisa” estava na janela. No seu vestido de cetim de seda preto com gola de renda branca, virou-se para tio Manoel e disparou: “É o Manoel Venâncio, não é? Hummm, faz confusão até

quando morre...” Coisas dos herdeiros da elite dos barões do Vale do Paraíba.

Melhor ainda nos domingos era quando meus pais nos levavam para assistir ao “guinhol”, teatro de marionetes que ficava na Praça Serzedelo Correia, em Copacabana.

A família tinha vindo de Bananal, no Vale do Paraíba. Parece que tudo tinha começado no período do ouro, em Sabará, Minas Gerais. Lá apareceu um cidadão chamado Manoel Antônio Homem de São Bento (nome cristão demais, provavelmente um cristão-novo). Ele se casou e a cada um dos filhos deu um sobrenome diferente. Provavelmente, estava fugindo da Inquisição. Como se vê, a família sempre teve grande vocação para ser presa. Aliás, depois de 15 de novembro de 1889,* um tio bisavô foi preso após o golpe militar que proclamou a República... para os militares...

Tenho uma foto antiga com a legenda: “Marechal Almeida Barreto, Alcino Guanabara, José do Patrocínio, J. J. Seabra e o doutor Campos da Paz deportados pelo marechal Floriano Peixoto para Cucuí”,** onde foi tirada uma foto, é daí que vem a expressão “pras cucuias”. Os

* No Rio de Janeiro, os republicanos insistiram com o marechal Deodoro da Fonseca para que ele chefiasse o movimento revolucionário que substituiria a Monarquia pela República. Depois de muita insistência dos revolucionários, Deodoro concordou em liderar o movimento. O golpe militar, que estava previsto para 20 de novembro de 1889, teve de ser antecipado. No dia 14, divulgou-se a notícia (que se revelou falsa) de que era iminente a prisão de Benjamin Constant Botelho de Magalhães e de Deodoro. Por isso, na madrugada do dia 15 de novembro, Deodoro iniciou o movimento que pôs fim ao regime imperial.

** Cucuí é um distrito do município brasileiro de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, distante 150 km da sede municipal de São Gabriel da Cachoeira e a 850 km de Manaus. Cucuí fica na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Venezuela, onde hoje se localiza um pelotão de fronteira do Exército brasileiro.



Campos da Paz vieram, portanto, de Minas e ficaram com a mania de repetir o nome Manoel Venâncio, não sei por quê. Quem quebrou a tradição foi meu pai, Aloysio, que resolveu começar tudo de novo. Hoje até meu neto se chama Aloysio...

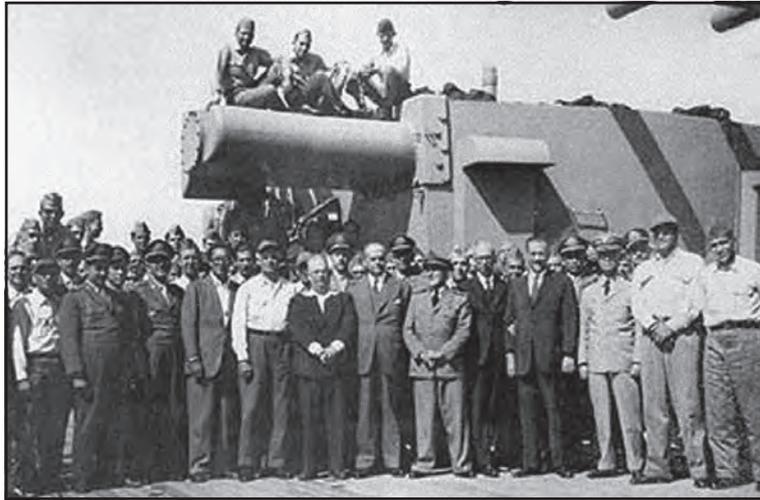
De Bananal, os Campos da Paz foram bater com os costados no Rio. O pai de meu avô, com sacrifício, começou a educar seus dois filhos Manoel Venâncio e José Custódio: Era oficial da Marinha e morreu cedo. “Vovô” Nunes, diz a família, terminou bancando os custos da educação dos dois. Meu avô se formou em medicina, e tio Zé Custódio foi para a Marinha. Vovô foi preso em 1935 como comunista, e tio Zé Custódio em 1937 como integralista.* Como se vê, a família sempre foi dialética... De resto, ela tinha vários militares na Marinha, no Exército e na Aeronáutica. Um deles, Nelson Freire Lavenère Wanderley, fez, ao lado do tenente Casimiro Montenegro, no dia 12 de junho de 1931, num Curtiss Fledgling K-263 da aviação militar, o transporte da primeira mala postal entre Rio e São Paulo. Mais tarde, foi chefe do Estado-Maior das Forças Armadas. Outro, do Exército, servia na bateria do forte de Copacabana quando,

* A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um partido político fundado em 7 de outubro de 1932 por Plínio Salgado, escritor modernista, jornalista e político. Plínio Salgado desenvolveu o que viria a ser a AIB, com a SEP (Sociedade de Estudos Paulista), que foi um grupo de estudo sobre os problemas gerais da nação, em 1932. Tão logo o partido iniciou suas atividades, influenciado pelo fascismo italiano e pelo nazismo alemão, começaram a acontecer conflitos com grupos rivais, como a Aliança Nacional Libertadora (ANL), de forma análoga aos conflitos entre partidos fascistas e socialistas da época em diversos países. Assim, como outros movimentos nacionalistas, o integralismo brasileiro é considerado um movimento da classe média com um grande número de adeptos da Marinha. Com a instauração do Estado Novo em novembro de 1937, alguns integralistas insurgiram-se tentando dar um contragolpe na ditadura de Vargas, em 1938.

Pras cucuias...



O conde de Leopoldina, Alcindo Guanabara, José do Patrocínio, J. J. Seabra, Manuel Lavrador, marechal Almeida Barreto e doutor Campos da Paz, deportados pelo marechal Floriano Peixoto para *Cucuihy*, onde foi feita esta foto



Carlos Luz e a galera da UDN no Tamandaré



Cruzador Tamandaré forçando a barra

após a morte de Getúlio Vargas, o general Lott deu um golpe e a galera embarcou no cruzador Tamandaré* para assumir o governo em São Paulo.

Carlos Luz, Carlos Lacerda e toda a UDN** estavam a bordo. Ao entrar na enseada de Copacabana, o forte disparou um “tiro de aviso” que abriu um rombo na água na frente do Tamandaré. Ao que o telefone da torre de comando tocou: “Ô seus débeis mentais, vocês sabem quanto custou esse navio?...” É daí que vem a expressão “forçar a barra”. O gozado é que eu era adolescente e assis-

* Tamandaré – participação no movimento de 11 de novembro: quando Juscelino Kubitschek e João Goulart venceram as eleições em outubro de 1955, respectivamente para presidente e vice-presidente da República, houve uma divisão das Forças Armadas, pró e antigetulistas. A facção antigetulista, com o apoio do principal partido político de direita do país, a UDN, procurou invalidar a eleição sob a alegação de que JK tinha a simpatia dos comunistas e não tivera maioria absoluta dos votos em 11 de novembro. O general Henrique Batista Duffles Teixeira Lott, ministro da Guerra nomeado por Café Filho, desencadeou o movimento militar dito “de retorno ao quadro constitucional vigente”. Houve então a declaração de impedimento do presidente em exercício, Carlos Luz (Café Filho havia sofrido enfarte e estava afastado da Presidência). Lott determina o cerco ao Palácio do Catete durante a madrugada do dia 11, além da ocupação dos quartéis da polícia e da sede da companhia telefônica. Ao perceber a movimentação das tropas sediadas na capital federal, Carlos Luz, parte de seu ministério e outros embarcam no cruzador Tamandaré, comandado então por Sílvio Heck. Esse episódio ficou marcado devido aos tiros efetuados a partir de fortes do Exército no Rio de Janeiro contra a embarcação. A bordo estavam pessoas importantes, como Carlos Lacerda, Prado Kelly e os coronéis Jayme Portella e Jurandir Mamede, além da tripulação do navio. O cruzador Tamandaré rumou para Santos, uma vez que o governador de São Paulo, Jânio Quadros, acenava com a possibilidade de resistência e utilização das tropas do estado para garantir a permanência de Luz na Presidência, sob a liderança do brigadeiro Eduardo Gomes. Porém, o prometido apoio de Jânio não vingou, uma vez que o governador paulista se declarou a favor do movimento organizado por Lott. Carlos Luz não teve outra saída senão regressar com o navio para o Rio de Janeiro.

** UDN – a União Democrática Nacional foi um partido político fundado em 7 de abril de 1945 frontalmente opositor às políticas e à figura de Getúlio Vargas e de orientação liberal. Concorreu às eleições presidenciais de 1945, 1950 e 1955, postulando o brigadeiro Eduardo Gomes nas duas primeiras e o general Juarez Távora na última, perdendo nas três ocasiões. Em 1960, apoiou Jânio Quadros (que não era filiado à UDN), obtendo assim uma vitória histórica. Seu principal rival nas urnas era o Partido Social Democrático. Até as eleições parlamentares de 1962, a UDN era a segunda maior bancada do Congresso Nacional, atrás apenas da bancada pessedista. Nesse ano, o Partido Trabalhista Brasileiro tomou este segundo lugar da UDN. Como todos os demais partidos, a UDN foi extinta pelo governo militar que assumiu o poder em 1964. Entretanto, após o golpe militar de 1964, muitos quadros da UDN migraram para a Aliança Renovadora Nacional, a Arena, que passou a dar respaldo parlamentar aos militares até 1968, quando “o golpe dentro do golpe” fechou o Congresso Nacional.

┌

tíamos a tudo isso da praia; revolução de república de bananas ao vivo e em cores. Esqueci de dizer: quando o Forte de Copacabana ia fazer exercícios de tiro com seus canhões de alto calibre, tocava uma longa sirene para os moradores do Posto Seis abrirem as janelas, evitando que os vidros se quebrassem pelo deslocamento de ar. Naquele dia, não tocaram a sirene.

Um dia, em voo para o Rio, vi o Tamandaré deixando a barra e exclamei: “Olha lá o Tamandaré forçando a barra!” Ao que meu vizinho falou: “Eu era guarda-marinha, estava na proa e me molhei todo: por dentro e por fora...” Era o pai de um amigo meu que eu não conhecia. E completou: “Nunca ouvi tanto palavrão em italiano. Você viu um navio branco que vinha atrás do Tamandaré?” Era o Umberto C, transatlântico cheio de turistas italianos! O comandante, pelo rádio, descompôs a tripulação do Tamandaré, pois tinha entrado de gaiato em uma revolução sul-americana. Continuou: “Foi o único ato lúcido do almirante Penna Botto em toda a vida... não respondeu com os canhões do Tamandaré” (teria arrasado o Posto Seis).

Havia também vários outros militares na família, entre eles o general Rafael de Souza Aguiar, sobrinho de minha avó Rosina, que comandou Brasília após o golpe militar de 1964 e me livrou de boas. Tio Rafael, como a família o chamava, nos períodos difíceis, contava minha tia Nietinha, casada com tio Manoel, telefonava e mandava recado: “Vamos aí!” Ao que a galera escondia tudo quanto era livro de lombada vermelha...



Tia Nete discursando em favor das Diretas Já



!@#%`&()... 1964*



"A revolução redentora" – 1964: Teja preso!



Sobre tia Nietinha,* vovô com humor dizia: “Ahhhhh! Essas moças que sobem o morro com a cruz e descem com a foice e o martelo...” Sempre me lembro que quando adolescente tia Nietinha passou a dar festas em sua casa, no Jardim Botânico, botando discos de Glenn Miller na vitrola para que a “minha turma” convidada ficasse dançando.

Anos depois, na luta pelas Diretas Já, quando veio a Brasília, perguntei-lhe sobre uma coisa que me intrigava: “Tia Nietinha, quem eram aqueles caras que entravam pelos cantos no meio da festa?” Ela deu uma gargalhada e respondeu: “É que em cima estavam havendo reuniões do Partidão...” Ficávamos no andar de baixo como cortina de fumaça para a galera do andar de cima... ao som de Glenn Miller. Eu estou indo e voltando no tempo, à medida que a memória traz à tona fatos que de uma maneira ou de outra fazem parte de minha história.

Uma das irmãs de minha mãe, tia Marisinha, era casada com uma figura que teve enorme influência na minha formação: tio Jack Von Okel Tibiriçá – nome gozado porque era produto de uma mistura de famílias de origem canadense e paulista: os Almeida Prado, de tradicional família paulista, quando, de resto, como acontecia também na minha, cada vez que um morria todo mundo brigava. Era o negócio da herança.

* Tia Nietinha (Antonieta Hampshire Campos da Paz, 1911-1990) era uma militante convicta que deixou sua catequese em Petrópolis e com seu marido, meu tio Manoel, foi buscar no marxismo procedimentos eficazes para a mudança social. Foi presa várias vezes durante a ditadura militar.



O ramo de onde veio tio Jack adotou o nome Tibiriçá* em homenagem ao cacique. Depois teve até governador de São Paulo com esse sobrenome. Tio Jack era um sujeito extraordinário. Tia Marisinha e ele não tiveram filhos, e tio Jack “me adotou”. No seu apartamento térreo em Copacabana, em um recanto que até hoje existe, eu passava sábados com ele me mostrando a *Popular Mechanics*, em que se aprendiam várias coisas (ele também achava que eu ia ser engenheiro), e livros que ensinavam o funcionamento de motores à explosão. Foi lá que pela primeira vez tomei Coca-Cola. Era um xarope preto que ele derramava em um copo, dentro do qual espirrava “água sifonada” (era uma garrafa que tinha ligado a ela um tubo com ar comprimido e quando você apertava um botão espirrava a “água com gás”). Ele tinha um carro Ford V8 com rádio e tudo e nos convidava a passear. Quando o rádio encrascava (era o tempo das rádios AM), ele o fazia funcionar chutando-o literalmente, e o negócio é que o rádio voltava a tocar.

Tio Jack dirigia uma fábrica da multinacional Rheem no subúrbio do Rio. Quando houve a greve geral dos metalúrgicos, no segundo período Vargas, a única fábrica que não entrou em greve foi aquela em que tio Jack trabalhava. Ele tinha criado uma série de benefícios, como bom refeitório, assistência médica, auxílio-transporte, ou seja, tudo aquilo que os operários reivindicavam na greve tio Jack tinha feito.

* Tibiriçá foi o primeiro índio a ser catequizado pelo padre José de Anchieta. Foi convertido e batizado pelos jesuítas José de Anchieta e Leonardo Nunes. Seu nome de batismo cristão foi Martim Affonso, em homenagem ao fundador de São Vicente. Sua data de nascimento é calculada em 1540. Seus restos mortais encontram-se na cripta da Catedral da Sé, na cidade de São Paulo. Em 1554, acompanhou Manuel da Nóbrega e Anchieta na obra da fundação de São Paulo e estabeleceu-se no local onde hoje se encontra o Mosteiro de São Bento, espalhando seus índios pelas imediações.

Mais ainda, ele foi para mim precursor da musicoterapia. Os alto-falantes da fábrica passaram a irradiar sambas, e ele mandou que as máquinas das linhas de montagem funcionassem no ritmo das músicas.

A produtividade superou todas as expectativas: os operários trabalhavam se balançando ao ritmo dos sambas! Tio Jack era a antítese do personagem de Chaplin em *Tempos modernos*. Esse episódio fez com que a multinacional o convidasse para dirigir as fábricas do complexo industrial em Gênova, Turim, Milão, que tinha greve todos os dias; e para lá ele se foi com tia Marisinha no início dos anos 1960. Era o começo do Mercado Comum Europeu. Moravam em um apartamento – e que apartamento! – em Milão, e mais de uma vez Elzita e eu, que estávamos estudando na Europa, fomos visitá-los (com tudo pago).

Quando tio Jack chegou a Milão, foi alvo de uma grande discussão entre os *commendatori*. É que na Itália todo mundo importante tinha que ter título... “*Sei ingegnere?*” “*No*”. “*Sei commercialista?*”* “*No*”. É que tio Jack tinha feito pós-graduação em administração no Canadá; para isso, na Itália não tinha título. Ao que um dos *commendatori* bradou: “*Lui sarà il consigliere*”. Tio Jack, afinal de contas, estava lá para dar conselhos.

Um dia, convidou-me para ir a um batizado na casa de um mestre, chefe de linha de montagem, e lá fomos nós, no seu Opel de luxo, através de uma estradinha que de repente atravessava uma típica cidadezinha do norte da Itália com uma praça de chariz no meio. Ninguém! Casas cinzentas marginavam a praça.

* Na Itália, a faculdade é de Economia e Comércio, e a pessoa que se forma recebe o título de *commercialista*.



Maria de La Roque e Jack Von Ockel Tibiriçá



Tio Jack e tia Marisinha. Jaaaaaaaaaack



Tio Jack e Isabella



“Tio Jack, não é aqui; não tem ninguém!” Ao que ele sorriu e respondeu: “Espera”. Nisso, uma janela de um terceiro andar abriu-se com estrondo e uma velhinha com um só dente de chupar jabuticaba berrou: “*Il consigliere è arrivato!*” E as portas começaram a se abrir com a italianada toda com garrafas de vinho, pão e salame para fazer a festa... Quando ele voltou para o Brasil, abriu uma fábrica de prateleiras em São Paulo; se alguém ia encomendar alguma, para demonstrar que as prateleiras eram resistentes, ficava pulando em cima delas para mostrar que não entortavam. Assim era tio Jack.

Tia Marisinha era uma dama, de distinção incrível, que vestia Chanel. Até hoje Priscilla, minha filha, tem um Chanel que tia Marisinha deixou para Elsita. Tia Marisinha vivia tentando conter os ímpetos do marido com exclamações: “Jaaaaack...” Guardo dela uma memória suave. Teve uma dor de barriga, foi levada a uma “trambiclínica”* em São Paulo, acharam que ela tinha alguma coisa na vesícula – ela tinha mesmo era muito dinheiro –, e em vez de medicá-la, abriram tia Marisinha e ela morreu de septicemia. Agora vamos voltar no tempo.

* “Trambiclínica” – nome com o qual designo as “casas de saúde” que têm como objetivo implodir o orçamento alheio e fazer procedimentos por dinheiro e não por boa prática médica. Atenção, ricos, abastados e portadores de cartões de crédito nível platinum! Vocês estão em perigo, porque frequentemente tais clínicas matam uns e outros e nunca são julgadas pela corporação.

CAPÍTULO II

COLÉGIO MELLO E SOUZA

Em Copacabana, havia um colégio de elite dirigido por um professor com posições de esquerda – doutor Luiz de Mello Campos. Entrei lá no segundo ano primário. Tinha um ônibus cinza-azulado que vinha nos buscar em casa. Nessa época já estávamos mudando da Rua Nascimento Silva para um apartamento na Rua Cupertino Durão, no Leblon. Ia fazendo algazarra e carregando uma lancheira na qual minha mãe colocava pão, chocolate e uma pasta de couro com os cadernos. Do Mello e Souza guardei muitas memórias, porquanto todo o meu primário e o secundário foram lá.

“Láááááá.” Era dona Branca, professora de música, soprando o diapasão para que começássemos a aula: “Salve lindo pendão da esperança...” E por aí ia. Lá, fiz grandes amigos e tive as primeiras namoradas.

Vinte e oito de agosto de 1947, doutor Luiz entra na sala de aula. Todos se levantam (naquele tempo os mais velhos eram respeitados). “Aloysio, vem comigo para ver seu avô.” O velho Manoel Venâncio estava morrendo. Naquela época não havia essas malditas terapias intensivas, e as crianças eram levadas



Em Copacabana havia um colégio de elite, dirigido por um professor com posições de esquerda – doutor Luiz de Mello Campos



para se despedir daqueles que partiam. Guardo na memória um quarto em um hospital, uma tenda de oxigênio e duas pessoas, uma vestida com um terno preto – Luiz Carlos Prestes – e outra com uma roupa escarlate. Meu avô, profundamente respeitado, era capaz de conciliar os extremos!

O religioso se dirigiu a meu avô: “Campos, permita que eu lhe dê a extrema-unção”. “Não peça ao seu amigo de vida que renuncie na morte àquilo por que sempre lutou durante a vida! Morro como um comunista, lutando como um leão”, e morreu. Essas coisas ficam gravadas e servem de referencial. Firmeza e coerência, coisas não muito em moda nos tempos que passam.

Lembro-me das brigas na esquina, onde havia um bar, e das confusões que eu aprontava quando desafiado: “Duvido você enfiar a caneta na minha mão”. Vapt. “Aaiiiii”, era o Cleofas, que se sentava na minha frente e estava com a caneta espetada na mão.

“Aloysio, fora da aula! Apresente-se na Diretoria...” Por falar em Cleofas,* quando já estávamos no ginásio, tínhamos um professor, Cantú, de geografia, que começou a ensinar astronomia para a gente. Fizemos uma “vaquinha” e compramos um telescópio, que ficou montado no teto do apartamento do Cleofas. “*Ora, direis, ouvir estrelas...*” O negócio é que o telescópio ficava apontando para baixo, na direção de

* Cleofas Ismael de Medeiros Uchôa hoje continua curtindo o céu, só que agora do seu observatório particular montado na torre de sua casa na praia de Manguinhos, na cidade de Búzios, onde reúne amigos e estudantes da região para, através de moderno e computadorizado telescópio Celestron 14, com uma aproximação de até seiscentas vezes, apreciar alguns dos 10 mil corpos celestes catalogados no computador. Filho de tradicional família pernambucana, Cleofas nasceu no Rio de Janeiro com a ajuda de parteira numa casa no Bairro de Botafogo, mas criou-se em Ipanema, nas Ruas Montenegro (hoje Vinícius de Moraes) e Nascimento Silva. Colégios, frequentou os tradicionais Notre Dame, Fontainha, Santo Inácio e Mello e Souza, antes de entrar para o Colégio Naval (1952).

um apartamento onde meninas dadivosas davam festas. Um dia, o professor Cantú chegou antes da hora determinada e acabou com a farra, encerrando nossa carreira de astrônomos.

Tinha outro professor que me marcou muito e ensinava história. Era um “armário” que jogava vôlei em Copacabana, queimado de sol, e mostrando músculo para todo lado. Na primeira aula escreveu no quadro-negro, que por sinal era verde: “Meu nome é Tacarijú Tomé de Paula”, e virando-se para a galera murmurou “entre os dentes”: “Quem rir leva porrada”. Aí o pessoal passou a respeitá-lo, afinal sobrava músculo. Esse professor era um gênio! Ensinou-nos miscigenação por meio de um projetor de *slides* 6 x 6 daqueles de gaveta, através do qual projetava em uma tela perfis de portuguesas do Minho e em seguida africanas. Virava-se para nós e dizia, apontando para os traseiros: “Portuguesas chatas feito tábuas e africanas com glúteos avantajados: dá pra aguentar? E aí se baseia a miscigenação”. Nunca me esqueci disso.

Eu e Cleofas crescíamos juntos, passando de ano em ano.

Anos 1950, um cinema em Copacabana. Um menino de 16 anos. Um filme sobre a vida de um trompetista. Como fundo para as atuações de Kirk Douglas, Lauren Bacall, Doris Day e Hoagy Carmichael (autor de *Stardust*), extraordinários solos de trompete por Harry James. O filme, *Young man with a horn!* O garoto, eu. Saindo do cinema, pedi dinheiro a meu pai, fui direto a uma loja de instrumentos e comprei um trompete para estudantes. Tanto infernizei os ouvidos dos de casa que minha mãe me fez devolver o instrumento. Tristeza... Meu pai vê numa loja do centro do Rio um trompete *Selmer*, topo de linha, igual ao que



O Selmer – custou um mês de salário...



Chiquinho e seu ritmo no clube Caiçara, 1951. Da esquerda para a direita: Chiquinho na bateria, eu com meu Selmer, Thomas Peter Han, Luizinho Eça, Fernando Gebara e Eduardo Gasparian com seu acordeon



"Pelada" no Arpoador, 1952

Harry James tocava! Custou um mês de salário! Começo a infernizar todos em volta e, aos poucos, vai saindo alguma música. Conheço Luizinho Eça, que era do Colégio Mallet Soares, perto do Mello e Souza, e com outros formamos um conjunto.

Chegamos a tocar em festas e bailes no Fluminense. Luizinho, que mais tarde ficou famoso no movimento bossa nova com seus acordes dissonantes incríveis, Marcos Spilman, Francisco Horta, Fernando Gebara e outros. Sucesso entre as moças (afinal, trompetistas dão sorte).

Chiquinho Horta, que tocava bateria na banda, resolve criar um time de futebol: o Nacional. Jogávamos nas areias da Lagoa Rodrigo de Freitas contra outros times locais. Vocês podem não acreditar, mas naquele tempo a Lagoa tinha praia. Eu era goleiro. Depois dos jogos pegava a bicicleta e ia para a turma que se reunia para jogar vôlei e conversar na praia do Arpoador, naquele tempo, deserta, e com muito poucas casas. Depois, à tarde, íamos para a casa de Roberto e Elza Goulart em Copacabana conversar e dançar (vários namoros e até casamento saíram daí).

Meu pai tinha me dado uma bicicleta inglesa Harley-Davidson, e eu ia para todo lado.

O Mello e Souza feminino ficava na esquina da Praça General Osório, em Ipanema. Voltávamos para casa no bonde 12, que passava um pouco antes da saída do Mello e Souza feminino, o que nos fazia correr para pegá-lo pelo estribo, a fim de olhar as meninas que estavam saindo do colégio e pegando o mesmo bonde na direção do Bar Vinte, onde havia conexão com o bonde que ia pelo Leblon até a Gávea. As meninas usavam uma blusa azul-clara e uma saia azul-escura pregueada, abaixo do



A "turma": "Barracão de zinco sem telhado..."!@#\$%¨&*



No sítio do doutor Letácio



Recreio no Recreio

joelho. Minha primeira namorada foi uma lourinha que conheci em um baile de carnaval e morava na Tijuca. “Na Tijuca??? Na Zona Norte?” Minha irmã perguntou assustada. Vocês podem não saber, mas “bairrismo” é costume até hoje no Rio... Tanto é assim que a nova unidade da Rede SARAH é localizada pelos “cariocas Zona Sul” como situada na “Cidade da Barra”.

No Leblon, nos anos 1950, fundamos o Grupo Excursionista do Leblon e ficávamos subindo e descendo os morros do Rio. Eu era o cozinheiro, e, para desespero da galera, levava feijoada e doce de jaca, ambos em lata. Quando se tem menos de 20 anos você aguenta até pedra britada. De vez em quando dona Gui (Guiomar Jansen, mãe de Letácio Jansen Júnior) nos levava para passar o fim de semana no sítio do doutor Letácio pai, que ficava em Piraí. Um dia, papai me levou à loja *Sears* na praia de Botafogo e lá comprou uma *Winchester* modelo 1892 (papo amarelo). Com a devida munição e após um tremendo pileque, resolvi, brincando de bandido e mocinho, mandar bala na casa do sítio do doutor Letácio. Todo mundo deitou no chão, e a casa ficou, para raiva do dono, toda furada. De outra vez, João Ricardo Serran, o Joca, que também era chegado a explosivos, fez comigo uma bomba com pólvora preta comprada em Piraí. Abrimos um buraco no morro por onde passava a estrada. Calculamos o tamanho do pavio, e quando o doutor Letácio veio com seu carro conversível, acendemos no tempo certo – buummm!!! E o velho chegou babando de raiva. O barranco tinha desmoronado. Letácio Júnior gostava de tocar violão e era apaixonado por uma das moças da turma, que cismava em cantar: “Barracão de zinco, sem telhado, sem pintura lá no morro, barracão é bangalô...” um horror!

┌

O sítio tinha uma cachoeira entre as pedras e também havia principalmente a excepcional bonomia de dona Gui, mãe do Letácio Jr., aturando todos aqueles selvagens. Meu apelido ficou sendo “bunda do Thomas”. Uma tarde, um colega nosso, o Thomas, muito braaaanncoo, estava tomando banho nu na cachoeira. Eu portava uma espingardinha de chumbo do Letácio Jr., que caiu na asneira de dizer: “Duvido que você acerte na bunda dele!” Tummm. “Aiii!!!” E lá se foi a paciente dona Gui extrair o chumbinho da bunda do Thomas... A paciência de dona Gui era, para dizer o mínimo, inesgotável. Uma vez, já casados, Elsita e eu voltávamos com ela em seu carro para o Rio. Foi quando, na beira da estrada, vimos um pequeno vira-lata preto, triiiiiiste. “Páááára!!!” Dona Gui freiou o carro sem saber o que era, no que eu pulei fora e trouxe o cachorrinho para dentro de seu automóvel todo limpo. Pulga e berne para todo lado. Dona Gui falou: “Essa não dá!” Tanto insisti que ela desistiu, e lá fomos para o Rio com o tal do cachorro e o carro de dona Gui cheio de pulgas. Elsita e eu colocamos o vira-lata na banheira do nosso apartamento e passamos horas afogando as pulgas e tirando os bernes. Demos a ele o nome de Negrito, e ele ficou conosco durante muito tempo. Quando disse a Letácio que estava escrevendo estas memórias, ele me mandou o seguinte *e-mail*: – “Pô!!! Quando você falar do sítio, conte também a história daquele vira-lata preto, que é bem o espelho da sua obstinação, mais tarde revelada. E olha que a mamãe era – e continua sendo – dureza. Letácio Jr.”

Quando a mesada dava, íamos comer em uma pizzeria perto do Túnel Novo, em Copacabana, e encher a cara de cerveja. Um dia, completamente bêbados, vínhamos pela Rua



Infernizando os vizinhos. “Bluuuuue moooooonn...”

Tonelero, onde morava o Luiz Antônio Garcia, e vimos seu pai, doutor Marcelo, que era pediatra de renome, ao que, de pileque, exclamei: “Eu conheço esse nariz!” E lá se foi toda a pizza e a cerveja para fora – um vexame.

Apesar dos meus esforços, o pessoal não achava muita graça nos sons que eu produzia no trompete, pois insistia em telefonar para todos e soprar *Blue moon* no telefone... Anos depois, na Faculdade de Medicina, quando era interno da Santa Casa, assisti a uma conversa entre os professores Cruz Lima e Clementino Fraga Filho: “Isso aí que você tá falando não é nada; quando eu estava estudando para docência, tinha um desgraçado de um garoto que ficava soprando uma corneta na casa da frente!”

Aí me lembrei de que via pela janela um senhor com a cabeça entre as mãos, tapando os ouvidos, enquanto eu estudava escalas. Aliás, devo dizer que início de estudo de trompete lembra uma vaca mugindo no cio. Um horror! Naquele tempo, quando meu pai me matriculou na Escola Nacional de Música, os professores pouco iam, quando iam, e nós não tínhamos ninguém com quem aprender. Até que aportou no Rio um navio da Finlândia, deixando um trompetista que tinha um *Cornet Martin* e começou a dar aulas em seu pequeno apartamento no Leme.

Meu avô, já no fim da vida, costumava me chamar de “meu engenheiro”, porque eu tinha mania de ficar montando e desmontando coisas. Quando estava me preparando para o vestibular, doutor Luiz de Mello Campos me disse: “Você vai estudar engenharia, porque não consegue passar em medicina, profissão de seus ‘maiores’”. Ah, é? Fiz vestibular para a Faculdade de Ciências Médicas, passei em 12º lugar e fui de



empáfia contar ao doutor Luiz (seu apelido era Lutz). Morreu em um desastre de automóvel. Foi assim que entrei na Faculdade de Medicina, que ficava em São Cristóvão na época, um subúrbio industrial do Rio. Para mim, garoto Zona Sul, no fim do mundo.

CAPÍTULO III

FACULDADE DE MEDICINA

Dia 24 de agosto de 1954, Bairro de São Cristóvão, uma cancela bloqueava os trilhos do trem que atravessavam a rua. Depois, a rua continuava na direção da Quinta da Boa Vista, perto da qual ficava o prédio da Faculdade de Ciências Médicas.

Operários correndo na direção de um bar, onde um rádio “capela”* transmitia no volume máximo: Getúlio Vargas tinha se matado com um tiro no peito! Para muitos da minha geração que se dividia de forma maniqueísta entre os que eram a favor do segundo governo Vargas e aqueles que apoiavam a UDN, cujas posições Carlos Lacerda verbalizava, o mundo tinha acabado. Íamos para uma aula de anatomia e mudamos o roteiro na direção do centro da cidade, chegando até o Palácio do Catete. Lá, uma multidão já cercava o Palácio onde jazia o corpo de Vargas, e alto-falantes repetiam a carta-testamento: “Deixo a vida para entrar na história...”

Naquele momento, para os que da minha geração pensavam como eu, o país tinha terminado com todos os sonhos das refi-

* Modelo de rádio AM antigo em caixa de madeira, geralmente em forma de uma capela.

narias, das siderúrgicas, das grandes estatais, enfim, de tudo o que o segundo governo Vargas simbolizava. Era a consequência funesta da “República do Galeão”.*

Se nesses momentos alguém me dissesse que em consequência de uma liderança carismática que apontava o futuro, seis anos depois eu iria descer de um avião para começar minha vida profissional em uma nova cidade que tinha sido construída por aquele mesmo povo que chorava, eu julgaria que estavam loucos. Entretanto, em maio de 1960, cheguei a Brasília para começar minha vida como médico. Ahhhh!!! A faculdade! Quase ia me esquecendo dela na emoção dos fatos narrados que marcaram minha geração. Achei a faculdade uma merda!

Tinha entrado para a Escola de Medicina pensando no que ouvia nas conversas da mesa de domingo na casa de meu avô: amor, humanismo e dedicação ao próximo. Encontrei em aulas áridas professores na maioria indiferentes, quando não sádicos, que jogavam ossos do punho em cima da mesa de exame e rosnavam: “Identifique-os!” Entretanto, entre os pesados volumes de anatomia humana do Testut** e os livros de fisiologia, começava a pensar que estava descobrindo os mistérios da vida...

* A constante e ferrenha oposição a Vargas e a seu governo, comandada pela União Democrática Nacional (UDN) e por Carlos Lacerda, não era novidade no cenário político brasileiro. Os opositores de Vargas, que vinham desde os tempos de seu primeiro governo, tiveram, no episódio que passou para a história como o Atentado da Tonelero, uma chance ímpar de “batalhar” pela causa da renúncia. A responsabilidade pelo atentado que em 5 de agosto visou a Lacerda, mas vitimou o major-aviador Rubens Vaz, foi imediatamente atribuída ao governo, mais precisamente ao presidente Vargas. Mais uma vez Lacerda usou a *Tribuna da Imprensa*, de sua propriedade, para atacar, declarando: “Perante Deus, acuso um só homem como responsável por esse crime. Este homem chama-se Getúlio Vargas”. Era o início do fim.

** *Traité d’ Anatomie Humaine par L. Testut.*



Faculdade de Ciências Médicas, 1954. Ainda não existiam as “trambifaculdades”

Naquele tempo, para se estudar anatomia era bom ter um esqueleto. A forma de obtê-lo era comparecer como parente a uma exumação de um indigente em um cemitério da Santa Casa de Misericórdia... Assim, levei para casa em uma caixa de chumbo o “Darci de Oliveira”, que tem me acompanhado ao longo da vida e hoje se encontra no Museu de Anatomia do SARAHEM em Brasília. Um dia, fui acordado com murros na porta de nosso quarto no primeiro apartamento que Elsitae eu ocupamos em Brasília. Era o doutor Letácio, aquele da explosão no sítio em Piraí, que tinha vindo pela primeira vez a Brasília. Ele se hospedava conosco, dormia em meu escritório e resolvera investigar o que havia dentro de uma caixa de chumbo embaixo da cama: encontrou o Darci...

No segundo ano as coisas começaram a melhorar. É preciso que se diga que eu, garoto Zona Sul, só tinha em toda a turma um colega que lá morava: Ronaldo Mendes de Oliveira Castro. Outros, Messias Dias de Araújo Júnior, Abib Cury, ou moravam na Zona Norte do Rio ou eram filhos de fazendeiros ricos do interior. Tinha um, José Quinan, que era de Goiás, e por isso merecia as gozações do “carioca Zona Sul”: “Médico de onça...”

Anos depois, quando em Brasília, já tendo voltado da Inglaterra, fui chamado a Anápolis para operar uma criança. Na maior empáfia, virei-me para a cabeceira do doente e perguntei ao anestesista que estava atrás da cortina que eles colocam até hoje: “Posso começar”? Ao que o José Quinan, anestesista que no futuro seria professor da Federal de Goiás, saiu de trás da cortina e rosnou: “Médico de onça é a mãe, seu merda...”

Fiquei também amigo de um paulista de Ribeirão Preto, João Paulo Musa Pessoa, que contrariava o dito de Nelson Rodrigues.* Estudávamos juntos e juntos caminhamos ao longo dos seis anos. No terceiro ano, cometi meu primeiro crime literário: escrevi uma apostila sobre propedêutica cirúrgica, que circulou na turma até com algum sucesso.

Desde o segundo ano da faculdade, meu pai, achando que eu devia trabalhar, encaminhou-me a seu amigo doutor Edmar Terra Blois, que era chefe do Departamento de Organização Sanitária do Ministério da Educação e Saúde e da Escola Nacional de Saúde Pública. A ele ficava subordinada uma enfermaria no Hospital Gaffrè Guinle, na Tijuca.

Comecei a trabalhar como escriturário e também colhia sangue para análise em busca de casos de sífilis. Dava um plantão noturno às terças-feiras na maternidade, plantão chefiado por um médico que me dava boa-noite, assinava o ponto e desaparecia. Aprendi a fazer parto com uma auxiliar de enfermagem/parteira. Como vocês podem ver, irresponsabilidade na medicina não é coisa nova.

No Gaffrè Guinle ia um médico, Anísio Jordi, que depois teve um papel importante no meu caminhar. Ele era ortopedista e trabalhava com Haroldo da Rocha Portella no Hospital São Zacharias da Santa Casa da Misericórdia, na entrada do Túnel Novo, entre Botafogo e Copacabana. Lá, havia um serviço de ortopedia para onde mais tarde fui como interno por indicação de Anísio Jordi.

Haroldo Portella, boa gente, gostava de papai, me recebeu bem, e lá fui ficando, preparando ataduras de gesso com pó de

* Nelson Rodrigues dizia: "Não há solidão maior do que a companhia de um paulista", maldade rodrigueana.



Pronto-Socorro do Lido, 1958

gesso e tarlatana, assistindo e depois ajudando em cirurgias. Foi por isso, um acaso, que eu me encaminhei para a ortopedia... Além disso, o São Zacharias, localizado na entrada do túnel novo, ficava na Zona Sul e era perto do Lido, facilitando as idas e vindas.

Vamos voltar no tempo. No fim do primeiro ano da faculdade, houve um baile de formatura do futuro marido de minha irmã. Foi no Hotel Glória, e, naquele tempo, dançando ao som da orquestra de Severino Araújo, íamos “embrulhados para presente”, vestindo *smoking* com faixa de cetim na cintura e tudo. Nessa festa, conheci Elsita, que era amiga de uma amiga de André, meu futuro cunhado.

Elsita teve um papel definitivo em minha vida, vindo comigo para Brasília e me aturando todos esses anos. Outro dia, fizemos cinquenta anos de casados. Elsita e eu criamos três filhos: Isabella Cristina, que desde pequenina cantava com um vozeirão, jogava roupas para os pobres pela janela lá na Superquadra 111 Sul, que as pegavam embaixo (inclusive sapatos novos dos irmãos), e tratava da alimentação de um “hiponga”, que cismou em morar debaixo de uma lona na quadra de esportes da Superquadra 111 Sul, onde na época ficava nosso apartamento. Isabella estudou música, tem um vozeirão, gravou um CD de MPB e agora se dedica também à musicoterapia.

Priscilla, pequenina, desenhava e veio a se tornar uma excepcional *designer*. Um dos seus melhores trabalhos foi para a capa de um CD que gravei no trompete lembrando meus tempos de “beco das garrafas”.



A primeira dos três



Aloysinho chegou: Priscilla e Isabella – “Quem é esse cara?”



Primeiras letras: Elsit e Isabella Cristina



Manhã de domingo: Elsit, Aloysinho, Priscilla e Isabella



Conceição



Debaixo da saia da Ceiga



Isabella



Priscilla, a segunda a chegar, protestando em cima da árvore



Com Aloysio Neto, o terceiro que veio



Isabella ontem...



... e hoje



Priscilla ontem...



... e hoje



Aloysio Neto ontem...



... e hoje



Aloysio Neto: “Pode deixar que eu monto...”

Aloysio se entretinha em desmontar desde relógios e aparelhos eletrodomésticos, para desespero da família e principalmente da “Ceixa”, uma figura incrível, mineira, que os aturou desde a infância até a juventude. Aloysinho cismava, depois das “artes”, em se esconder debaixo da saia da Ceixa, que saía correndo atrás dele de vassoura. Estudou engenharia eletrônica, formou-se em psicologia e hoje é íntimo do mercado financeiro. “Crise mundial? Ahhh! Pai, bobagem...” Eu que não entendo nada disso, diante da informação, parei de ler jornal... No tempo, chegaram quatro netos, três louros com cabelo de palha e uma, já adolescente, típica morena brasileira... Vão dar trabalho!!!

No quinto ano da faculdade de medicina, havia dois concursos que todos os estudantes do quinto e do sexto anos das três faculdades do Rio faziam: para “interno da porta da Santa Casa” da Misericórdia do Rio de Janeiro e outro para “interno da assistência pública”, o Pronto-Socorro. Essas duas instituições mantinham, juntamente com os hospitais dos institutos de Previdência Social,* a maior rede de hospitais públicos do país.

* O Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) do Brasil foi criado em 1966, originando-se da fusão de todos os Institutos de Aposentadoria e Pensões existentes à época. A Previdência Social no Brasil deu seus primeiros passos com a Lei Elói Chaves, de 1923, que criou as Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAPs). Em 1930, Getúlio Vargas suspendeu as aposentadorias das CAPs durante seis meses e promoveu uma reestruturação que acabou por substituí-las por Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs), que eram autarquias de nível nacional centralizadas no governo federal. Dessa forma, a filiação passava a se dar por categorias profissionais, diferentemente do modelo das CAPs, que se organizavam por empresas. Ao longo dos próximos anos surgiram os seguintes institutos:

1933 – IAPM – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos;

1934 – IAPC – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes;

IAPB – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários. Decreto nº 24.615, de 9 de julho de 1934;

1936 – IAPI – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários;

1938 – Iapetec – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas;

1941 – Ipase – Instituto de Pensões e Assistência aos Servidores do Estado;

1953 – Capfesp – Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários e de Empresa do Serviço.

1960 – Iapfesp – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários e Empregados em Serviços Públicos.

Em 1964, foi criada uma comissão para reformular o sistema previdenciário que culmina com a fusão de todos os IAPs no INPS (Instituto Nacional de Previdência Social). Todo esse sistema passou, posteriormente, a ser subordinado ao Ministério da Saúde.

Na época, havia três faculdades de medicina no Rio e uma em Niterói. No total, considerando-se o quinto e o sexto anos das quatro faculdades, eram oitocentos candidatos para doze vagas na Santa Casa e bem mais para o Pronto-Socorro.

As faculdades de medicina particulares ainda não tinham se tornado um comércio, que, competindo com as universidades públicas, transformaram-se em verdadeira praga, formando (?) uma multidão que paga para passar. Passei nos dois e fui trabalhar no Hospital-Geral da Santa Casa e na Unidade para Atendimento de Afogados na Praça do Lido, em Copacabana. Todas as enfermarias da Santa Casa eram chefiadas por professores da faculdade de medicina.

Fazíamos a triagem, e se o professor era chato, ficava olhando para o teto e “chupando goiaba”, porque não via a cor de um doente. Depois de cada atendimento, fazíamos anotações em um grande livro preto de folhas numeradas. Havia uma coleção desses livros que datava de muitos anos, com anotações de figuras importantes da história da medicina brasileira, como Carlos Chagas, Clementino Fraga e outros, que foram “internos da porta”. Como muitas outras coisas no Brasil, esse tesouro deve ter ido para o espaço...

Lembro-me que em uma noite de plantão observei minha colega escrever com letrinha de moça no livro: “Às vinte e três horas atendi na enfermaria tal a paciente fulana, na qual o professor sicrano deu hoje de manhã uma aula de ascite.* Ela foi por mim levada para a maternidade, onde pariu um feto a termo do sexo masculino...”

* Ascite – acúmulo de líquido na cavidade peritoneal geralmente relacionado com insuficiência hepática.



– Menina, não escreva isso!

– Tá escrito e eu não tiro, mesmo porque as folhas são numeradas.

De manhã, como eu era chefe dos internos, cargo para o qual tinha sido eleito, fui chamado para dar satisfações:

– Moleque! Tira aquele negócio!

– Professor, não pode, as páginas são numeradas...

Tive que estudar a matéria dele feito um condenado para não ser reprovado no final do ano.

Havia vantagens. A Associação dos Internos da Santa Casa patrocinava cursos noturnos para os quais convidávamos livres-docentes que estavam subindo na carreira e davam boas aulas. A Santa Casa era uma escola: hospital-escola das faculdades de medicina. Lembro-me também, no último ano, de, assistindo a uma aula no curso de farmacologia, o professor entrar com um pequeno volume de brochura verde – o *Manual Merck* – produzido pelo laboratório *Merck Sharp & Dohme*. Lá estavam impressas de forma impecável em papel-arroz todas as doenças, com seus sintomas e os remédios; adivinhem de que laboratório? O professor anunciou: “Esta é a última turma de farmacologia!”

Até aquele momento aprendíamos a “formular” os remédios.

Ele continuou: “A partir de agora, vocês serão escravos da indústria farmacêutica”.

Não deu outra. Ser “interno da porta” da Santa Casa era um posto de muita importância para estudantes de medicina. Na verdade, o primeiro passo para a carreira acadêmica. Vários professores da faculdade tinham sido “internos da porta”.

┌

O trabalho dos internos se dividia em dois momentos em um plantão de 24 horas: de manhã, fazíamos “na porta”, atrás de um grande balcão protegido por vidro, a triagem para os vários ambulatórios nas enfermarias, enfrentando filas enormes; a partir de meio-dia, entrávamos em “plantão no Hospital-Geral”, ou seja, ficávamos andando de um lado para o outro com um enfermeiro carregando uma maleta de madeira cheia de drogas, que iam desde a trinitrina* para tratar angina até morfina para edema agudo do pulmão.

Havia também um bisturi para “sangria”, que ainda era usada no edema agudo. Quem dava “as dicas”, era o enfermeiro, que, macaco velho, sabia das coisas e frequentemente dizia: “Doutorzinho, faz isso, faz aquilo...”

No Pronto-Socorro do Lido o negócio era divertido. Dava plantão terça à noite e domingo de dia. Terça-feira era o dia do “agito” em Copacabana, já com “beco das garrafas” e tudo mais. Domingo dávamos plantão ou no Lido ou no Clube Marimbás, colado ao Forte de Copacabana. A ideia era que de lancha chegássemos rapidamente para salvar alguém que estivesse se afogando. Depois passamos a ficar só no posto, e os salva-vidas traziam os acidentados. Foi lá que aprendi a entubar um doente.

Todo o sistema de emergência do Rio funcionava interligado por rádio, e todos os postos e hospitais tinham ambulâncias também com um rádio AM e uma antena enorme. Um dia foi programada uma demonstração de saltos de paraquedas

*Trinitrina – nos primórdios do uso da nitroglicerina, ela era empregada tanto para o tratamento das dores da angina como para o diagnóstico diferencial entre a falsa e a verdadeira angina. Atualmente, embora os conceitos para angina e infarto tenham mudado, essa observação dos primórdios de eficácia ou não da nitroglicerina ainda é válida. Alguns medicamentos atualmente usados para dilatar as coronárias são derivados da nitroglicerina.



na praia de Copacabana. Ouvimos pelo rádio as centrais da Secretaria da Saúde comunicando-se com os organizadores dos saltos e aconselhando que estes fossem suspensos. Mas os aviões DC-3 já tinham decolado com os paraquedistas, e a orla de Copacabana já tinha mais de 1 milhão de pessoas esperando. Ventava muito. Foi um horror. Ficamos de cima para baixo em lanchas recolhendo náufragos.

As ambulâncias saíam com os internos, um enfermeiro e um motorista. O enfermeiro tinha um bonezinho branco, modelito Moammar Kadafi, e “sabia das coisas”.

Lembro-me que um dia recebi a ordem que sempre vinha em um bilhete comprido, no qual escrevíamos o ocorrido embaixo de duas indicações: ou “P.mal” ou “T.parto...” O chamado em questão era para a subida do morro Chapéu Mangueira, no Leme. Na subida do morro, a ambulância parou, e o enfermeiro, sabido, virou para trás e me disse: “Menino, não salta não!” Do lado de fora estava um armário, tipo personagem de samba do Moreira da Silva,* que, num vozeirão, informou (?) ao enfermeiro: “Não precisa mais não, o elemento já virou presunto...” Voltamos, tendo eu assinalado no boletim: “Ao chegar ao local do socorro, foi constatado que a vítima já tinha falecido, tendo sido, por rádio, feita a comunicação ao Instituto Médico-Legal, que vai providenciar a remoção...”

* Antonio Moreira da Silva, Rio de Janeiro (1902-2000). Foi um cantor e compositor brasileiro também conhecido como Kid Moringueira – o rei do samba de breque. Uma de suas frases mais famosas é: “Bom malandro não anda sempre na linha que o trem pega...” Seu último sucesso foi o samba *O rei do gatilho*, de Miguel Gustavo, cuja letra falava de um *cowboy* que tinha por companheiro fiel um índio, era o Kid Moringueira, que passou a ser seu apelido.



Como se vê, as coisas não mudaram muito no Rio de Janeiro, que, na minha visão, como na canção de Gilberto Gil, “continua lindo”. A última lembrança que tenho do Posto do Lido é de 21 de abril de 1960. Estava de plantão, e à meia-noite inauguravam-se a nova capital do Brasil e o Estado da Guanabara. Corri para o pátio de ambulâncias, e, ao pipocar dos fogos, ligamos as sirenes de todas as ambulâncias estacionadas. Eu tinha a nítida certeza de que começava um novo momento.

CAPÍTULO IV

BRASÍLIA

“Bobagens, minha filha, ‘fumaças’ do Juscelino... A gente vai lá, faz uma sessão inaugural no Congresso e volta tudo para o Rio...”

Foi o que Elsitinha ouviu quando foi perguntar a um senador se o negócio de Brasília era para valer. (Ela tinha feito concurso e trabalhava na biblioteca do Senado.) Na mudança da capital, o Senado manteria uma “representação” no Rio de Janeiro. Em outras palavras, só alguns iriam para Brasília (os mais jovens...). Aqueles que tivessem um impedimento familiar, por exemplo, o marido da funcionária trabalhava no Rio, etc., poderiam optar por ficar no Palácio Monroe,* mais tarde demolido – mentalidade de Macunaíma: destruir para viver a nostalgia do já ter tido...

Eu tinha estado duas vezes em Brasília. A primeira, por participar de uma greve de todas as faculdades do Rio: Jus-

*Já se passaram mais de trinta anos desde sua demolição, mas o Palácio Monroe continua despertando polêmica. Ele foi projetado pelo general Francisco Souza Aguiar para a Exposição Internacional de Saint Louis, em 1904. Seu projeto foi premiado. Pela primeira vez uma obra da arquitetura brasileira era reconhecida internacionalmente. Terminada a exposição, o Palácio foi reconstruído no Rio de Janeiro, sendo este o primeiro edifício oficial inaugurado na Avenida Central, em 1906.

celino, esperto, acabou com a greve mandando todos os líderes no seu avião Electra visitar Brasília... A segunda vez foi quando o Senado resolveu patrocinar uma viagem de funcionários que queriam conhecer a nova capital em construção e que pensavam em ser transferidos.

Aterrissamos no meio de um imenso canteiro de obras com nuvens de poeira, máquinas e operários por todos os lados. Passamos o dia, Elsitá e eu, conduzidos por um engenheiro em seu jipe. Entramos no Palácio da Alvorada, passamos por acampamentos e vimos a Esplanada dos Ministérios com os prédios ainda em estrutura metálica. Naquela noite fomos deixados para descansar no Brasília Palace Hotel,* cansados e empoeirados. Poeira vermelha que subia aos céus em redemoinhos que eram chamados “lacerdinhas”, em referência a Carlos Lacerda, porque chateavam muito. De noite, acordamos com um ruído ao longe.

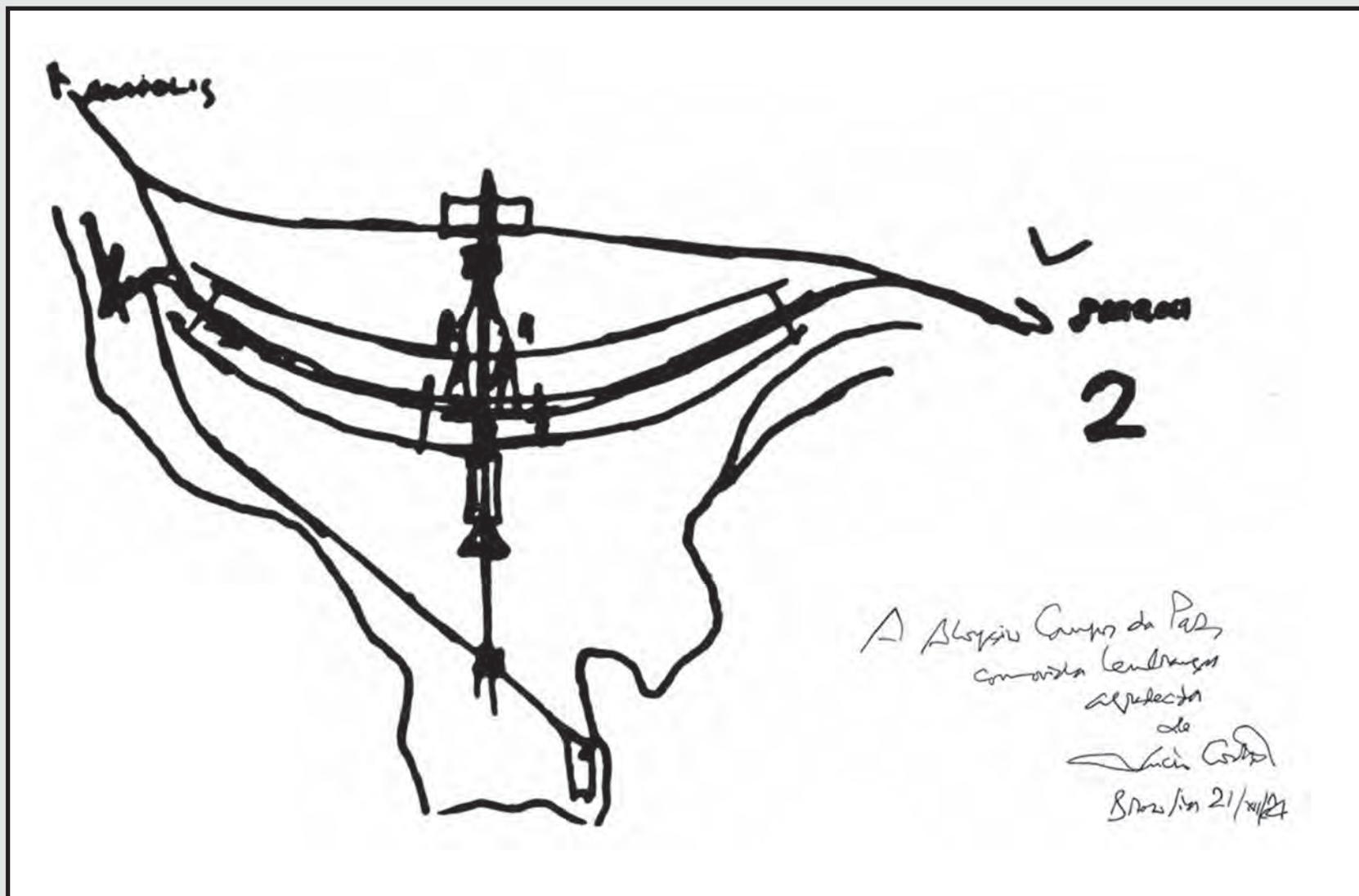
Os quartos davam para um longo corredor, onde eram localizadas janelas. Através de uma delas vimos a distância luzes e fochos de holofotes rasgando o céu. O ruído vinha da cidade que estava sendo construída. Eram três horas da manhã, cena para nunca ser esquecida! Naquele momento decidimos vir para Brasília.

Meu chefe de plantão no Pronto-Socorro do Lido tinha me convidado para trabalhar com ele em sua cidade, Valença, no então Estado do Rio. Lá ele dirigia um hospital. Em uma visita ao nosso apartamento, que ficava em uma praça onde

* O Brasília Palace é um hotel histórico, pois foi o primeiro da cidade. Foi destruído por um incêndio em 1978 e recentemente recuperado.



1959 – Esplanada dos Ministérios e engenheiro na construção da represa do Paranoá



"A Aloysio Campos da Paz, comovida lembrança agradecida de Lucio Costa, Brasília 21/12/84"

terminava a ladeira que desce da favela Dona Marta, fez o convite formalmente. Foi quando Elsitá perguntou: “Quantas casas se constroem em Valença?” “Ah! Lá tem muito progresso, pelo menos uma casa a cada dois meses.” Tínhamos visto uma cidade inteira sendo construída dia e noite. A decisão estava tomada: íamos para Brasília.

Na verdade, eu não queria ficar no Rio de Janeiro, e a razão era ao mesmo tempo simples e complicada. Minha família era de gerações de médicos, todos eles bem-sucedidos e, portanto, respeitados, cada um no seu tempo. Quando eu me sentava na banca de exames ao final de cada ano na faculdade de medicina, quase sempre o professor examinador perguntava: “Campos da Paz? Você é parente do fulano ou do sicrano?”

E aí começava a falar sobre os feitos dos Campos da Paz... Exame, nada... No final, fazia alguma pergunta besta e disparava: “Vá embora, menino, 10! Você já aprendeu medicina em casa...”

Um dia, na Santa Casa, o provedor ministro Lafaiete de Andrada, udenista convicto, chamou-me ao seu gabinete: “Aloysio, teu pai está muito preocupado com essa tua ida maluca para Brasília. Assim, eu resolvi o seguinte: a enfermaria 17 vai ser desmembrada. Metade fica com você...”

Ele estava simplesmente me comunicando que eu receberia uma “capitania hereditária” pela qual os médicos, depois de se tornarem professores na faculdade de medicina, lutavam como feras para conseguir. Olhei para ele, de pé como eu estava (afinal ele era presidente do Supremo Tribunal e provedor da Santa Casa, coisa na época para poucos), e disparei:



Elsita - chegando em Brasília

“Ministro, o que o senhor está me oferecendo representa a verdadeira razão pela qual estou deixando o Rio. Se eu tiver que ser alguma coisa na vida, vou ser por meu próprio valor, e não por herança de meus maiores...” “Menino atrevido! Bem que teu pai me falou.”

Elsita comunicou ao Departamento de Pessoal do Senado que queria transferência, e eu procurei os escritórios da antiga Novacap, na Avenida Rio Branco, e me inscrevi para trabalhar no 1º Hospital Distrital de Brasília. Havia folhetos que mostravam um hospital moderno e bem equipado, que tinha um programa de residência médica, coisa que eu queria fazer. Naquele tempo só havia dois locais para residência médica em ortopedia: o Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo e o Hospital dos Servidores do Estado, no Rio de Janeiro. Ora, eu não era nem paulista nem nordestino, quase pré-requisito para a residência nos “Servidores”. Assim, resolvi que faria minha residência no novo hospital em Brasília. Procurei também o doutor Edmar Terra Bloes porque era funcionário do Ministério da Educação e Saúde e poderia ser transferido para a nova capital. Era um salário caraminguado, mas um salário, enfim.

Na semana seguinte, encostou um caminhão de mudanças e esvaziou nosso apartamento para levar tudo para a nova capital.

E lá fomos Elsita e eu para Brasília, 9 de maio de 1960. Não chegamos para a inauguração porque minha turma toda ficou em “segunda época” por indisciplina (a tal da greve).

A família, dos dois lados, foi toda para o Aeroporto Santos Dumont se despedir. Na pista, parado esperando, um qua-

drimotor Douglas DC-6.* Levantou voo e voltou duas vezes, coisa que a família considerou um sinal para ficarmos no Rio de Janeiro... Na terceira, depois de três horas e meia de voo, desceu no antigo aeroporto da nova capital. De lá, um ônibus do Senado nos levou para o que é hoje a Avenida W3, uma casa e uma imensa fila.

– Nome!

– Elsitá Lorlai Coelho Campos da Paz.

O funcionário consultou uma lista e nos entregou um par de chaves, informando:

– Superquadra 106, bloco 8, apartamento 605.

Íríamos morar num dos apartamentos que o Senado tinha reservado para cada um de seus funcionários.

– Onde podemos achar um táxi?

– Táxi????????? E lá fomos nós, carregando as malas e andando pelo meio dos acampamentos.

– Onde fica a Superquadra 106?

– ??????.

É que os candangos** só conheciam os locais pelos acampamentos das obras ou das instituições que as financiavam.

– Ahhhh, é no acampamento do IAPC.***

Depois de andarmos pelo meio de canteiros de obras e acampamentos e um festival de poeira vermelha, achamos

* O Douglas DC-6 foi um avião de motor a pistões construído pela Douglas Aircraft Company de 1946 a 1959. Tinha o apelido de “caixão voador”.

** Nome que designa cada um dos operários que trabalharam nas grandes construções da cidade de Brasília, geralmente oriundos do Nordeste do Brasil (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2002*).

*** IAPC – Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes.



Pôr do sol no lago Paranoá

o tal bloco 8 da 106. Subimos no elevador e, ao abrimos a porta, para nossa surpresa, deparamo-nos com imensos caixotes com toda a nossa tralha, naquilo que, para nós, vindos de um “apartamento” no Rio, era uma grande sala. Por sorte, um dos caixotes estava semiaberto, e lá de dentro tirei um tesouro: uma lata de salsicha. Comemos e fomos dormir em nossa cama, que felizmente tinha sido armada pelo pessoal da mudança, embrulhados em tecidos que estavam cobrindo os caixotes. Acordamos com um solzão – o sol do planalto, ao qual, nós do litoral, não estávamos acostumados.

O apartamento não tinha cortinas, e sem elas ficou durante muito tempo. A solução era jornal no vidro.

O primeiro deslumbramento do carioca que estava acostumado a olhar montanhas veio do horizonte infinito. Depois, o pôr do sol e revoadas de tucanos, sim, tucanos, que foram desaparecendo com outros animais à medida em que se devastava o cerrado com assentamentos irregulares para comprar votos e aumentar a miséria e com plantações de soja que acabaram com as perdizes e as codornas que encontrávamos por todo lado.

Um dos caixotes continha roupas, e lá achei um uniforme branco, até com sapatos. Tomei um banho frio, vesti o uniforme e, enquanto Elsitá procurava botar ordem em toda a tralha, desci vestido como médico jovem, balconista de farmácia ou babalaô para me apresentar no 1º Hospital Distrital de Brasília. Fiquei na beira do Eixo Rodoviário Sul, por onde passavam centenas de caminhões carregando “candangos”. Cara de paisagem, esperando um ônibus... Afinal, tinha vindo da “Velhacap”, cidade civilizada...

Depois de muito esperar e comer poeira, resolvi fazer sinal para um dos caminhões que carregavam os candangos nas boleias. Parou.

– Qualé?

– Quero ir para o 1º Hospital Distrital de Brasília...

Começou uma discussão danada na boleia. Ninguém sabia onde era o tal do hospital. Até que um deles berrou:

– Ahhhh é a “obra do Ipase”.*

Subi na boleia e lá fui eu. Nessa altura, o branco do uniforme já estava meio que para o amarelo. De repente o caminhão deu uma “freada de arrumação”, e eu, quase em cima do teto do motorista, escutei:

– Vai saltando aí.

Aí era literalmente um cerrado que estava cortado por uma pequena picada. Aí o motorista falou:

– Vai por aí que você chega lá...

E lá fui eu andando no meio de uma vegetação que não conhecia até então e que, como meu uniforme, já tinha suas folhas verdes cobertas de poeira vermelha. De repente me vejo na frente de um grande barracão azul com uma cruz vermelha pintada em cima da porta de entrada. Na frente, um cidadão vestido como eu, balançando-se em uma cadeira.

– Aqui é que é o 1º Hospital Distrital de Brasília?

– Pronto, chegou mais um otário...

– Vá entrando aí, menino.

Depois da porta tinha um corredor de tábuas, a maioria solta, que rangiam a cada passada.

* Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Servidores Estaduais, extinto em 1977.



Hospital Distrital, 1960: Célio Menicucci, Abadio Marques Neder e eu, bem acompanhados

- O que você faz?
- Eu vim fazer residência de ortopedia.
- Ortopedia? É lá no final do corredor.

Lá, encontrei um monte de ataduras gessadas com um candango encarapitado em cima.

Eu, que já estava começando a aprender a lógica do local, estiquei o queixo e bradei:

- Quem é você?
- Meu nome é Dalvino – disse o candango.
- O que você faz?
- Até ontem dirigia um trator. Me mandaram para cá.
- A partir de agora você vai ser técnico de gesso!

E foi assim que seu Dalvino foi o primeiro de uma geração de técnicos que treinei. Acontece que, quando fui saber da minha famosa residência, descobri que não só não havia o hospital (só o barracão de madeira), assim como eu era o único “ortopedista”. Tinha mais outro que não aparecia.

A sorte é que eu tinha trazido um livro – dois volumes pesadíssimos que tenho até hoje: *Atlas de tratamento das fraturas e luxações*, de DePalma, uma preciosidade com as páginas cheias de desenhos ensinando a tratar tudo quanto é tipo de fratura – na maioria dos casos, conservadoramente.

Toda hora um caminhão (as ambulâncias não tinham chegado) despejava um monte de candangos “quebrados” no pátio do barracão. E lá ia eu, folheando as páginas do DePalma ver o que tinha que fazer. Depois de algumas sema-

nas, Ernesto Silva* me entregou um papel que me nomeava “chefe da Unidade de Ortopedia e Fisioterapia do 1º Hospital Distrital de Brasília”. Chefe de mim mesmo. Residência?

Trabalhava de sol a sol, e quando ia de noite para casa, que já tinha sido arrumada por Elsitá, “desmaiava” na cama. Ao que Elsitá me cutucava: “A ambulância está aí embaixo”. Uooooonnnnnnn, tocava a sirene. Mais um acidente. E lá ia eu.

Aos poucos, com a prática, as leituras do DePalma e um manual de ortopedia que tinha trazido, as coisas iam andando. Até que não fiz muita besteira. Os exemplos que tinha recebido no Rio serviam em meu cotidiano.

Nessa época, já tinha descoberto, do outro lado da cerca, um pequeno hospital de tijolos vermelhos, cheio de crianças com sequelas de paralisia infantil.

Era o Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek, que tinha sido inaugurado junto com Brasília, no dia 21 de abril, pois fora construído a pedido de dona Sarah. Ela, levando uma de suas filhas para ser examinada na Inglaterra, no mesmo hospital onde mais tarde eu me formei, o Nuffield Orthopaedic Centre, viu uma área de reabilitação e resolveu que em Brasília deveria ter uma igual.

As crianças que estavam no Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek tinham sido vítimas de uma das últimas epidemias de poliomielite no Brasil. Em sua grande maioria eram



Com Ernesto Silva e Sávio Pereira Lima no dia em que virei chefe (de mim mesmo)

*Ernesto Silva (1914-2010) foi secretário da Comissão de Localização da Nova Capital do Brasil (1953-1955); presidente da Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal (1956); diretor da Novacap (1956-1961); e conselheiro da Fundação Educacional e da Fundação Hospitalar do DF (1960-1961). Foi membro de diversos órgãos ligados às áreas de saúde e cultura no Distrito Federal.



21 de abril de 1960 – Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek, o “Sarinha”. Depois da inauguração, os quadrados de grama verde eram levados para a próxima solenidade...

filhos de funcionários federais transferidos. Lá trabalhava uma mulher notável que também tinha sequela de pólio: Helena Cortopasi Sales, que cuidava das crianças. Eu tinha visto, quando interno, muita pólio no São Zacharias, e de uma maneira ou de outra, pelo menos duas vezes por semana, ajudava Helena em sua faina diária. Nessa época eu já pensava que as responsabilidades que viriam no futuro seriam incompatíveis com todo o autodidatismo da aventura que descrevi.

Com alguns dias de Distrital, chegou “o primeiro caso grave”. Um candango tinha levado um tiro no tórax. Foi uma correria danada. Um cirurgião, que prefiro não declinar o nome, depois de uma radiografia feita às pressas que mostrava a bala aparentemente localizada no pulmão direito, estava com “priapismo cirúrgico” esperando alguém para operar. Baseado apenas em uma radiografia ântero-posterior, levou o candango para a sala de cirurgia, onde ele foi anestesiado com auxílio de uma enfermeira usando uma antiga máscara de Obredane.* Chamou-me para ajudá-lo e... vuuupt, abriu uma avenida no tórax do candango. Foi quando se ouviu: pliiimm... É que a bala estava debaixo da pele, e com o bruto corte caiu no chão.

O elemento virou-se para mim e disse:

– Agora você fecha a incisão.

– ㄣㄣ!@#\$\$%`&%`&*()8. Fecha você que não fui eu que fiz essa !@#\$\$%`&*()!

A foto (tinham chamado um fotógrafo para documentar a

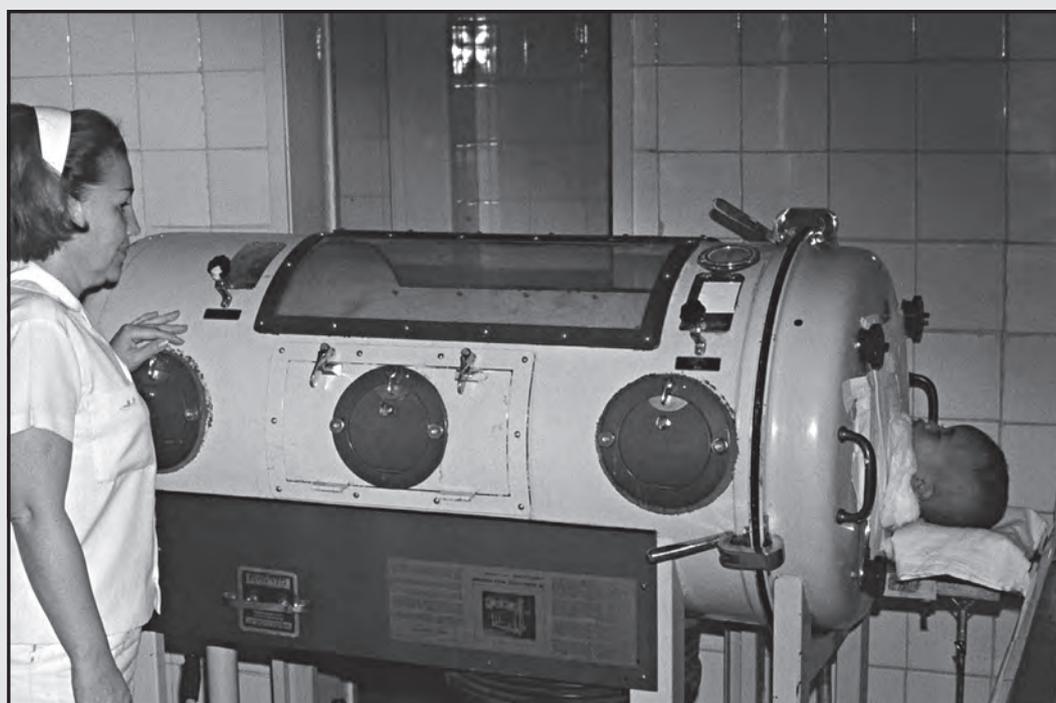
* Máscara de Obredane – artefato para anestesia em circuito aberto que consistia em objeto com a forma de uma peneira forrada internamente com algodão e sobre o qual o médico ou a enfermeira gotejavam cloreto de etila ou éter. O doente ficava anestesiado. As paradas cardíacas eram frequentes, e também frequente era o fato de que todos na sala sentiam o efeito do anestésico...



Hospital Distrital de Brasília (HDB), 1960 – Pliiimm... e a bala caiu no chão!



Aeroporto de Brasília, 1960 – chega a vacina Salk



Última epidemia de pólio: Helena Cortopasi Sales tratando criança com pólio em “pulmão de aço”, primeiro HDB

primeira cirurgia do futuro Distrital, que na época ainda era o barracão de madeira) está aqui no livro.

Entretanto, no Distrital, já ganhava um bom salário, o suficiente para, junto com o de Elsitá, em um ano comprarmos um fusca no Núcleo Bandeirante.* Em nossas primeiras férias, fomos com ele ao Rio, e lembro-me que um dia, quando estacionado na Praça Serzedelo Correa (aquela do “guinhol”), espiava com orgulho as pessoas rodearem o carro, apontando para a placa onde estava escrito “Brasília...” Era a grande novidade!

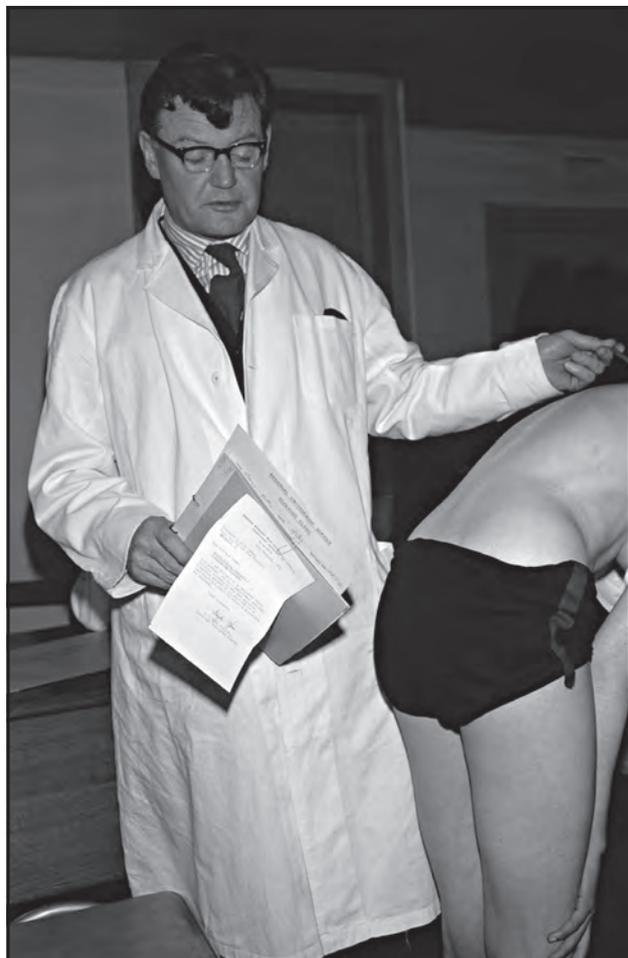
Esse fusca gerou parte do “capital” que mais tarde levei para a Inglaterra, pois naquela época já procurava como fazer uma pós-graduação no exterior. O primeiro caminho óbvio era os Estados Unidos, e iniciei meus estudos para o exame que permitia a qualificação para residência em um hospital naquele país.

O Hospital Distrital já estava em construção. Era uma imensa estrutura metálica que de dia parecia um formigueiro povoado de candangos gerando um barulho ensurdecido de vigas de ferro sendo serradas, soldas, arrebites martelados e tudo o mais. Ao meio-dia tocava uma sirene, e todos eles desciam e se deitavam no pátio que ficava em frente à obra, absolutamente imóveis, aproveitando uns poucos minutos para descanso.

A sirene tocava de novo, e lá iam eles subindo na estrutura metálica. Na frente do hospital, no final da semana, parava o ônibus pagador da Caixa Econômica Federal, e os candangos faziam fila



* O Núcleo Bandeirante também se chamou “Cidade Livre” devido ao fato de que os comerciantes ali instalados tinham direito ao uso do terreno sem custos pelo prazo de três anos e durante o mesmo período também não pagavam nenhum imposto. Esse critério era adotado com a ideia de que, em 1960, o Núcleo Bandeirante seria simplesmente extinto com a inauguração de Brasília. Era, portanto, o paraíso dos comerciantes, que vindos dos quatro cantos do país aumentavam em grande escala, dia após dia.



"Jip" James, pioneiro na escoliose – Londres, 1963

para receber seus salários e um caminhão de horas extras. Trabalhavam de dia, trabalhavam de noite. Às vezes, depois de colocar gesso em um braço quebrado, o candango metia a mão no bolso da calça, tirava uma maçaroca de dinheiro e “chuchava” no bolso da gente – “Toma lá para uma cerveja...” “Vai praaaaa M!”

O diretor era o Bayard Lucas de Lima, um general médico, boa praça, que vivia dizendo: “Aqui vai ser um hospital de alto gabarito...”

Um dia fui chamado pelo Doutor Bayard, pois tinha chegado às portas do hospital em construção um ortopedista americano que queria visitá-lo. Visitar aquilo que ainda não estava pronto. Bayard sugeriu que eu o levasse ao Centro de Reabilitação. Como lá eu tinha uma criança e não sabia como me conduzir, mostrei para o tal ortopedista a radiografia. “É uma escoliose; você usa a classificação de James?” “?????????” “Você não conhece a classificação de James?” “NNNNããããão”. “Mas me disseram que você era ortopedista...” “!@#%`~&*()!@#%`~&*!!!”

Nesse momento decidi que tinha que sair de qualquer jeito. Por sorte, o Conselho Britânico estava oferecendo bolsas na Grã-Bretanha para jovens que tinham vindo para Brasília. Tive uma entrevista com o diretor e consegui uma bolsa. O problema agora era acertar com Elita para irmos juntos, ambos para a Universidade de Londres. Mas o problema mesmo era como chegar lá. Fiquei sabendo que o diretor da Panair era um empresário de sucesso, Celso da Rocha Miranda, que também pertencia à direção do Conselho Britânico, cuja sede principal era no Rio. Seu irmão, arquiteto, Alcides da Rocha Miranda, era do Conselho Diretor da Fundação Univer-

sidade de Brasília e coordenador do Instituto Central de Arte da UnB. Conheci o doutor Alcides durante um atendimento simples no Distrital e resolvi procurá-lo. Deu-me um bilhete para Celso. Fui para o Rio e o procurei na sede do Conselho Britânico, na maior cara de pau, sem marcar entrevista nem nada. Naquele tempo, assalto e rapto não estavam na moda... Leu o bilhete de seu irmão e disparou:

– O que é que você quer?
– Ir para a Inglaterra.
– Estou de saída, me procure depois – ao que se levantou e eu fui atrás dele.

Ele tinha um carro Bentley parado na porta do Conselho no centro do Rio. Ele entrou e eu atrás:

– O que você está fazendo aqui no meu carro?
– Quero ir para a Inglaterra!
– !@#%`&*()1234567890!!!.
– Pra quê?
– Como diz aí o bilhete do doutor Alcides, quero fazer pós-graduação em ortopedia.

Nessa altura, já estávamos lá pela praia de Botafogo, ao que Celso berrou para o motorista:

– Paaaaraa!

Ele pegou um cartão de diretor da Panair e escreveu: “Entregue ao portador deste um bilhete Rio-Londres...”

– Éééééé. Dr. Celso, eu vou mas volto, e minha mulher também vai...

Olhou-me com um olhar irônico, pegou o cartão de volta e escreveu: “Ida e volta; e para a mulher também”. Foi assim que eu fui bater com os costados na Inglaterra...



“Nas asas da Panair” – rumo a Londres.

CAPÍTULO V

INGLATERRA

*"The rain in Spain stays mainly in the plain"**

Eu tinha aprendido inglês ouvindo e lendo as letras das canções de Cole Porter, com uma ou outra namorada americana no Rio e também com tio Jack quando com ele lia *Popular Mechanics*, a revista americana que era dedicada à ciência e à tecnologia. Inglês Roskopf.** Ao chegar a Londres, verifiquei, para meu desespero, que ninguém entendia o que eu perguntava e eu não entendia nada do que falavam, apenas uma ou outra palavra. A sorte é que, tendo estudado música, desenrolei a língua e logo me adaptei.

O Conselho Britânico me indicou para o Royal National Orthopaedic Hospital, da Universidade de Londres. Não havia um programa definido para os estagiários. Mesmo que eu lá viesse a conhecer algumas figuras notáveis da ortopedia inglesa na época, não havia mecanismos de cobrança, e tanto fazia se eu fosse ao hospital ou a um cinema de arte numa

*Da canção da peça *My fair lady*, inspirada em *Pygmalion*, de George Bernard Shaw. Simboliza a maneira de pronunciar a língua inglesa da forma mais correta (e pedante).

** Marca de relógio que ficou no tempo conhecida pelo seu preço mais acessível, pois como não tinha sido protegida por patente, qualquer manufatura poderia copiá-la, fazendo com que o nome passasse a ser usado para adjetivar alguma coisa malfeita. O relógio era fabricado com peças estampadas nos Estados Unidos, chegando a ser denominado "*1 dollar watch*" (relógio de um dólar).

sala que ficava perto da Great Portland Street, onde estava plantado o Royal National.

Conheci, entre as figuras que lá estavam, um radiologista – Ronald O’Murray* – que me permitiu copiar todo o arquivo de radiologia osteoarticular do Royal National. Comprei uma máquina Voidtlander Bessamatic, três lentes, e fiquei de posse de um tesouro!

Eu tinha vendido um fusca por 500 mil cruzeiros ao deixar Brasília. Isso dava cerca de 500 libras, e com esse valor comprei um carro novo em folha que tinha acabado de ser lançado, o Mini Morris, com o qual Elsita e eu andamos depois pela Europa. Quando cheguei com as 500 libras no banco e disse que queria abrir uma conta, encaminharam-me ao gerente. Estava levando aquela dinheirama toda em papel, pois tinha comprado as libras no Brasil.

O gerente olhou para a mesa, puxou o bolo de notas para sua gaveta e, depois de me pedir documentos, disse que o dinheiro ia ficar ali por dois dias até a conta ser aberta. É que ele não achou normal um cara entrar pela porta com uma “baba” que dava para comprar um carro à vista e queria saber a origem daquele negócio.

A minha sorte é que nós estávamos hospedados na Casa do Brasil, que ficava perto, em Lancaster Gate. Pelo menos fome eu não passei. A partir daí, toda vez que eu ia ao banco, o gerente me tratava como milionário sul-americano... Um



O Mini Morris em frente à “salvação da lavoura” – macarronada ao domingos...

* Ronald O. Murray, M. B. E., M. D., F. R. C. R., um dos grandes nomes da radiologia músculo-esquelética internacional. Foi o chefe da radiologia do Royal National Orthopaedic Hospital.



Great Portland Street – Royal National Orthopaedic Hospital

dia entrei antes do tempo na sua sala e ele estava com o pé na cadeira engraxando o sapato. Afinal, eu tinha chegado com um bolo de dinheiro...

Um dia fui à biblioteca do Royal National e solicitei: “Você poderia me dar alguns artigos sobre a operação de Lambrinudi?”* “O Senhor quer artigos ou prefere ler os prontuários de *mister*** Lambrinudi?”

Eu não sabia que Lambrinudi tinha sido cirurgião do Royal National... No dia seguinte, em uma mesa da biblioteca, estavam empilhadas dezenas de prontuários com anotações do próprio Lambrinudi. Ele fazia observações muitas vezes cáusticas sobre seus próprios resultados! À medida que eu lia as anotações, ia percebendo com clareza que diante de mim estava, na verdade, mais do que um livro – uma análise crítica do próprio homem que tinha desenvolvido uma técnica. Tive a clara noção que me serviu para o resto da vida: o prontuário era a gênese do livro.

Esse fato me fez refletir por que, com o tempo, foram surgindo os conflitos que passaram a dominar a prática diária, muito pela gradual desqualificação médica no Brasil, resultante da proliferação de faculdades “pagou-passou”. Isso se

* Constantine Lambrinudi (1890-1943), descreveu em 1927 uma nova operação para o “pé caído”, comum em pólio. Revisões feitas no tempo começaram a demonstrar um alto índice de insucesso, e isso fez com que todas as cirurgias de Lambrinudi feitas no Royal National Orthopaedic Hospital, algumas pelo próprio Lambrinudi e outras por cirurgiões que trabalharam com ele, fossem objeto de revisão (*J Bone Joint Surg Am.* 1977; 59 (4) : 473-9).

***Mister* – quando um cirurgião faz exame e é aprovado na Royal Society of Medicine, passa a ser chamado de *mister* em vez de *doctor*. O reconhecimento formal da habilidade dos barbeiros emergiu da Companhia dos Cirurgiões Barbeiros. Entretanto, isso foi gradualmente pressionado pelas entidades médicas, e em 1745 foi formada a Companhia dos Cirurgiões. Em 1800, uma “carta real” (prerrogativa) foi assinada, e o Colégio Real dos Cirurgiões, em Londres, passou a existir. Posteriormente, a medida se estendeu para a Escócia, a Irlanda e todas as colônias do Império.

refletiu na consignação no prontuário, em função também do receio quanto aos “advogados de porta de hospital”. Hoje o prontuário é censurado pelo próprio médico, que nele consigna os dados do paciente. Poucos atingem o *status* para poder dizer: não deu certo! E é senso comum que o aprendizado vem da análise do erro. Esse é um dos problemas principais da crise na medicina contemporânea.

Por sua vez, as novas gerações cresceram em períodos de arbítrio e se confundem, com receio de serem julgadas pelos “Conselhos”* por eventuais erros que venham a cometer. Todos esses fatores influem na consignação dos fatos nos prontuários médicos, que passaram, principalmente nos Estados Unidos, e por extensão, no Brasil, a ser censurados pelos próprios médicos que os escrevem. Prontuário “chapa branca”, comportado!

Vamos voltar para a Inglaterra. Apesar de muitas experiências positivas, como algumas que narrei no Royal National, aos poucos fui percebendo que a falta de uma orientação sistematizada para quem, como eu, era bolsista resultava em uma acumulação no mínimo caótica do aprendizado de técnicas e não na sedimentação de conhecimento. Fiquei diante das alternativas: ou mudava ou voltava para o Brasil.

* Os conselhos federais constituem em seu conjunto uma autarquia, sendo cada um deles dotado de personalidade jurídica de direito público com autonomia administrativa e financeira. Têm sua sede na capital da República com jurisdição em todo o território nacional. Para cumprir suas funções, os conselhos funcionam como tribunais, apreciando denúncias e instaurando processos quando existem indícios de infração ética. Os conselhos, tal como foram constituídos, têm sua origem no corporativismo, doutrina que propugna a organização da coletividade baseada na associação representativa dos interesses e das atividades profissionais (corporações). O corporativismo tem sua origem mais remota na Carta Del Lavoro, de 30 de abril de 1927, que propôs “do Estado corporativo e da sua organização” e foi promulgada pelo regime fascista implantado na Itália por Benito Mussolini (*Memória Carta Del Lavoro: um modelo a se evitar na reforma trabalhista*, de Francisco José da Silveira Lobo Neto).



O mestre: "Não diz a ninguém o que acabou de me contar..."

Lembrei-me então que na inauguração do Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek esteve presente em Brasília Joseph Trueta i Raspall,* que era professor de ortopedia na Universidade de Oxford e tinha tratado uma das filhas de Juscelino. Resolvi escrever-lhe uma carta solicitando uma entrevista. Fui recebido em seu gabinete na Professorial Unit, no Nuffield Orthopaedic Centre, em Oxford. Trueta estava curioso porque eu tinha dito em minha carta que trabalhava em Brasília, frequentando o Centro de Reabilitação que ele, em 21 de abril de 1960, tinha inaugurado.

Pedi para que eu lhe contasse minha história. Quando terminei, disparou: "Vou aceitá-lo para você ser treinado na Professorial Unit. Agora tem uma coisa: você não diz a ninguém o que acabou de me contar, porque ou vão achar que você é mentiroso, ou vão achar que você veio de uma terra de malucos ou vão achar que eu sou maluco porque o aceitei... E nenhuma das três hipóteses nos é favorável".

Botei um esparadrapo na boca e comecei a seguir o programa que ele tinha traçado para mim. Eu tinha 27 anos de idade. Não sabia, mas Trueta havia sido convidado por Juscelino para que, quando se aposentasse de Oxford – o que aconteceu em 1976 –, viesse implantar a futura faculdade de medicina na Universidade de Brasília, que dava seus primeiros passos.

*Joseph Trueta i Raspall (1897-1977) – nacionalista catalão que se exilou na Inglaterra depois da Guerra Civil Espanhola. Durante a Segunda Guerra Mundial, ajudou a organizar as emergências médicas, principalmente após a retirada de Dunkerque, a chamada "operação dínamo". Foi quando usou seu novo método para tratamento de fraturas expostas, salvando grande número de vidas durante a guerra. Em 1949, foi eleito para a Nuffield Chair of Orthopaedic Surgery, na Universidade de Oxford, tendo-lhe sido possível reorganizar o Hospital Wingfield Morris como Nuffield Orthopaedic Centre (*J Bone Joint Surg Br.* 1977; 59 (2) : 243-5).



Com Trueta: "Me conta o que você viu..."



Com Charnley - aprendendo prótese total do quadril



Com Evans, a revelação: uma nova filosofia no tratamento da paralisia cerebral

De repente, ele se viu diante de um garoto atrevido que tinha vindo de Brasília. Resolveu apostar em mim. Entretanto, em 1976, ao se aposentar, o golpe militar já tinha eliminado a possibilidade de sua vinda.

Durante o tempo em que estive em Oxford, ele me enviou para todos os lugares que estavam sendo dirigidos por homens que geravam o conhecimento na época que veio a ser conhecida como “os anos de ouro”.

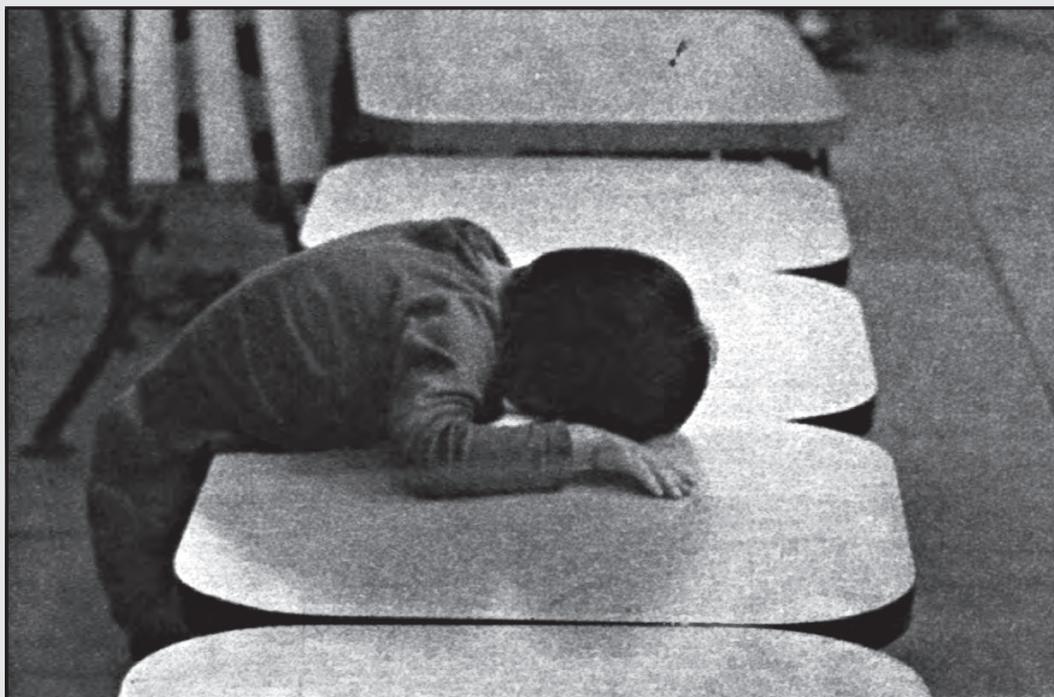
Depois de cada visita, eu voltava para Oxford e discutia com ele o que tinha visto, ouvindo suas observações. Indicou-me para membro da British Orthopaedic Association quando eu tinha ainda 28 anos de idade. Vivenciei nessas andanças a consolidação de progressos, como a prótese total do quadril com Charnley;* o alongamento ósseo com Anderson;** a cirurgia do pé torto congênito com Dillwyn Evans,*** que também me abriu as portas para o conhecimento da filosofia de tratamento da paralisia cerebral, enviando-me para Rhydlafer; a cirurgia da escoliose com James;**** a cirur-

* John Charnley (1911-1992) – desenvolveu a prótese total do quadril de baixa fricção, resolvendo de uma vez por todas o problema, até então insolúvel na área da substituição articular (*Rheumatology*, v. 41, p. 824-825, 2002).

** Willie Anderson (1902 - 1982) – cirurgião ortopedista em Edimburgo. Refinou a técnica de Abbott de alongamento da perna e supervisionou mais de quatrocentos alongamentos da tibia no Princess Margaret Rose Hospital, em Edimburgo. (*Journal of Bone and Joint Surgery*, v. 64B, p. 614, 1982).

*** Dillwyn Evans - Cardiff (1910-1974) – suas contribuições à ortopedia foram consideráveis, refletindo sua grande experiência no Glanely Hospital em síndrome do compartimento, um assunto que ele considerava particularmente importante por suas implicações médico-legais, e em granuloma eosinofílico. Seu trabalho principal, entretanto, foi relacionado com as deformidades do pé, e muitas contribuições importantes à cirurgia ortopédica surgiram de suas ideias simples. Seu trabalho publicado sobre pé torto recidivante tornou-se um clássico (*Who's Who in Orthopedic*, p. 100-101, 2005).

**** John Ivor Pulsford James (1913-2001) – tornou Edimburgo reconhecida como um dos maiores centros de ortopedia na Grã-Bretanha e atraiu treinandos de todo o mundo, muitos dos quais se tornaram professores. Publicou vários trabalhos e notabilizou-se pela racionalização do tratamento da escoliose (*Journal of Bone and Joint Surgery*, v. 84-B, p. 145-146, 2002).



Antes de Rhydrafar



Rhydrafar, País de Gales - a revelação, embrião da "Escolinha"



Com Edgard Somerville – Oxford, 1963

gia da artrite reumatóide com Savill,* que anos depois trouxe a Brasília, e tantas outras coisas...

Era tal o volume de informações de fonte direta que, quando voltei ao Brasil, durante quase dez anos abria o *Journal of Bone and Joint Surgery* e já conhecia o que lá estava escrito, publicado por aqueles com quem tinha estado. Por sua vez, ser enviado pela Universidade de Oxford para qualquer lugar da Grã-Bretanha equivalia a ser recebido com tapete vermelho. Todos eram homens profundamente honestos, verdadeiros cientistas. Lembro-me de Edgar Somerville,** que trabalhava em Oxford e com quem aprendi sua técnica cirúrgica na luxação congênita do quadril.

Na minha última semana em Oxford, Edgard Somerville me recebeu em sua casa. Passamos, desde o café da manhã até o jantar, eu perguntando e ele respondendo, mostrando pranchas onde estavam coladas fotografias com ampliações de radiografias e fotos de técnica operatória. Seus resultados eram, para dizer o mínimo, surpreendentes. Externei isso a ele. Sorrindo, colocou a mão em meu ombro (coisa que raramente os ingleses fazem) e disse: “Nunca se esqueça: nenhuma dessas crianças jamais será normal”.

Hoje acompanho crianças que tratei desde o nascimento e que já viraram os 40 anos e compreendo bem o significado profundo de suas palavras.

* Douglas Leslie Savill (1913-1973) – poucos na história da medicina prestaram uma contribuição tão relevante como Savill no desenvolvimento do tratamento cirúrgico da artrite reumatóide.

** Edgar William Somerville (1913-1996) – sua mais famosa contribuição foi no tratamento da luxação congênita do quadril. Ele foi um dos primeiros a defender uma abordagem cirúrgica, salientando o papel da inversão do “limbus” que prevenia a redução concêntrica da luxação. As crianças que ele tratou nunca recebiam alta e eram examinadas pessoalmente a cada ano em Oxford, como provam pôsteres com fotografias meticulosamente montadas com a história do problema de cada criança (*Journal of Bone and Joint Surgery*, v. 78-B, p. 679, 1966).



De outra vez, tive a oportunidade em um congresso de assistir à última conferência de John Charnley. Quando ele atravessou o corredor central do Royal Festival Hall em Londres para fazer sua conferência final, foi aplaudido de pé por mais de 5 mil cirurgiões. Falou durante 45 minutos, apresentando apenas e somente as complicações do método que tinha inventado! Na entrada do centro cirúrgico do hospital em Wrightington, tinha mandado escrever a seguinte frase: “Àqueles que atravessam essas portas, lembrem-se: aqui ainda se realiza uma cirurgia experimental”.

Dillwyn Evans, além de me ensinar sua técnica para tratamento do pé torto recidivante, abriu-me as portas para a compreensão da paralisia cerebral, da infância ao envelhecimento. Quando convidado para falar sobre paralisia cerebral na Royal Society Medicine, ao invés de levantar os casos que estavam em tratamento no Prince of Wales Orthopaedic Hospital, Rhydlafar – como qualquer um faria –, consultou arquivos de crianças que tinham se tratado trinta anos antes e chamou-as, agora adultos, para uma revisão. Sua conferência poderia ser resumida na frase: “E lá fiquei eu, horas e horas, ouvindo velhas mães empurrando velhas crianças em velhas cadeiras de rodas e exclamando: ‘Viu, doutor, ele está melhor!...’” Quando voltei ao Brasil, o Conselho Britânico me perguntou quem eu gostaria de convidar para uma visita de ensino a Brasília. Respondi: “Dillwyn Evans”. “Mas o senhor só esteve lá uma semana!” “Uma semana que me marcou para o resto da vida...” Em Rhydlafar, para onde ele me enviou, conheci pela primeira vez um centro de reabilitação para crianças com paralisia cerebral, todo ele focado na educação.



Aprendendo prótese total do quadril com John Charnley – Wrightington, 1963



Sharrard e Holdsworth – Sheffield, 1963

Estava plantado o gérmen da futura Escolinha de paralisia cerebral. Iniciava-se a experiência que mais tarde deu origem ao livro que com Lucia Willadino Braga* escrevi. Lembro-me muito também de minhas longas conversas com Sharrard** em Sheffield e da presença marcante de Holdsworth.*** Em uma visita de enfermagem, que estava lotada, parou ao lado de uma adolescente com paralisia cerebral grave. Resmungou com a enfermeira por ter permitido sua internação quando havia tantas fraturas esperando para tratar. A moça, com dificuldade, entregou para a enfermeira um pequeno papel onde estava escrito: “Eu sou um ser humano”. Seus olhos se encheram de lágrimas. Junto com John Sharrard, desenvolveu um programa insuperável para abordagem da paralisia cerebral.

Foi durante meu treinamento em Oxford que vivi um momento marcante na história do século XX. Morávamos em uma residência nos jardins do hospital. Havia uma sala com uma mesa redonda sempre renovada, pois entrávamos e saíamos de serviço não só no Nuffield Orthopaedic Centre, como também no Radcliffe Hospital, onde ficava o serviço de traumatologia e onde vi a primeira terapia intensiva.

* BRAGA, L. W.; CAMPOS DA PAZ JR., A. *The child with traumatic brain injury or cerebral palsy: a context-sensitive family-based approach to development*. Oxon: Taylor & Francis, 2006. 287 p. ISBN: 1841845035.

** William John Wells Sharrard escreveu um clássico, *Changes in the spinal cord in pólio*, que marcou a ortopedia do século XX. Como cirurgião e pesquisador, sua influência em ortopedia e traumatologia ficou permanente. Para ele, ensinar era a razão de viver (*International Orthopaedics*, v. 26, p. 1-2, 2002).

*** Frank Wild Holdsworth (1904-1969) – um dos grandes cirurgiões ortopedistas de sua geração, mas cujas conquistas pelas quais será lembrado vão muito além disso. Tornou-se, no tempo, a voz mais predominante do país, ouvido com o mesmo respeito nos círculos acadêmicos e nos corredores do poder (*J Bone Joint Surg Br.* 1970; 52 (1) : 168-70).

Era 22 de outubro de 1962. Estava para me dirigir à enfermaria onde tinha serviço quando a BBC, através da televisão que ficava permanentemente ligada, começou repetidamente a anunciar que pela primeira vez um satélite intercontinental iria transmitir para a Inglaterra e o continente europeu uma declaração do presidente dos Estados Unidos, John Kennedy. Simultaneamente, sirenes começaram a soar, e, com um ruído ensurdecedor, quadrimotores bombardeiros B-52 começaram a passar sucessivamente a cerca de cinquenta metros acima do hospital. O deslocamento de ar era tamanho que vidraças das enfermarias se partiam. Surgiu a imagem de John Kennedy na tela lançando o ultimato para que os russos retirassem seus navios, que, com foguetes, dirigiam-se para Cuba. Era a crise dos mísseis de Cuba. Nesse momento, percebi que, na verdade, estava praticamente no meio de uma base da Otan.* Lembrei-me que na origem o nome do Nuffield Orthopaedic era Wingfield Morris Orthopaedic Hospital. Wingfield: campo de aviação.

Lembrei-me também dos médicos americanos que compareciam às sessões clínicas das quartas-feiras e vinham “de uma base perto”. As enfermeiras corriam ao som das sirenes e ao ruído das turbinas dos B-52 empurrando doentes em macas e cadeiras de rodas na direção de velhos abrigos que datavam da Segunda Guerra Mundial. Elsita estava em Londres, onde fazia pós-graduação em biblioteconomia na Universidade de Londres. Não hesitei. Em meu carro fui serpenteando pela antiga estrada A30, que ligava Oxford a Londres. Por cada

* Aliança militar dos Estados democráticos da Europa com a América do Norte surgida em oposição ao bloco soviético.



*“Qualquer ataque feito por Cuba a qualquer nação no hemisfério ocidental será considerado como um ataque da União Soviética aos Estados Unidos e implicará imediata retaliação...” Com um ruído ensurdecedor, bombardeiros B-52 começaram a passar sucessivamente a cerca de cinquenta metros acima do hospital. O deslocamento de ar era tamanho que vidraças das enfermarias se partiam..!@#\$\$%”&**

lugar que eu passava, via movimentação de tropas. Quando cheguei a Londres, a cidade estava normal. A crise dos mísseis de Cuba tinha terminado. Os navios soviéticos tinham retornado. Voltei com o rabo entre as pernas para o hospital.

– *Dame Mary Powell* (a *matron**) quer falar com você.

Uma senhora de baixa estatura, no seu impecável avental azul cobrindo um vestido branco e azul com um largo cinto vermelho fechado por uma fivela de prata. Um sobretudo vermelho cobria-lhe os ombros. Parecia ter engolido uma vassoura...

– *Mister DaPaz*, o senhor abandonou seus deveres!

– *Miss Mary Powell*, ninguém me disse que esse diabo de hospital ficava literalmente em uma base da Otan. A senhora vivenciou a Segunda Guerra Mundial. O meu país só entrou em uma guerra com o vizinho Paraguai, e mesmo junto da Argentina e do Uruguai quase perdeu... Minha mulher está estudando em Londres, e se era para morrer no holocausto atômico, eu escolhi ser vaporizado junto dela...

Miss Powell sorriu, abriu um caderno de anotações, escreveu algo e me disse:

– Compreendo o seu pânico, mas vou anotar em sua “ficha” esse fato.

Eu estava entre morrendo de raiva e envergonhado. Afinal, esse negócio de ver de frente o holocausto não é agradável não. Todos os que viveram essa época e o medo disso se lembram.

* *Matron* era a enfermeira mais experiente, responsável por todas as outras e pelo corpo de ajudantes do hospital, supervisionando o cuidado dos pacientes e controlando a eficiência. Recentemente o governo britânico anunciou o retorno das *matrons* no serviço nacional de saúde, escolhendo a designação para essas enfermeiras de *modern matrons*, em resposta às queixas constantes de ineficiência e baixa disciplina do *staff* do hospital.

┌

Aqueles que, como eu, viram o final de tudo por um triz se lembram muito mais. A partir daí, passei a compreender plenamente as marchas pela paz e contra a bomba atômica que eram organizadas e lideradas por Bertrand Russel.* Um dia, na Regent Street, em Londres, deparei-me com uma, e dela guardo fotos.

Em certa ocasião, recebi uma nota assinada por Trueta que dizia: “No dia tal, compareça às 19h ao Worcester College, traje formal...” A Professorial Unit era ligada ao College, e eu estava sendo convocado para um *diner at the high table*, que não sabia bem o que era. Encontrei Trueta me esperando na entrada. Através do gramado verde, verdes como só os gramados ingleses são, me conduziu a uma grande sala com mesas arrumadas transversalmente e bancos onde estavam sentados os estudantes que, como eu, eram ligados ao College. No meu caso, eu não morava lá, porque nós, médicos, ficávamos na residência do hospital. Quando entramos pelo corredor, todos os estudantes se levantaram. Eu ia ao lado de Trueta, cercado de outros professores da faculdade de medicina, homens que fizeram a história da profissão no século XX. É difícil descrever a sensação. No fim do corredor, degraus e uma grande mesa posta sobre como que um altar. Trueta fez um sinal, sentamos e fomos servidos de um jantar frugal.

Ao final, ele se levantou, fez um sinal para que eu o acompanhasse e saímos pelo corredor principal de novo, com todos os estudantes de pé. Fomos na direção de um átrio de pedras

* Bertrand Russel (1872-1970) – Prêmio Nobel de Literatura, um dos grandes filósofos do século XX, ativista que, com seus escritos e atitudes, marcou uma geração.



Londres, 1962 – Marcha pela Paz



Oxford, 1963 – matrom com criança, Trueta, Margaret Agerholm: o drama da talidomida

no centro do qual havia uma mesa redonda, de pedra também. Sobre ela, garrafas de licores e vinho do porto. Copos de cristal.

Trueta, enchendo um copo com porto e colocando-o sobre uma bandeja, dirigiu-se a mim oferecendo-o. Estava eu perplexo quando ele disse:

– Este ato é para praticar a humildade...

Em seguida, serviu todos os outros. Quando então levantaram seus cálices e em uníssono disseram:

– Em cem, será um!

Eram palavras cabalísticas que só fui compreender anos depois. Você tinha que se entregar à formação de muitos para conseguir transcender em poucos. No dia seguinte, sobre a minha mesa em meu quarto, na residência, estava um envelope. Dentro, um papel com timbre da universidade dizia: “Aloysio Campos da Paz Júnior, MD, está preparado para a prática e o ensino da ortopedia e da reabilitação”. Abaixo, a assinatura de Trueta e do reitor. Era a minha titulação pela universidade.

Orgulhoso, fui mostrar o papel para um colega meu, quarto ao lado, chamado Tabata, que tinha vindo da Venezuela.

– *Ya reconoció la firma?*

– Tabata, você está bêbado? Esse é um papel da universidade!

– *Yo no sé como és en Brasil, pero en Venezuela hai que reconocerla...*

Fiquei grilado com isso e procurei um amigo de infância lá do Colégio Mello e Souza que agora era vice-cônsul do Brasil em Londres – Carlos Luiz Coutinho Perez.

– Ô Carlos Luiz, aconteceu isso.

– Tá certo, você tem que reconhecer mesmo, porque



Oxford – Worcester College



quando você voltar já estão fazendo melhor do que isso lá em Madureira...

Carlos Luiz era irônico e objetivo e me ajudou muito ao longo da vida, o que vou contar mais tarde.

– Como faço?

– Vá a um notário e reconheça a firma, depois venha aqui que nós reconhecemos a firma do notário...

Êta Península Ibérica! Naquele tempo, Londres tinha 12 milhões de habitantes e dois notários! Marquei entrevista por carta com um, e na data aprazada lá fui eu. O cara, num terno azul do melhor alfaiate de Regent Street, perguntou o que eu queria. Mostrei o papel:

– Reconhecer a firma.

Ele me olhou espantado, pegou o papel, olhou-o contra a luz, viu a “linha d’água” e disparou:

– Mas este é um papel da Universidade de Oxford.

– !@#%`&*()_+!@#%`&*!!! O negócio é que no meu país existem regras diferentes que exigem que eu tenha esse diploma reconhecido! (Seu inglês besta; isto eu pensei.)

Eu estava vermelho de um misto de ira e vergonha. Por sorte, no canto do papel tinha um telefone, e por mais sorte ainda, sendo o telefone da Professorial Unit, bateu a chamada na sala do Trueta.

– Tem um rapaz estranho aqui querendo que eu reconheça um diploma da Universidade de Oxford.

Nessa altura eu já estava babando de raiva. Como disse antes, Trueta era catalão, e como tal sabia bem das coisas

da Península Ibérica, que, no Brasil, lamentavelmente herdamos: o país cartorial. Trueta falou algo para o inglês, que ficava balançando a cabeça e resmungando:

– Oh, oh, compreendo, professor.

– Acendeu uma vela e começou a derreter um lacre vermelho em cima do meu papel. Em seguida, pegou um carimbo de bronze e tascou em cima do lacre e cobrou 40 libras (lembram que meu carro tinha custado 500?).

Peguei o papel e levei de volta para Carlos Luiz na embaixada.

– E agora?

– Agora nós colamos duas estampilhas ouro e eu vou pedir à Beata Vettori (que era a cônsul) que reconheça a firma do poeta.

– Mas, Carlos Luiz, não tem mais lugar.

– Não tem problema, velhinho, a gente cola um pedaço de papel nesse negócio.

Assim foi feito.

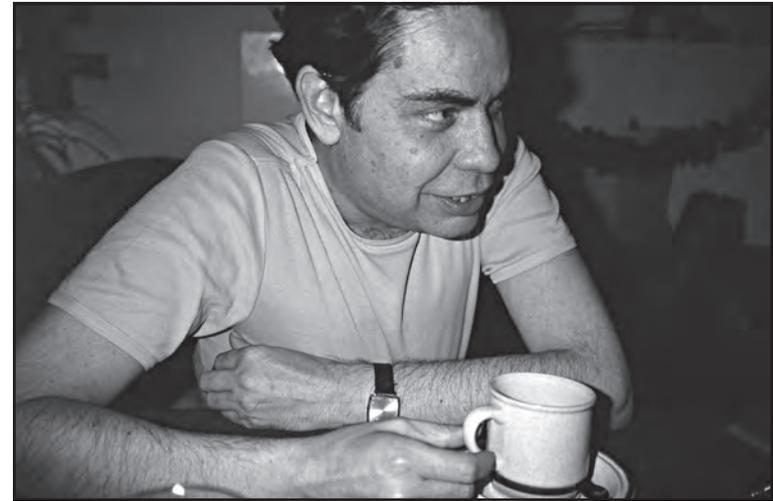
– E agora?

– Agora, você, quando chegar ao Rio, vai ao Itamaraty e reconhece a firma da Beata.

Meses depois, de volta ao Brasil, assim fiz e depois levei o papel, que tinha virado uma sanfona, ao Ministério da Educação, que já estava em Brasília. Afinal, tinha sido titulado pela Universidade de Oxford.

Em um corredor longo, uma repartição, um balcão separado do corredor por uma janelinha atrás da qual estava sentada uma senhora com cara de bisavó.

– O que você quer, meu filho?



Carlos Luiz Coutinho Perez



- Reconhecer meu diploma.
- Hummm... – pegou um “catálogo telefônico” e começou a procurar:
 - Oxford, Oxford, Oxford, Oxford, não tem...
 - Não tem o quê?
 - Não tem Oxford.
 - Minha senhora, essa universidade foi fundada na Idade Média, como é que não tem?

O fato é que naquela época não havia acordo cultural entre Brasil e Inglaterra e, portanto, não tinha Oxford no livro da velhinha...

Em um jantar no antigo restaurante da Sears, na praia de Botafogo, contei dias depois essa história para um ortopedista que foi um líder na minha geração – Gastão Velloso. Ele deu uma gargalhada e disse:

– Aloysio, se você quer um doutorado reconhecido, vá fazê-lo em Belo Horizonte... Se você quiser eu escrevo uma carta para José Henrique da Matta Machado!

– Em Belo Horizonte? – @#\$% ``&*()!@#\$% ``&*().

E lá fui eu ter a entrevista com o Zé Henrique. Ele nunca tinha aberto concurso na cadeira de ortopedia e parece que nem pretendia fazê-lo. Quando teve certeza de que eu não ia ficar em Minas, aceitou que me inscrevesse. Seria o primeiro concursado na cadeira de ortopedia e traumatologia da Universidade Federal de Minas Gerais... Fiquei preparando minha tese e indo a Belo Horizonte para ter aulas de estatística, metodologia científica e coisas do tipo que a universidade exigia. Ia também para Goiânia, pois minha tese

seria sobre radiologia do pé torto congênito. Recebi ajuda de Geraldo Pedra, que era professor da Federal de Goiás, e de Claudio Borges, operando e analisando casos com eles.

No dia do concurso, cheguei um com projetor de *slides* tipo gaveta, uma caixa com diapositivos e uma caixinha com fichas bibliográficas. O auditório estava cheio, com gente pendurada no lustre. Afinal, era o primeiro concurso que Zé Henrique permitia. Parece que eu estava dando o pontapé na porta. Sentei-me em uma mesinha, arrumei minhas fichas e os diapositivos. A banca era formada de professores titulares e um docente. Foi quando um bedel se dirigiu a mim e solicitou que eu me apresentasse à banca.

– Você não pode projetar *slides*.

– ??????????

– Porque nunca foi feito...

– Mas a minha tese é sobre radiologia, como é que eu vou defender a tese sem mostrar imagens?

– É, mas não pode.

Voltei para a mesa com o projetor e as caixinhas e comecei a embrulhar tudo. O bedel voltou correndo. Burburinho no auditório.

– O que o senhor está fazendo?

– Uai, estou indo embora, se não posso projetar, vou embora.

Ele correu para a banca e transmitiu a notícia. O ruído no auditório aumentou. “Iiiiiihhhhh!”. A banca saiu da sala para discutir. Alguns minutos. Voltou.

– O candidato pode projetar os diapositivos.

Começou o ataque e a defesa. No final, a banca se retirou, como era de praxe, e voltou com as notas. O diretor da facul-



dade, que presidia a banca, começou:

– Como se pronuncia o professor Matta Machado?

– Dez!

E por aí afora. Dez, dez, dez. De repente o último, docente jovem, que pela primeira vez participava de banca como examinador, muito do encabulado, deu sua nota:

– Seeeeeete...

Barulho no auditório. Ruído da galera: “Oooooooooohhh!”

O diretor falou:

– Declaro que Aloysio Campos da Paz Júnior está doutorado em ortopedia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Aplausos do auditório. De noite havia um tradicional coquetel. O docente da nota sete me procurou:

– Olha aqui, você me desculpe, mas o fato é que eu procurei o professor e lhe disse: “Zé Henrique, eu não entendo nada desse negócio de pé torto, mas achei a defesa dele brilhante. Posso dar dez?”

– Dá não, que ele vai ficar muito besta.

Essa foi a minha introdução aos meandros de Minas, onde de resto fiz e tenho amigos de uma vida, a começar pelo Zé Henrique. Hoje, depois de conviver tanto com mineiros em Brasília, sou meio que híbrido de carioca e mineiro. Na verdade, fiquei mais brasileiro.

Tem um outro episódio gozado no meu exame. Às vésperas de ir para Belo Horizonte, recebi de um colega do Distrital um livro que, se me lembro, era um romance chamado *Djanira*. Durante o exame, um dos professores na banca começou a atirar com chumbo grosso...



– Éeeeeehhh, o senhor só cita bibliografia inglesa, não tem nada francês nem alemão.

Disparei de volta:

– Fico espantado por ser em Minas Gerais criticado por isso. Em um romance que li, o autor descreve a seguinte cena: “Um carioca, um mineiro e um inglês em uma mesa de bar. O carioca fala para o mineiro: “Não te entendo”.

O inglês intervém: “Como é que você não o entende você não sabia?” Itabira, Cauê e Mantiqueira – mares petrificados, Belo Horizonte, população insular...” O autor do romance da frase era irmão do examinador!

Vamos voltar no tempo e contar minha volta para Brasília. O que narrei acima aconteceu em 1966. Mas, antes de voltar, a lição final de Trueta. Convidou-me para dirigir seu carro, um Bentley, a fim de assistirmos a um congresso de ortopedia em Londres. No caminho pela velha estradinha A30, eu ia falando feito um papagaio sobre o temário do tal congresso a que iríamos assistir. Foi quando Trueta, em voz alta, bradou:

– Paaara!

O velho estaria tendo um infarto? Assustado, desviei para o acostamento. Acostamento? Literalmente entrei no meio do campo. Trueta se virou para mim com uma expressão irônica, botou a mão no bolso do colete e disse:

– Hoje Yehudi Menuhin* está tocando seu violino no Royal Festival Hall...

* Yehudi Menuhin (1916-1999) – considerado um dos grandes *virtuoses* do violino no século XX. Passou a maior parte da sua carreira no Reino Unido.



E aí, entregando-me um envelope e elevando a voz:
– Você só vai entender ortopedia quando compreender
que ortopedia NÃO É O CENTRO DO UNIVERSO!
Fui ao concerto e larguei o congresso de ortopedia pra lá.
Estava dada a lição final.



Elsita com o "velho Caio" - a volta pelos Estados Unidos

CAPÍTULO VI

O RETORNO

Voltei para o Brasil no final de 1963, via Estados Unidos. Meu sogro lá trabalhava e muito tinha nos ajudado em tempos de “vacas magras” na Inglaterra. Depois de algumas semanas com ele, alugamos um carro e fomos visitar Washington. Existe um fato que retrata bem o que ocorria nos Estados Unidos naquela época que precedeu o assassinato de John Kennedy, em 22 de novembro de 1963. Época da luta pelos direitos civis, liderada, entre outros, por Martin Luther King. Íamos por uma estrada e paramos em uma pequena cidade para comprar alguma coisa para comer. Entramos em uma loja de departamentos. Ficamos um longo tempo parados e ninguém nos atendia. De repente, compreendemos com amargura o porquê. Elsita nasceu no Rio Grande do Sul, de ascendência alemã e indígena. Traços marcantes da ascendência charruas.* Eu, cabelos claros e de olhos verdes. Ela, igual a uma índia navajo... Estávamos sofrendo o preconceito racial. É difícil descrever a sensação que isso causa.

* Os charruas eram índios que habitavam os campos dos territórios dos atuais Rio Grande do Sul, no sul do Brasil, do Uruguai e do nordeste da Argentina (especialmente na província de Entre Rios).

┌

Ao chegarmos ao Brasil, vimos o país profundamente dividido. É difícil descrever as sensações que assolaram Elsita e a mim diante do que víamos e ouvíamos no cotidiano. Ela, sendo a mais moça das bibliotecárias na época da transferência em 1960, foi a primeira a iniciar a implantação da biblioteca do Senado. Ela para lá, e eu para o Distrital. O cotidiano se confundia entre o que acontecia politicamente no país e no mundo, no auge da Guerra Fria,* e a retomada do meu trabalho em um hospital que já estava pronto e soberbamente equipado. No plano original de implantação dos serviços médicos na nova capital estava prevista a construção de sete hospitais distritais e um hospital de base.

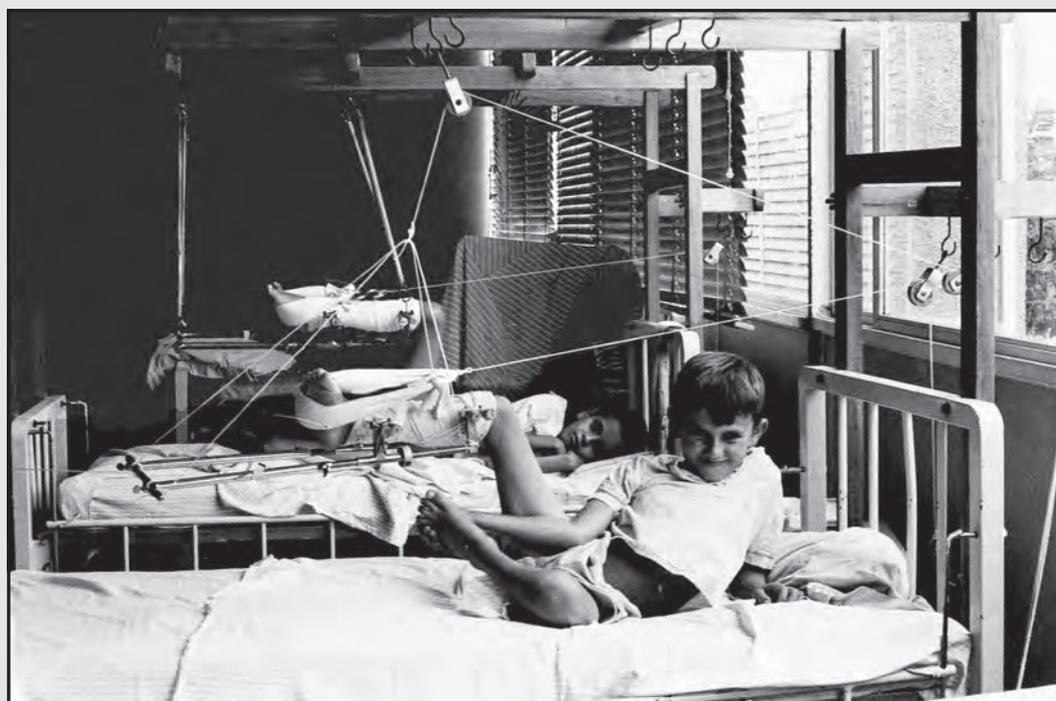
Em 1964, somente o 1º Distrital estava pronto. Entretanto, tinha sido feita a importação de equipamentos para os sete... Quando pela primeira vez visitei os almoxarifados da Novacap, simplesmente não acreditava no que via. Nem na Inglaterra nem nos Estados Unidos eu tinha visto coisa assim. O Hospital Distrital era, na verdade, um moderníssimo hospital americano plantado no meio do cerrado.

Até o nosso uniforme tinha vindo dos Estados Unidos. Já estava implantada a Unidade de Traumatologia-Ortopedia e Fisioterapia do 1º Hospital Distrital de Brasília. Destinaram-nos o 10º andar do prédio, junto com a cirurgia plástica. O chefe da unidade era Eugênio Teixeira Leite Moraes Sarmiento,

* A Guerra Fria é a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991). É chamada "fria" porque não houve uma guerra direta entre as superpotências, dada a inviabilidade da vitória em uma batalha nuclear.



Hospital Distrital - 10º andar - quadro balcânico



Enfermaria do "Sarinha": o alumínio pela madeira. "Não se simplifica aquilo que não se conhece"

mais velho do que eu, de família tradicional, desempenado, com grande sucesso entre as moças e sempre com um cigarro no canto direito dos lábios. A chefia era resultante de uma eleição. Ora, eu tinha sido preparado pelo Trueta como um cavalo de corrida. Depois de algumas semanas, entrei pelos fundos da sala do Eugênio e disse:

– Eugênio, eu quero ser chefe!

– Tá bem, tá bom. Eu mesmo já estava de saco cheio de mandar nesses alucinados.

Reuniu os médicos da unidade (éramos poucos) e decretou:

– Campito (era assim que me chamava) quer ser chefe. Vamos elegê-lo.

Foi assim que me tornei pela segunda vez chefe da unidade. Comecei então a equipar o 10º andar com a parafernália que tinha visto nos almoxarifados. Havia uma grande concentração de equipamentos para tratar conservadoramente fraturas. Havia também instrumental cirúrgico e de implante que, se fossem colocados um em seguida ao outro dava para dar três voltas ao mundo!

Solicitei da direção do hospital um funcionário para implantar um almoxarifado em uma grande sala que havia no 10º andar. Apareceu o senhor Rogaciano, funcionário da Novacap. Ele começou a organizar as estantes e a catalogar o material. Era tanta coisa e tanta ficha que depois de algum tempo “pirou” e foi internado... Nunca mais vi seu Rogaciano. Aos poucos, o 10º andar ia ficando pronto. Como havia um festival de equipamentos para tratar fraturas conservadoramente e como eu tinha sido bem treinado nisso



Quadro balcânico – Hospital Distrital: o “mecano” que permitia tudo em tração. Menina com tuberculose vertebral em leito gessado em suspensão para permitir os trabalhos da enfermagem



na Inglaterra, onde tinha aprendido “se você não souber o que fazer, coloca em tração; no dia seguinte, quando voltar, provavelmente o problema estará resolvido...” Armei quadros balcânicos* de última geração em todos os leitos. As camas eram movidas a motores elétricos e permitiam várias posições. Essa experiência deu origem mais tarde ao planejamento da “cama-maca” quando da construção da primeira grande unidade da Rede SARAH.

Quando Brasília estava em construção, não se sabia ainda se a voltagem ia ser 110 ou 220 volts. Assim, entre outras coisas (por exemplo, um sistema de comunicação interna por tubos pneumáticos), o Hospital Distrital tinha tomadas elétricas com as duas voltagens. As enceradeiras, dimensionadas ergometricamente para um americano de 1,70 cm para cima, eram de 110 volts.

Um dia vi um candango que encerava o chão sendo literalmente carregado pela enceradeira como se estivesse cavalgando um *jet sky*. A enceradeira o puxava, não era ele quem empurrava a enceradeira... De repente, ela parou. O candango berrou: “Chama a manutenção!”

Chegou outro candango que viu que a tomada da enceradeira tinha quebrado. Ora, as tomadas de 110 e 220 volts eram logicamente diferentes. Acontece que em sua maleta ele só tinha as de 220, que era a voltagem que finalmente prevaleceu em Brasília. “Não tem pobrema”.

* Balcânico – armação modular que permite a instalação de trações ou cutâneas ou transqueléticas nos membros superiores ou inferiores. É também usada para facilitar o apoio do paciente quando de transferências para macas ou cadeiras de rodas. Fundamenta-se no princípio de criar-se pontos de aplicação de força sobre o leito para serem instaladas roldanas e suspensões.



Cortou o fio com alicate, colocou a tomada de 220 na enceradeira de 110 e mandou seu colega ligar o *jet sky*, que então saiu voando e pegando fogo. “Chama a manutenção!”

Chega outro elemento e tira uma tomada de 110 que alimentava todo o sistema de controle por televisão (pois é, tínhamos um circuito interno de televisão para controle dos doentes – isso em 1964!) de novo no fio da enceradeira. Em seguida, coloca uma tomada de 220, que era a que tinha em sua maleta, no fio que alimentava o sistema das televisões... Puft, puft, puft, puft, puft, puft!!! E lá se foi o controle de vídeo do qual a enfermagem tanto se orgulhava e que de resto fazia com que as enfermeiras tivessem que andar menos... Era tecnologia demais...

Dessas experiências, foi-se consolidando em minha mente a certeza de que se alguém ou alguma cultura não participa do processo de criação de qualquer coisa e “compra feito”, com o tempo transforma tudo em um cemitério de aparelhos quebrados ou, pior, em livros e documentos perdidos. Essas ideias se concretizaram anos mais tarde na implantação do EquipHos, um centro de tecnologia ligado ao hospital que um dia eu iria planejar. Por falar em livros e documentos, o Distrital tinha uma biblioteca também importada, com fac-símiles de obras raras, além de diapositivos para aparelhos de visão 3D, sem falar em toda a bibliografia de todas as áreas que correspondiam às suas unidades. Além disso, tinha um arquivo central com catalogação noosológica, no qual trabalhavam profissionais que tinham vindo de vários locais do país, arquivologistas, chefiados por dona Zilá, que, com sua



competência, fazia auditoria permanente nos prontuários nos quais escrevíamos.

Juscelino tinha passado o governo para Jânio Quadros, que fora eleito juntamente com o vice, João Goulart. Um dia, entre outras prosopopeias, Jânio resolveu condecorar Yuri Gagarin, que tinha sido lançado em órbita pelos russos e dado a volta ao planeta para os americanos ficarem chupando uma barata. Um colega meu, Frederico Guilherme Wanderley, soube da história. Pegamos meu fusca e fomos para a porta do Palácio do Planalto, onde Gagarin ia entrar. Chegamos na hora exata. Ele estava subindo a rampa. Wanderley, no maior delírio cívico, saiu berrando: “*Tovarich, tovarich, tovarich!!!!*”* – Abraçando um cara pequenino (tinha que ser pequeno para caber naquela bolota que entrou em órbita), com um chapéu de militar que parecia uma barraca. Abracei-o também, ele não entendeu nada, mas pudemos dizer de volta no hospital que tínhamos visto e abraçado Gagarin. Sucesso entre a esquerda, fungadas da direita.

Como já disse, em 1966 fiz o doutorado em Minas. O diretor-executivo da então Fundação Hospitalar era uma figura alta e amena de nome Propício Caldas Filho.** Ele tinha sido trazido para Brasília pelo doutor Henrique Bandeira de Melo, o

* *Tovarich* – camarada, em russo.

** Propício Caldas Filho foi diretor-executivo da Fundação Hospitalar do Distrito Federal e mais tarde coordenou, como representante do Ministério da Saúde e consultor da Opas, uma equipe que trabalhou no aprimoramento dos hospitais do Ministério da Saúde geridos em regime de co-gestão com o Ministério da Previdência e Assistência Social (Portaria MS nº 127, de 21 de julho de 1982). Com a aprovação do projeto que deu origem ao Sarah, fez parte do primeiro conselho comunitário que ajudou a aprovar e a implantar o projeto.

autor do plano médico-hospitalar da nova capital, que deu origem à Fundação Hospitalar. Eu seria o primeiro “doutor” egresso do Distrital. Mandou que minha tese fosse impressa em uma gráfica de primeira no Rio, permitindo que eu acompanhasse os trabalhos.

Quando voltei do concurso, passei por uma crise aguda de “doutorite” e danei-me a distribuir minha tese para toda a galera do Distrital. Um dia, tive uma tremenda dor de barriga. O banheiro mais próximo era o da Unidade de Radiologia. A minha tese, sendo de radiologia, a eles tinha sido entregue com dedicatória. Corri para o banheiro e resolvi meu problema... Ao procurar papel higiênico, encontrei minha tese pendurada em um prego. Era de papel couché... Claro, não absorvente. Afinal, a tese tinha sido impressa para durar. Sem alternativa, fiz da minha tese o uso devido. Desde essa época sou meio desconfiado com esse negócio de doutorado... Tecnologia? Tínhamos excelentes raios-x e péssimos banheiros.

E do lado de fora o país fervia. No dia 31 de março de 1964, parei meu carro no pátio do estacionamento do Distrital. Médicos se abraçavam festejando... Encontrei Sávio Pereira Lima,* que sempre considerei um pai para mim, que, enojado, rosnou: “Canalhas!”

Eram da burguesia brasileira festejando aquilo que não sabiam. Seus filhos, entretanto, saberiam nas prisões e nas invasões truculentas das universidades, nos Doi-Codis!

*Sávio Pereira Lima – médico pediatra, um dos fundadores do Hospital Distrital, o qual dirigiu. Foi um referencial para minha geração pela sua retidão e firmeza, ligado às artes, principalmente ao teatro, foi casado com Sylvania Orthof, uma das pioneiras do Teatro do Estudante de Pascoal Carlos Magno.



Sávio Pereira Lima



Auto de Natal – Brasília, 1966. Sob a censura, esta era a saída



Como disse, ao voltar tinha encontrado o país dividido. Lembro-me que, no Rio, fui assistir ao filme de Glauber Rocha* *Deus e o diabo na terra do sol*. A plateia, durante a exibição, se conflitava entre palmas e apupos. Paralelamente, em São Paulo e no Rio a Igreja Católica patrocinava “marchas com Deus e pela liberdade”. Mal sabia que no futuro teriam que celebrar missas de protestos pela morte de torturados. No dia 1º de abril, sendo chefe de unidade no Distrital, fui com outros chamado ao Comando da 11ª Região Militar. Fomos informados que deveríamos “reservar leitos”. Pouco depois um coronel do Exército voltou à sala onde estávamos e informou: “Não há mais necessidade...”

Na busca de notícias, lembrei-me de que o médico Remi Toscano, que morava em um acampamento do IAPB, era radioamador. Para lá fomos, Elsit e eu. Remi sintonizava seu aparelho na “Rádio da Liberdade”, de onde Leonel Brizola** pregava a resistência ao golpe militar. De repente, chegou um soldado numa motocicleta com uma mensagem. Perguntei a Remi:

- O que ele quer?
- Que eu transmita essa mensagem para Porto Alegre, tchê.
- O quê? O Planalto não tem rádio de comunicação?
- Tá tudo na mão dos milicos, tchê!

* Glauber de Andrade Rocha (Vitória da Conquista, 1939-Rio de Janeiro, 1981) – cineasta brasileiro, ator e escritor. Foi um dos integrantes mais importantes do Cinema Novo, movimento iniciado no começo dos anos 1960. Com o princípio de “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, deu uma identidade nova ao cinema brasileiro.

**Leonel Brizola (Rio Grande do Sul, 1922-Rio de Janeiro, 2004) – governador do Rio Grande do Sul. A história do Rio Grande do Sul e do menino pobre se misturam no perfil intelectual de Leonel Brizola. Além da herança trabalhista de Getúlio Vargas, ele cultuava a tradição republicana e laica de Júlio de Castilhos (1860-1903), ex-presidente (o equivalente a governador) do Rio Grande do Sul.



Ao voltar para casa, paramos no Eixo Rodoviário e vimos um turboélice passando baixo na direção do Sul. Era Jango,* que voava para Porto Alegre.

Aos poucos, as luzes que piscavam na cauda do avião diminuíaam ao longe. Tínhamos a noção clara de que um novo período da história começava. Áureo de Moura Andrade, presidente do Senado, em sessão conjunta, tinha, aos berros, declarado: “O presidente da República abandonou a sede do governo; deixou o país acéfalo. Assim, declaro vaga a Presidência da República!” Era a ratificação do golpe militar. Dias depois, Ranieri Mazilli, que tinha sido “empossado” como presidente da Câmara, passou o governo para Castelo Branco.** Golpe militar e não revolução, pois não se deu um tiro... Dez dias depois, em 11 de abril de 1964, foi realizada a primeira eleição do regime militar, garantida pelo Ato Institucional de 9

* João Belchior Marques Goulart (São Borja, 1919-Mercedes, 1976) – foi o 24º presidente de seu país, de 1961 a 1964. Desgastado com a crise econômica e com a oposição de militares, procurou fortalecer-se participando de manifestações e comícios que defendiam suas propostas. O mais importante ocorreu no dia 13 de março de 1964, em frente ao Edifício Sede da Estrada de Ferro Central do Brasil. O Comício da Central, como ficou conhecido, reuniu cerca de 150 mil pessoas, incluindo sindicatos, associações de servidores públicos e estudantes. Os discursos pregavam o fim da política conciliadora do presidente com o apoio de setores conservadores que, naquele momento, bloqueavam as reformas no Congresso. A oposição acusava o presidente de desrespeito à ordem constitucional, pois o Congresso não havia aprovado a proposta do governo de alteração na forma de pagamento das indenizações aos proprietários. Em 19 de março, em São Paulo, foi organizada a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, cujo objetivo era mobilizar a opinião pública contra o governo de Jango. Em 31 de março de 1964, o general Olímpio Mourão Filho iniciou a movimentação de tropas de Juiz de Fora (MG) em direção ao Rio de Janeiro. Foi o início da “Revolução Redentora”, golpe de Estado que derrubou o governo de João Goulart. No dia 1º de abril de 1964, Jango retornou a Brasília e, de lá, para o Rio Grande do Sul. No dia 2 de abril, Áureo de Moura Andrade, presidindo o Congresso Nacional, declarou a vacância do cargo de presidente, empossando como chefe da nação o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazilli. Brizola sugeriu um movimento de resistência, mas Goulart não o acatou para evitar uma guerra civil e exilou-se no Uruguai. No dia 10 de abril, João Goulart teve seus direitos políticos cassados por dez anos, após a publicação do Ato Institucional número 1.

** Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (Fortaleza, 1897-Fortaleza, 1967) – militar e político brasileiro, primeiro presidente do regime militar instaurado pelo golpe militar de 1964. Nomeado chefe do Estado-Maior do Exército pelo então presidente da República, João Goulart, em 1963, Castelo Branco foi um dos líderes militares do golpe de Estado de 1º de abril de 1964 que depôs João Goulart.

de abril, o qual designava o Congresso Nacional como Colégio Eleitoral para definir o presidente que iria exercer o cargo até 31 de janeiro de 1966. Elzita e eu acompanhávamos tudo nas galerias lotadas do Congresso. A situação ainda estava indefinida. No Sul, Brizola liderava a reação ao golpe. Áureo de Moura Andrade presidia a sessão do Congresso. A votação era nominal, por ordem alfabética dos estados. Lá pelas tantas, da tribuna disparou melífluo: “Como vota o nobre senador por Goiás, Juscelino Kubitschek de Oliveira?” Uma figura esguia, de cabelos negros de graúna, levantou-se e respondeu pausadamente: “Humberto de Alencar Castelo Branco...”

As galerias começaram a se esvaziar. Estava liquidada a fatura. Juscelino tinha pensado que Castelo Branco deixaria que ele se candidatasse novamente, pois teoricamente o “mandato” de Castelo terminaria em 1966... Conversei muito com jovens com os quais convivo perguntando se eles sabiam sobre os fatos que narrei. A verdade é que em vez da real história do Brasil foram-lhes ensinadas no colégio guerras napoleônicas e coisas do tipo. Jango morreu, oficialmente, vítima de um ataque cardíaco, no município argentino de Mercedes, Corrientes, em 6 de dezembro de 1976. Existem suspeitas de que tenha sido assassinado por agentes da Operação Condor.* Não foi realizada autópsia. Supõe-se que tenha sido envenenado.

* A Operação Condor foi uma aliança político-militar entre os vários regimes militares da América do Sul – Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai e Uruguai – criada com o objetivo de coordenar a repressão a opositores dessas ditaduras instalados nos seis países do Cone Sul. Montada no início dos anos 1970, durou até a onda de redemocratização na década seguinte. A operação, liderada por militares da América Latina, foi batizada com o nome de condor, ave típica dos Andes e símbolo da astúcia na caça às suas presas. O governo do general Hugo Banzer na Bolívia também colaborou. O governo norte-americano tinha conhecimento, conforme demonstram documentos secretos divulgados pelo Departamento de Estado em 2001.



Vamos amenizar um pouco esses momentos amargos. O negócio é que eu tinha sugerido ao Conselho Britânico, como já narrei, que Dillwyn Evans viesse dar um curso em Brasília. O curso seria realizado na Universidade de Brasília, com demonstrações práticas no Hospital Distrital. Dillwyn Evans ficaria, como ficou, hospedado em um pequeno apartamento que existia no Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek. O problema é que ele chegou a Brasília no dia 1º de abril de 1964... A UnB estava convulsionada; de resto, o país estava convulsionado...

A solução que encontrei foi, depois de hospedá-lo, organizar demonstrações cirúrgicas no Hospital Distrital, coisa que ele fez brilhantemente. No dia 11 de abril, fui apanhá-lo de manhã cedo no Centro de Reabilitação. Encontrei-o com o semblante fechado escrevendo uma carta.

– O que está acontecendo?

– Estou escrevendo uma carta para o *Times* de Londres!

– Por quê?

– Ora, aqui na primeira página (e me mostrou o jornal que tinha vindo da Embaixada Britânica) está escrito que tem uma revolução no Brasil. Eu estou na capital do Brasil, andei pelas ruas e não vi revolução nenhuma. Assim, na minha qualidade de professor universitário, estou escrevendo uma carta para desmentir o jornal...

– Eeeehh! *Mister* Evans, é melhor não fazer isso não.

Resolvi levá-lo ao Congresso para assistir à “eleição” de Castelo Branco. Ficou sentado nas galerias entre mim e Elsitá. Na saída, quando as galerias se esvaziavam, virou-se para mim e disse duas coisas:

– O que assisti me parece uma consequência do assassinato de John Kennedy. Vocês resolveram promulgar o parlamentarismo...

– Ahhh! Deixa pra lá. Vamos para o Distrital, que tem uma cirurgia marcada.

Naquela noite meu pai me telefonou do Rio de Janeiro dizendo secamente:

– Tira o retrato do papai da parede da tua sala no hospital.

É que na minha sala tinha o retrato de meu avô emoldurado. Nas costas do quadro papai tinha transcrito suas últimas palavras: “Morro como um comunista, lutando como um leão”. O militar que tinha sido nomeado comandante da 11ª Região era nada mais nada menos que o general Rafael de Souza Aguiar, sobrinho de vovó Rosina. Tinha telefonado para papai dizendo:

– Manda o Aloysinho tirar o retrato do tio Campos da parede...

No dia seguinte, o Bayard nos comunicou que deveríamos aguardar a visita do general Souza Aguiar ao Hospital Distrital. Ficamos alinhados por ele no corredor principal, um ao lado do outro.

– Doutor Abadio Marques Neder, pós-graduado pelo Instituto Max Planck, Alemanha, chefe da Unidade de Cirurgia Geral.

E o general, dava um passo para a frente do próximo seguido pelo doutor Bayard.

– Doutor Aloysio Campos da Paz Júnior, chefe da Unidade de Traumatologia-Ortopedia e Fisioterapia, pós-graduado pela Universidade de Oxford, Inglaterra.



Dillwyn Evans – desafio para um cirurgião...



Mais um passo para o lado.

– Doutor João Eugênio Medeiros, chefe da Unidade de Oftalmologia, formado pelo Instituto Barraquer, Barcelona, Espanha...

Tudo isso aos berros, como é comum aos militares no estilo “passo o comando”.

Aí o João virou para mim e sussurrou:

– llllhhhh! O general piscou para você...

– Cala a boca, ele é da minha família...

Dias depois, no meu fusca vermelho, fui, na maior petulância, à sede do batalhão de guardas presidenciais porque tinham prendido dois residentes do Hospital Distrital. Parei na portaria e fiz um gesto com o braço para que eles a abrissem. “Orde é orde”, levantaram a cancela. Entrei e procurei o comandante.

– Coronel, trouxeram para cá dois residentes do Hospital Distrital, fulano e cicrano.

– Comuniíiiiistas!

– Ora, coronel, aqueles dois caras, se o senhor falar para eles Karl Marx eles acham que foi treinador da seleção de futebol da Alemanha.

– O senhor está me desrespeitando, é melhor ficar aqui para algumas averiguações.

– Bom, eu fico, mas eu fumo Continental sem filtro...

– Está me desacatando!

Toca o telefone e o coronel atende e se levanta perfilado:

– Sim, general; claro, general; não, general; apenas um pequeno mal-entendido.



Desliga o telefone e, com os olhos faiscando, dispara:

– Pode se retirar e levar esses dois merdas.

Tinha sido o general Souza Aguiar de novo me tirando de boa (tinha tido a precaução de telefonar para papai e falar que eu ia lá). Botei os dois “merdas” no meu fusca e “piquei a mula”. Parei na rodoviária, virei para os dois e disparei:

– Sumam!

Naqueles dias mergulhei no trabalho cotidiano, que aumentava dia a dia. Sentia-me muito isolado, sem ninguém para discutir. Meu grande amigo passou a ser Sávio Pereira Lima, figura extraordinária. Uma vez, depois de uma briga no hospital, pensei em voltar para o Rio. Tinha atendido uma médica com torcicolo. Em uma radiografia, nada encontrei de importante. Dias depois, circulava na “rádio corredor” a notícia de que a médica tinha ido ao Rio e, atendida por Henrique de Góes, ortopedista extremamente respeitado, tinha recebido o diagnóstico de fratura de vértebra cervical. Eu teria “comido mosca”. Acontece que o Góes era amigo de minha família. Peguei um avião e fui visitá-lo. Conteí o ocorrido.

– Realmente atendi a moça. Ela não tem nada.

– O senhor me dá isso por escrito?

– Claro!

E começou a escrever um laudo. Voltei para Brasília e pedi a primeira reunião da Comissão de Ética, que tinha sido criada no papel mas nunca se reunira. Ela seria presidida por Carlos Gonçalves Ramos, então diretor do hospital, que tinha me nomeado chefe do Pronto-Socorro. Exigi uma retratação pública de quem



estava “irradiando a notícia”. O nome? Aaaah! Deixa pra lá, ele já morreu mesmo... Essas coisas e tudo o que acontecia no país me faziam pensar em voltar para a Inglaterra.

Sávio Pereira Lima foi um dia me pegar no aeroporto, o antigo aeroporto, e me trouxe de volta, na verdade, me recolocando no meio da briga. De repente, com a reação civil que, principalmente no meio universitário, aumentava, foi decretado o AI-5.* Logo depois, com o afastamento de Costa e Silva em virtude de um acidente vascular cerebral, a Junta Militar** assumiu o poder. Eram os “anos de chumbo”.***

No meio dessa confusão, um parente meu, ginecologista famoso, Arthur Fernandes Campos da Paz,**** que tinha tratado a mãe de dona Sarah, foi por ela chamado para dirigir as Pioneiras Sociais. A instituição tinha sido transformada, no

* AI-5 – durante o governo de Arthur da Costa e Silva (15 de março de 1967 a 31 de agosto de 1969), o país conheceu o mais cruel de seus atos institucionais: o Ato Institucional nº 5, ou simplesmente AI-5, que entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968. Era o mais abrangente e autoritário de todos os outros atos institucionais, e na prática revogou os dispositivos constitucionais de 1967, além de reforçar os poderes discricionários do regime militar. O Ato vigorou até 31 de dezembro de 1978 (FGV/CPDOC – Ato Institucional nº 5).

** Junta Militar – a “linha dura” do regime tomou em suas mãos as rédeas do processo político e já em 31 de agosto de 1969 tomou posse uma Junta Militar composta pelo general Aurélio de Lira Tavares (ministro do Exército), pelo almirante Augusto Rademaker (ministro da Marinha) e pelo brigadeiro Márcio de Sousa e Melo (ministro da Aeronáutica), impedindo assim que a sucessão se fizesse em favor do vice-presidente, como previa a Constituição. Menos de uma semana após a investidura desse triunvirato no poder, foi editado o Ato Institucional nº 13, que punia com a pena de banimento os brasileiros considerados “ameaça à segurança nacional”; e ainda o Ato Institucional nº 14, cujo teor previa a pena de morte e a prisão perpétua para os casos de “guerra revolucionária e subversiva”.

*** Os “anos de chumbo” foram o período mais repressivo da ditadura militar no Brasil, estendendo-se basicamente do fim de 1968, com a edição do AI-5 em 13 de dezembro daquele ano, até o final do governo Médici, em março de 1974. Alguns reservam a expressão “anos de chumbo” especificamente para o governo Médici. O período destaca-se pelo feroz combate entre a extrema-esquerda, de um lado, e de outro, o aparelho policial-militar do Estado, eventualmente apoiado por organizações paramilitares, tendo como pano de fundo o contexto da Guerra Fria.

**** Arthur Fernandes Campos da Paz – ginecologista pioneiro na criação de técnicas de prevenção e diagnóstico precoce do câncer ginecológico. Para tal, fundou no Rio o Instituto Luiza Gomes de Lemos. Presidiu a antiga Fundação das Pioneiras Sociais.



governo Juscelino em fundação e estava sob pressão dos militares devido às ligações com a família Kubitschek. Arthur me telefona marcando um almoço no restaurante do Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro. Lá, no meio do almoço, dispara:

– Fui convidado para dirigir as Pioneiras e fiquei sabendo que lá em Brasília tem um hospitalzinho de reabilitação. Quero que você vá dirigi-lo.

– Arthur, conheço bem o Sarah Kubitschek, se você me nomear tenho um projeto que se for bem-sucedido transfere o eixo de poder das Pioneiras do Rio para Brasília.

– Bobagem, eu fui convidado porque tenho o maior prestígio no governo.

Sou personagem de mais um episódio, no mínimo surrealista: já estava dirigindo o Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek quando recebi uma carta me comunicando que havia sido indicado para a Ordem do Mérito Naval e deveria estar presente à solenidade para ser condecorado????? Telefonei para meu pai, que secamente me disse ao telefone:

– Vou a Brasília assistir à solenidade – sensação de perplexidade e contradição.

Telefonei para um amigo meu que era da Marinha e que tinha sido meu colega de colégio e pedi para que ele viesse ao Centro de Reabilitação. Mostrei-lhe a carta. Ele me olhou espantado. Perguntei:

– Você pode saber de onde veio isso? Horas depois ele voltou mais espantado ainda:

– Foooooiiiiii ôooo almirante Rademaker que te indicou.

– !@#\$\$%`&*()_+!@#\$\$%`&*(!!!



– Você deve procurá-lo, vou marcar uma entrevista!

Eu vivia uma sensação extremamente contraditória e comecei a elaborar um “discurso” em minha mente. Por um lado, era a quinta Ordem do Mérito Naval em minha família; por outro lado... Na data marcada fui à tal entrevista. A Vice-Presidência da República que o almirante ocupava ficava no último andar do prédio do Banco do Brasil. Ao abrir-se a porta do elevador, estava presente um ajudante de ordens todo paramentado. Uma sala grande com paredes de vidro de onde se via toda a cidade. No centro, um conjunto de poltronas. No fundo, uma mesa com um homem idoso, de cabelos brancos, com a cabeça entre as mãos. O ajudante de ordens fez sinal para que eu me encaminhasse para as poltronas. Lá, ao fundo, o almirante levantou-se e com um sorriso caminhou na minha direção fazendo sinal para que eu me sentasse.

– Almirante, recebi esta carta.

– Está certo!

– Almirante, se por um lado esta carta continua uma tradição na minha família...

– A começar por Teotônio Raimundo de Brito, comandante da fragata Amazonas na Batalha do Riachuelo.

Putz!!! O velhinho sabia a história da minha família...

– Por outro lado... aí ele botou a mão no meu ombro e exclamou:

– Aaaaaahhh, o Zé Custódio! Menino, o Zé Custódio foi o líder da minha geração.

Perplexidade.



Manoel Venâncio e José Custódio: dois patriotas – pensamentos diferentes antes da “colonização” americana



– Você sabe por que ele passou um tempão na Europa como adido naval?

– Não tenho a menor ideia.

Nessa altura estava completamente confuso.

– Menino, ele era tão bonito que toda vez que vinha ao Brasil fazia uma devastação no mulheril do almirantado. Assim, eles acharam que era melhor deixá-lo na Europa mesmo...

Papai veio a Brasília e eu fui receber a medalha. Era, na verdade, um salvo-conduto no meio daquela zorra toda.

Eu disse para vocês que na família havia gregos e troianos...

CAPÍTULO VII

A AVENTURA DO SARAH

Eu já tinha dirigido o “Sarinha”, substituindo Fábio Rabello, que neste posto estava e foi nomeado secretário de Saúde de Brasília. De saída, comecei a ter conflitos com as irmãs Vicentinas,* a quem dona Sarah tinha entregue a administração do Centro de Reabilitação. Elas, sem nenhuma noção de nada, tinham literalmente detonado o projeto original do arquiteto Glauco Campelo. Lembro-me bem de uma parede ao longo do corredor principal que tinha sido decorada com um painel de azulejos pintados por Athos Bulcão.** Um dia um deles rachou com o impacto de uma maca. A irmã diretora chamou um pedreiro:

* Irmãs Vicentinas – congregação religiosa Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Durante anos atuaram em hospitais. Algumas eram enfermeiras. Trabalhavam também na Rede de Hospitais da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Vieram para Brasília, inicialmente, para atuar no Hospital São Vicente de Paulo, na cidade-satélite de Taguatinga.

** Athos Bulcão (Rio de Janeiro, 1918-Brasília, 2008) – pintor, escultor e arquiteto. Trabalhou como assistente de Cândido Portinari na construção do painel São Francisco de Assis na Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte. Em 1952, passou a integrar a Novacap e a colaborar com os projetos de Oscar Niemeyer. Lecionou na Universidade de Brasília entre 1963 e 1965 e a partir de 1980 passou a criar relevos e elementos arquitetônicos para a Rede SARAH de Hospitais. Tendo se transferido para Brasília em 1958, no auge da construção da cidade, consagrou-se como o artista de preferência de Oscar Niemeyer nas obras de revestimento, painéis, murais, divisórias e outras tarefas artísticas complementares à arquitetura. Seu nome hoje está associado a Brasília, sendo uma de suas principais referências no domínio artístico. Sua transferência para Brasília impôs ao trabalho ritmo acelerado no tempo e nos prazos que a construção da cidade exigia. Athos optou, na capital da República, pelo uso de azulejos, em que se distinguiu com maestria, a começar pelo revestimento externo da chamada “Igrejinha da 108”. Realizou obras para prédios e monumentos, especialmente no Plano Piloto, decorando o Palácio Itamaraty, o Teatro Nacional, o Congresso, o Hospital SARAH e muitos outros.



– Esses “ladrilhos” eu não tenho...

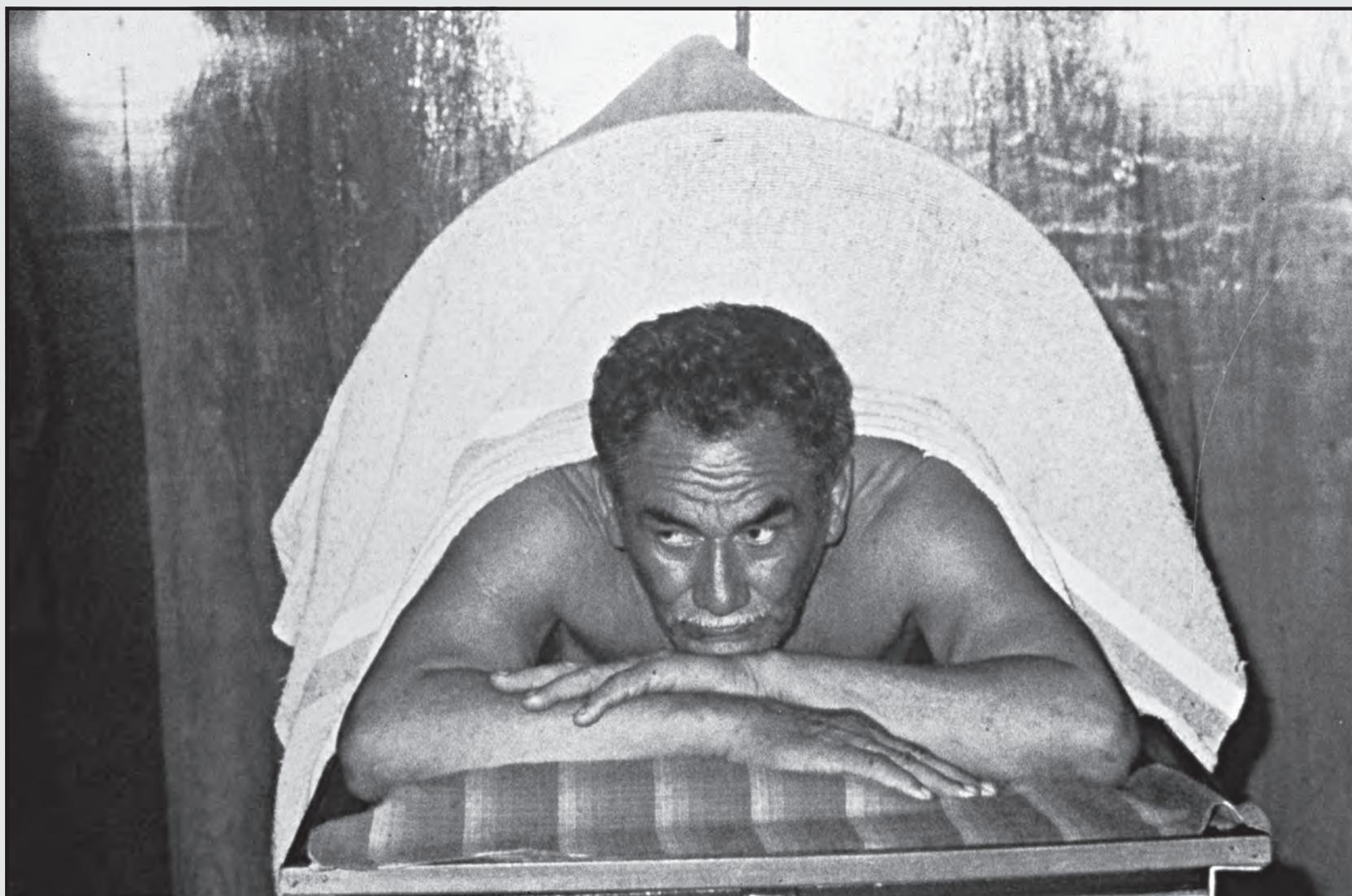
– Então bota o que você tem.

E a obra de arte de Athos foi substituída por uma longa parede de azulejos de banheiro cor “azul mortal”. De outra feita, acharam que a piscina era uma coisa indecente porque os doentes ficavam de calção de banho! Entupiram a piscina e puseram um tablado por cima cheio de aparelhos de ondas curtas e fornos de Bier* que lhes davam alguns caraminguados para tratar dor nas costas... E as ondas curtas para aplicações em processos inflamatórios ginecológicos... Não dava! O pobre do candango, de tanto carregar saco de cimento, ficava com dor lombar e saía do sol para entrar no forno da irmãzinha... Deve ser porque ela não gostava de nordestinos e queria que eles continuassem no inferno! Quanto às ondas curtas, se elas adiantassem para alguma coisa o pessoal que mora debaixo da antena da BBC não ficava doente.

Na verdade, eu trabalhava nessa época como voluntário. Tinha que correr com as receitas para todas serem aviadas antes das 5 horas da tarde. Por quê? Porque depois das 17 horas as irmãs se trancavam na clausura e ficavam cantando desafinadas com um órgão desafinado, louvando a Deus... Cá para nós, eu acho que Deus não devia gostar muito daquela berraria.

E a irmã superiora tinha um chaveiro na cintura e trancava tudo (esse comportamento, pelo fato delas terem trabalhado muitos anos em hospitais, foi herdado pelas enfermeiras, que,

* O forno de Bier, assim denominado em homenagem a seu inventor, doutor August Bier, é um compartimento que se coloca sobre a região a ser tratada, dentro do qual é gerado calor a partir de resistências elétricas. “*Medical scientists are nice people, but you should not let them treat you!*” (Bier), provavelmente protestando por terem dado seu nome para o tal forno de assar candango.



*Forno de Bier: do inferno da obra para o inferno da "irmãzinha".
"Medical scientists are nice people, but you should not let them treat you!" (Bier)*

com medo que levassem as coisas, amarravam até tesoura com corrente no carrinho de curativo).

Chegou ao “Sarinha” uma terapeuta ocupacional muito competente. Fiquei feliz porque até então só tínhamos um fisioterapeuta e auxiliares. Um dia entrei no “Sarinha” e não encontrei a moça.

– Cadê ela?

– Demiti (disparou a santa irmãzinha). Ela é metida a bonita e está namorando...

Não dava! Por essas e outras, mandei as irmãs e as Pioneiras, na época uma fundação, às favas, e voltei a me concentrar principalmente no Distrital. Fui para casa convencido de que todos me acompanhariam deixando o “Sarinha”. De tarde, recebi um telefonema avisando que todos os médicos e terapeutas que lá também trabalhavam queriam me visitar em meu apartamento. Achei que minha expectativa ia se concretizar. Depois de algumas palavras eivadas de gongorismo,* deram-me de lembrança um isqueiro de ouro. Minha crença na solidariedade humana diminuiu. Aliás, com isso e muitas outras coisas que aconteceram ao longo de minha vida, costumo dizer: “Se os humanos fossem solidários, Deus não tinha inventado o cachorro...” Passei a me dedicar praticamente em tempo integral ao Distrital, mas aceitei um convite amigo de Célio Menicucci, que tinha estado ao mesmo tempo que eu na Inglaterra, era reumatologista no Distrital e me ofereceu um espaço de trabalho em seu consultório. Eu poderia então iniciar uma clínica particular. Tinha chegado

* Gongorismo – estilo literário que se caracteriza por um hermetismo deliberado, emprego de palavras eruditas, afetação levada ao extremo (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 2002).



há pouco tempo da Inglaterra e comecei a construir uma clientela de todos os lugares do Brasil que, com o tempo, passou a me procurar. Dedicava-me ao Distrital com obsessão, e, no tempo, o “décimo andar” passou a ser a sala de visitas do hospital.

Em 1969, depois que fui nomeado por Arthur Campos da Paz diretor do Centro de Reabilitação, pedi licença no Hospital Distrital e passei a trabalhar apenas no “Sarinha” e em clínica particular no meu consultório.

No final do dia, chegava meio esbaforido ao consultório e lá encontrava Aparecida, secretária que eu tinha “herdado” de Celinho e que me acompanhou durante muitos anos, primeiro na clínica particular e depois cuidando dos meus residentes quando fechei o consultório e fiquei em tempo integral no SARAH.

Quando cheguei de volta ao “Sarinha”, encontrei-o completamente detonado, física e moralmente. Chegava ao ponto de fisioterapeutas entrarem de motocicleta pelo corredor central estacionando-as no ginásio, lá no final do prédio. Piscina entupida, paredes de ladrilhos azuis “banheiro de rodoviária”, goteiras por todos os lados. Arquivo? Não tinha, havia no final do corredor uma moça que entregava os prontuários na mão dos doentes, que os levavam para o ginásio.

Centro cirúrgico? Ahhh! Tem uma sala que abre a porta para o corredor do ginásio. E por aí afora... Entretanto, encontrei um grupo de adolescentes que tinha sido empregado pelas irmãs como recepcionista e ficava em um balcão na entrada do Centro. Com esses adolescentes, comecei a organizar os arquivos. Levei comigo alguns ortopedistas do Distrital que tinham

lado meus residentes, um anestesista que me acompanha até hoje, agora neurofisiologista: José Carlos Dias Ferreira,* além de outros médicos que trabalhavam no Distrital. Começamos do zero, ou melhor, começamos do negativo. Aos poucos, com o apoio da delegada das Pioneiras Sociais em Brasília, dona Hilda Saião, viúva de Bernardo Saião,** um dos construtores da nova capital, e de um amigo de Arthur Campos da Paz, coronel Geraldo Rocha, que tinha vindo para Brasília a seu convite, comecei a mudar as coisas. Eram os “anos de chumbo”,*** e Arthur achou que seria bom ter um coronel no circuito, o que realmente ajudou.

Todas as fundações, repartições públicas e aquelas de direito privado, como era o nosso caso, que operavam com recursos da União tinham um setor ligado ao SNI,**** com um coronel lá

*José Carlos Dias Ferreira – chefe da anestesia no Hospital Distrital. Fez pós-graduação na Grã-Bretanha e conhecia profundamente neurofisiologia. Entretanto, cada vez que durante um procedimento a pressão do doente caía, a sua subia... Um dia lhe disse: “Zé, tem um negócio novo, a tal da eletromiografia. Por que você não vai por aí? Foi para a América treinar com um cara gozado chamado Goodgold, montou a eletromiografia ainda no “Sarinha”, já formou gerações e hoje chefia a Neurofisiologia do SARA.H.

** Bernardo Saião Carvalho Araújo (Rio de Janeiro, 1901-Açailândia, 1959) – formado em 1923 na Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária de Belo Horizonte, teve como principal projeto o desenvolvimento da região central do Brasil. Em 1954, foi eleito vice-governador de Goiás, chegando a governar o estado interinamente por três meses, de 31 de janeiro a 12 de março de 1955. Em setembro de 1956, tornou-se um dos diretores da Novacap, sendo Israel Pinheiro o presidente, além de Ernesto Silva e Íris Meinberg. Em 1958, Juscelino Kubitschek encarrega-o da construção do trecho sul da Transbrasiliana (a Belém-Brasília). Acompanhando pessoalmente as obras, no início de janeiro de 1959, nos trabalhos de abertura da mata, uma árvore é derrubada de forma equivocada e atinge o barracão em que se encontrava Saião, que morre no mesmo dia. Naquele dia, em sua homenagem, pararam todas as atividades de construção.

*** Vide referência anterior, à p. 125.

**** SNI – o Serviço Nacional de Informações foi criado pela Lei nº 4.341 em 13 de junho de 1964 com o objetivo de supervisionar e coordenar as atividades de informações e contrainformações no Brasil e no exterior. A estrutura do SNI era composta pelo chefe, que tinha *status* de ministro. O poder de ação e decisão era imenso, e de suas apreciações poderiam emanar atitudes do chefe de Estado das mais diversas, desde mandar investigar um suspeito até expurgá-lo do país. Assessorias de Segurança e Informações (ASIs) eram órgãos de informações das entidades subordinadas ou vinculadas aos ministérios, como empresas estatais e autarquias, e tinham agentes para coleta de dados e remessa ao órgão central, visando a um maior controle. Instituições tão díspares como Banco do Brasil, Fundação Oswaldo Cruz, Companhia Vale do Rio Doce, Fundação Getúlio Vargas e Biblioteca Nacional, entre outras, tinham suas atividades e as de seus funcionários acompanhadas pelas ASIs.



Uma foto mostra muito mais...

plantado. Geraldo Rocha contribuiu para que pelo menos esses constrangimentos não vivêssemos. Era a época do “Ame-o ou deixe-o”.* Até a escola de música da UnB tinha um coronel dirigindo-a... Provavelmente corneteiro de banda.

Um domingo, recebi um telefonema do arquiteto João Filgueiras Lima.

– Tem um amigo meu, baiano, que quebrou o joelho, você poderia atendê-lo?

– Joelho, em um domingo? Manda lá para o “Sarinha” que eu peço para um dos residentes atenderem.

Quando cheguei na segunda-feira, uma das enfermeiras me abordou:

– Doutor Campos, é bom o senhor ver o tal baiano que eu acho que ele é maluco.

Lá fui eu, e encontrei Eduardo de Mello Kertesz literalmente aos berros:

– Isto aqui não é um hospital público? Eu não estou pagando nada? Como é que tudo está funcionando?...

Depois de acertar a tração (Eduardo, que tinha quebrado o joelho, estava sendo tratado conservadoramente, como eu tinha ensinado aos meus residentes), começamos uma conversa que durou o tempo que Eduardo ficou internado e continuou pela elaboração do Projeto para Desenvolvimento de um Programa de Medicina do Aparelho Locomotor e de Reabilitação. Eu trabalhava de dia no “Sarinha” e de noite

* “Ame-o ou deixe-o” – publicidade do regime militar de 1964 que influenciou mais de uma geração de brasileiros pela sua veiculação em todos os meios de comunicação. “Quem não vive para servir ao Brasil, não serve para viver no Brasil”. Vide: <<http://www.dhnet.org.br/dados/projetos/dh/br/tmmais/consequencia.html>> – *As consequências da tortura*.



escrevíamos ao longo de discussões muitas vezes acaloradas. Minha experiência na Inglaterra servia de base para os argumentos que as fundamentavam. Para que o programa começasse a ser implementado, pois ele circularia através da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, teve um papel fundamental Antônio Augusto dos Reis Velloso, irmão do então ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso. Quando a proposta estava pronta, fui defendê-la perante o ministro. Naquele tempo, a Secretaria de Planejamento funcionava no Palácio do Planalto. Reis Velloso, que já tinha conhecimento da ideia através de seu irmão, pegou um pequeno bloco e começou a falar, escrevendo:

– Tantos milhões para a Seplan, tantos milhões para o Ministério da Saúde, tantos milhões para a Finep** – e por aí afora...

Estávamos de pé fora de seu gabinete, para o qual ele voltou. Foi quando uma secretária que operava uma máquina de telex** me chamou:

– Doutor Campos, venha até aqui – e me mostrou o que ela estava enviando via telex para a Secretaria-Geral do Ministério da Saúde:

“Nesta data, em reunião na Secretaria de Planejamento da Presidência da República, ficou decidida a construção do Hospi-

*Finep – Financiadora de Estudos e Projetos – tem como missão promover e financiar a inovação e a pesquisa científica e tecnológica em empresas, universidades, centros de pesquisa, governo e entidades do país.

**Telex foi um sistema internacional de comunicações escritas que prevaleceu até o final do século XX. Consistia numa rede mundial com um plano de endereçamento numérico, com terminais únicos que poderiam enviar uma mensagem escrita para qualquer outro terminal. Ainda está em funcionamento em muitos países, apesar de o número de subscritores do serviço se encontrar em queda pela introdução do *e-mail*, mais barato. Os terminais pareciam e funcionavam como máquinas de escrever ligadas a uma rede igual à telefônica.

tal das Doenças do Aparelho Locomotor, tendo sido distribuída a responsabilidade das verbas da maneira que se segue”.

E lá vinham as contas que o ministro Reis Velloso tinha resmungado ao escrever o papelzinho no corredor. Assim que eu li o que estava na máquina, a secretária apertou o botão e vupt, lá se foi a mensagem... Olhou para mim, sorriu e disse:

– Lembra de mim? O senhor me tratou quando eu era criança.

É assim que as coisas acontecem! Saí dali correndo para o Ministério da Saúde, onde encontrei o secretário-geral, José Carlos Seixas, perplexo.

– Como é que foi isso?

– Hum, deram a ordem...

No dia 24 de fevereiro de 1976, os ministros da Saúde, Paulo de Almeida Machado, e do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso, encaminharam exposição conjunta ao presidente da República, Ernesto Geisel. No dia 8 de março de 1976, o Presidente da República nela escreveu: “APROVO. E. Geisel”. Tenho uma cópia do documento guardada na Biblioteca do SARAHI Centro.

Faltava a Finep. Foi marcada uma reunião em sua sede no Rio de Janeiro. Lá estavam presentes, além do diretor, todos os chefes de área. À medida que comecei a descrever o projeto, o presidente da Finep deu um suspiro e exclamou:

– Doutor Campos, que alívio. Eu pensei que fosse algum “treco” na área da agricultura; mandei todos os meus técnicos revirem tudo e não encontrei nada.



“A tempestade agrícola”

Não se trata na realidade de apenas um programa de mais um hospital de trezentos leitos. Procura-se na verdade multiplicar a capacidade de treinamento que este hospital atualmente possui, criando-se um centro gerador de recursos humanos que tenha incorporada na sua política de treinamento a liberação gradual de recursos sofisticados, de tal maneira que os médicos e os paramédicos de vários níveis treinados neste novo hospital possam no futuro, exercendo suas atividades em áreas menos favorecidas, estabelecer programas de tratamento e prevenção das incapacidades, incorporadas à situação geográfica, social e econômica da área em que atuam.

01 – 12 – 1975

Aloysio Campos da Paz Júnior
Médico

- Agricultura?
- É, por que o ministro Alisson Paulinelli não para de telefonar para cá...

É que eu tinha tratado um filho de Paulinelli, livrando-o de uma cirurgia radical, pois tinham feito um diagnóstico equivocado. Ele, de grande prestígio no governo, sabendo do nosso pleito, despejou aquilo que veio a ser conhecido como “tempestade agrícola” na cabeça dos técnicos da Finep.

O projeto original se intitulava Projeto para Desenvolvimento de um Programa de Medicina do Aparelho Locomotor e de Reabilitação e continha quatro vertentes.

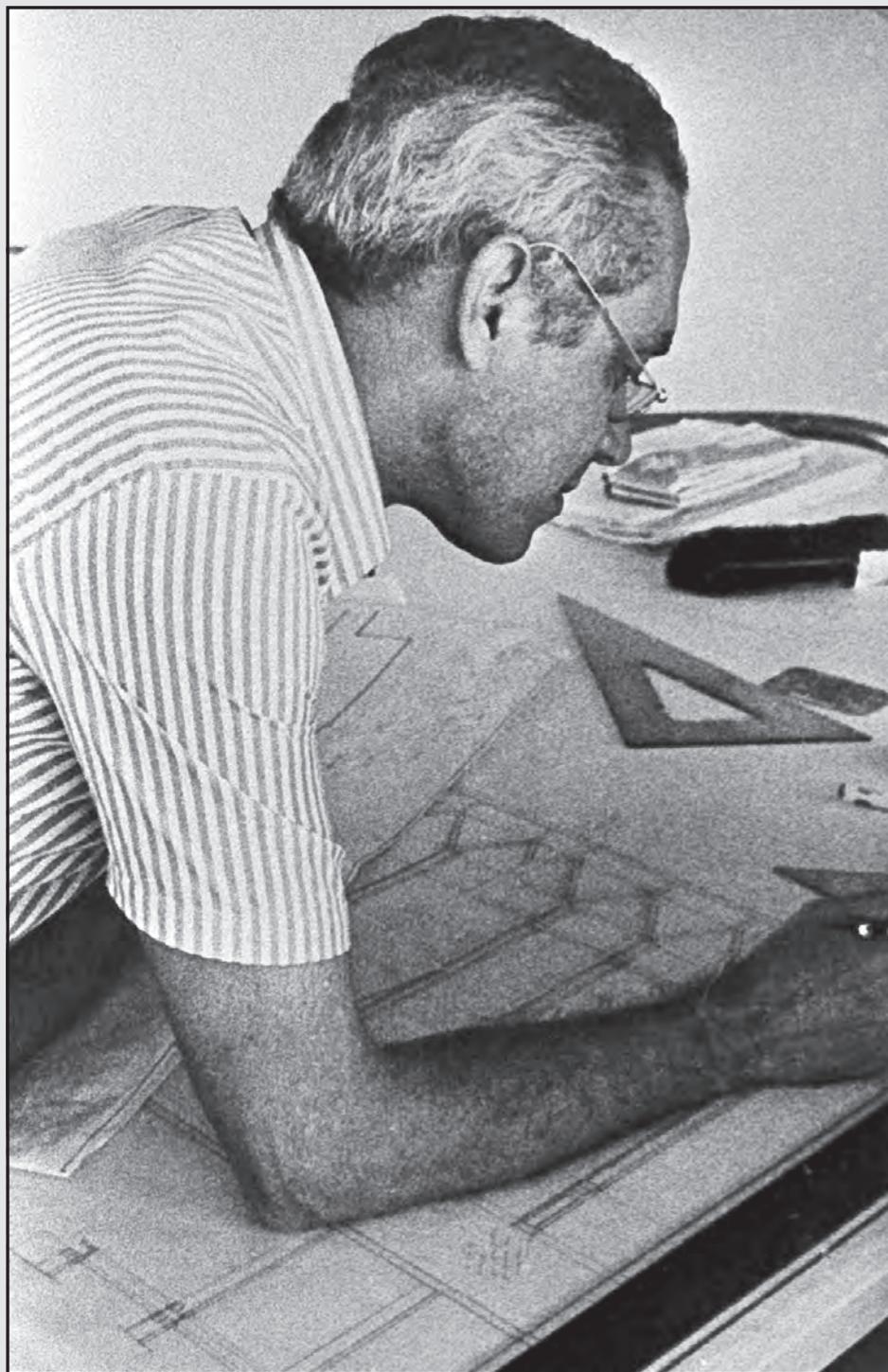
Depois do título “Discussão técnica das proposições” (jargão economês típico da época), vinham os detalhamentos:

“Este projeto se destina a implantar:

Um hospital prestador de serviços, um centro de produção e difusão de tecnologia e um centro de formação de recursos humanos que constituirão um Centro Ordenador de um Subsistema Especializado Multirregional”.

O projeto arquitetônico foi desenvolvido por João Filgueiras Lima (Lelé), que também participava das discussões no Ipea, todos alimentados por sanduíches monumentais e guaraná que o Eduardo mandava buscar.

Comecei, então, a atrair pessoas jovens, preparando-as para o futuro. Jovens que estavam se formando na perseguida Universidade de Brasília e tinham militância estudantil. Criei um setor de recursos humanos e entreguei a direção à Maria Luiza Angelim. Vieram antes Roberto Pinho e Judith Cortesão. Roberto Pinho trouxe um *designer* chamado Alex Peirano Chacon, que



João Filgueiras Lima – primeiros desenhos do projeto do grande hospital

E.M. nº 022

Em 24 de fevereiro de 1976

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Aprovo
Em 8 mar 76
Général

A Fundação das Pioneiras Sociais, entidade filantrópica criada pela Lei nº 3.736, de 22 de março de 1960, tem como finalidade a prestação de assistência médica, social e educacional às populações pobres, mantendo para tal, em Brasília, um centro de reabilitação de doentes do aparelho locomotor, com relevantes serviços prestados à comunidade do Distrito Federal.

2. O Conselho Comunitário da Fundação, juntamente com sua Diretoria, conscientes da necessidade de aperfeiçoamento e expansão das atividades da Fundação, encontram-se atualmente empenhados na construção de um Hospital das Doenças do Aparelho Locomotor que, ampliando e desenvolvendo o Centro de Reabilitação existente, venha a representar mais que simples adição de uma nova unidade especializada à rede

O "aprovo", 8 de março de 1976



"Sarinha", início do projeto – apontando o futuro: o tempo integral e a dedicação exclusiva



montou o embrião que no futuro viria a se transformar no EquipHos, o tal “centro de produção e difusão de tecnologia”.

Por que jovens? Porque, junto com meus residentes, comigo foram para o “Sarinha” médicos da minha geração que começaram a trabalhar, mas logo viraram feras quando eu comecei a dizer que iria implantar o regime de tempo integral para o nosso trabalho. Não era nem dedicação exclusiva. Só tempo integral... O número de jovens ia aumentando e, com isso, os conflitos. E eu reunindo a moçada no ginásio do “Sarinha” e deitando falação. Quando consegui que o tempo integral fosse implantado (os que apoiaram assinaram um novo contrato), a maioria dos da minha geração se voltou contra, chegando a publicar manifesto em jornais.

A dedicação exclusiva veio depois e de forma inesperada. Estava em um final de dia, que era a hora que eu tinha, atendendo em meu consultório particular, que ficava no centro da cidade e tinha sido decorado por Athos Bulcão, que já era meu amigo. Fila de doentes, a secretária segurando as reclamações porque eu sempre chegava atrasado. Entra um cidadão queixando-se do joelho. Após examiná-lo, coloquei suas radiografias no negatoscópio e fiquei olhando-as de costas para ele.

Naquele mês, eu tinha dado ordens à secretária Aparecida para que comprasse um automóvel conversível. Ao chegar ao consultório, ela me informou que a promissória do carro iria vencer... A radiografia do joelho (o joelho me persegue porque me ouviu falando mal dele) mostrava uma pequena lesão que poderia ser tratada tanto conservadoramente quanto por cirurgia. Entretanto, o preço seria diferente.



Canteiro de obras, 1978 – ao fundo o “Sarinha”, onde tudo começou



Olhando no negatoscópio, vi, em vez do joelho, a promissória do conversível... Virei para o doente tão transtornado que ele achou que estava com câncer e desmaiou! Depois de tranquilizá-lo (falei que estava passando mal), encaminhei-o ao “Sarinha” para tratamento conservador, e abrindo a porta de espera dirigi-me à Aparecida rosnando: “Fecha esta merda!” É que subitamente eu tinha compreendido a questão central, que a partir daí passou a guiar a minha vida de médico: se você insere em seu processo decisório o lucro ou o prejuízo, o processo fica corrompido!

A partir daí, passei a pregar para toda a população do “Sarinha” que tínhamos que implantar a dedicação exclusiva com salário fixo. Até então ganhávamos um salário complementado por um *pro labore*, que era uma percentagem (alta) do que os institutos de previdência, na época já unificados no Inamps, pagavam por cada procedimento realizado no hospital. A galera da minha geração, aí sim, virou bicho: “COMUNIIIIISTA!”

Não se esqueça, caro leitor, se é que você já chegou até aqui, que ainda estávamos sob a égide do AI-5. Mais uma vez, a ala militar da família segurou a barra. O coronel Geraldo da Silva Rocha também mexeu seus pauzinhos. Para Geraldo, militar até a medula, trabalhar em tempo integral e dedicado a uma só instituição era mais do que o óbvio. Além disso, eu tinha tratado uma multidão de pessoas, e depois da decisão tomada, todos os meus clientes particulares passaram a ser atendidos de graça no “Sarinha” (não é bem de graça, porque, afinal de contas, eles pagavam impostos).

Um dos meus clientes era o então presidente do Senado, Magalhães Pinto, que, em conversa comigo, disse: “Aloysio, seria bom você fazer um conselho comunitário como um órgão que venha a apoiar seu projeto”.

Surgiu, então, o Conselho Comunitário do Sarah, pelo qual passaram figuras de renome e que muito ajudou na implantação daquilo que parecia uma utopia. Muito mais tarde, depois da Constituição de 1988, quando a fundação foi transformada por lei do Congresso em Associação, o Conselho passou à categoria de Conselho de Administração, órgão maior da Rede SARA. H.

Muitos fatos, mulheres e homens foram fundamentais na trajetória da Rede. Membros do Conselho que se sucederam após a promulgação da lei; brasileiros e cientistas de vários países que, ao longo do tempo, reconheceram o trabalho que no SARA se realizava. Construção de conceito é como subir escada, degrau por degrau, com a consciência do risco de qualquer tropeço. A projeção, com o tempo, se tornava cada vez maior no exterior. Entretanto, um dia fui procurado por Roberto Pompeu de Toledo, que posteriormente integrou o Conselho, para uma “Páginas Amarelas” na revista VEJA. Foram longas entrevistas que se sucederam, e, finalmente, a matéria foi publicada com extraordinária fidelidade.

O “santo de casa” fez milagre...



Com Roberto e Lucia Willadino Braga e a reportagem que “abriu o jogo”

No SARA



Com Lucio Costa



Com Florestan Fernandes



Com João Filgueiras Lima (Lelé), Luis Humberto Martins Pereira, Pompeu de Souza e Athos Bulcão



Com Darcy Ribeiro, Maria da Conceição Tavares e Luis Gutemberg, juntos na enfermaria



Com José Sarney, Pompeu de Souza e Magalhães Pinto – os primórdios do Conselho



Início de 1980 – o “engenheiro” em delírio cívico: “Senador, esse prédio está tão bem construído que para molhar o chão vai ter que chover de baixo para cima”. Magalhães Pinto: “Ihhhhhh Tônico, do jeito que as coisas vão no Brasil vai inundar o hospital do Aloysio...”



Maquete do projeto, 1977



A construção, 1978

CAPÍTULO VIII

OROPA, FRANÇA E BAHIA

Tudo começou com a construção de uma maquete que, fotografada, ficava em minha sala, uma vitrine na frente do “Sarinha”, onde eu, sentado a uma mesa, tocava o trabalho. Em 1969, eu tinha, juntamente com Geraldo Pedra, que era professor de ortopedia na Universidade Federal de Goiás e grande amigo e interlocutor, organizado o Congresso da Sociedade Brasileira de Ortopedia em Brasília.

Fizemos vários convites a ortopedistas de renome, entre eles Crawford Campbell,* que se notabilizara pelos seus trabalhos em tumores do aparelho locomotor. Crawford veio e, assistindo a uma apresentação minha sobre diagnóstico precoce da luxação congênita do quadril, um ano depois me convidou para apresentar a experiência em um congresso da American Orthopaedic Association.

Na época, eu já tinha examinado mais de 5 mil recém-nascidos nos berçários do Hospital Distrital e feito alguns estudos anatômicos no laboratório do “Sarinha” com Diolino

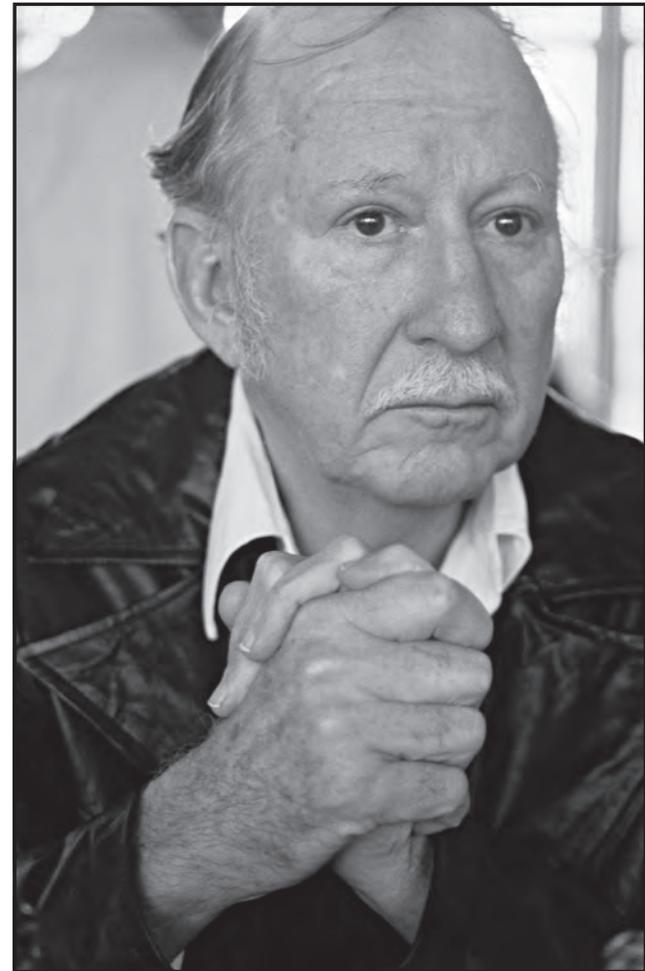
*Crawford Campbell (1913-1983) – um dos precursores do moderno tratamento dos tumores músculo-esqueléticos. Foi presidente da American Orthopaedic Association, para a qual me indicou como membro correspondente. Formou gerações de cirurgiões e sempre se destacou por sua mente brilhante e incomum vocação para transmitir seus conhecimentos – um verdadeiro humanista.

Conceição de Souza, um soberbo técnico de anatomia. Lembro-me bem que era uma sessão na qual jovens *bright boys* indicados por seus chefes apresentariam seus trabalhos. Eu estava numa fila esperando para subir ao pódio. Cada um de nós tinha dez minutos. Meu material tinha um caso raro: uma radiografia de uma luxação congênita em uma criança dentro do útero materno. A mãe tinha feito uma radiografia um pouco antes do parto. Essa imagem circulou, pelo fato de ser inédita, no mundo e foi citada em vários artigos. Naquela época, ainda não havia ultrassom com a resolução de hoje, e quando o obstetra suspeitava de algo fazia uma radiografia. Tratei essa criança depois que nasceu, e hoje, mais de quarenta anos depois, ainda a acompanho, seguindo o que aprendi com Somerville.* Crawford, antes de eu subir para a apresentação, disparou:

– Se depois da sua apresentação houver alguns aplausos, você terá sido bem aceito; se no *coffee break* alguém se referir ao seu trabalho, você terá sido bem-sucedido. Se no dia seguinte alguém falar com você, *you've made it*; se nada disso acontecer, você nunca mais volta...

E lá fui eu projetar meus *slides*. No dia seguinte, no mictório, o cara do lado virou-se por cima da divisória de mármore e falou: “*I've enjoyed your paper*”. Ao terminar de esvaziar a bexiga, de novo se dirigiu a mim: “Meu nome é Dean MacEwen, sou cirurgião-chefe do Instituto Dupont, em Delaware, e gostaria que você apresentasse seu trabalho lá”.

* Edgar William Somerville (1913-1996) – vide referência anterior.



Crawford Campbell



Com Elsita e "Mike" Tachdjian em Chicago

Foi o começo de um período de intensa atividade nos Estados Unidos e em outros países. Um dia, o telefone toca e do outro lado da linha, em um inglês carregado: "Alóiiisio? (os americanos nunca conseguiram pronunciar meu nome direito...), aqui é Mihran Tachdjian".*

Passei a pertencer à *Faculty* dos seminários na Universidade de Chicago. Mais tarde, Tachdjian fundou uma sociedade que se reunia nos Estados Unidos e na Europa para discutir ideias. Ela existe até hoje, mas depois que Mike morreu precocemente... huuumm. Naquela época, eu já era *corresponding member* da Sociedade Americana de Ortopedia, cargo para o qual tinha sido indicado por Crawford Campbell.

Em um congresso da AOA,** ele me apresentou a um sujeito alto e aparentemente seco: "Este é Aloysio Campos da Paz; este é Willian Enneking.*** Vocês devem se conhecer..."

Desse modo, teve início um relacionamento que mais tarde não só consolidou minha posição na América como foi fator fundamental para que em um momento crítico, com a competência de Daniel Knauf,**** eu tivesse minha vida salva.

* Mihran Tachdjian fundou e dirigiu durante mais de vinte anos os seminários internacionais de ortopedia pediátrica, reunindo líderes nessa especialidade, que davam cursos alternadamente em São Francisco e Chicago, onde Tachdjian era professor na North Western University. Escreveu um livro monumental que é referência para qualquer especialista na área. Era uma figura excepcional, que sabia agregar pessoas, talentos e obter o melhor deles para a rapaziada, que em multidão ia assistir aos cursos.

** AOA – Sociedade Americana de Ortopedia.

***Willian Enneking – professor emérito da Universidade da Flórida, em Gainesville.

****Daniel G. Knauf – professor de cirurgia torácica da Universidade da Flórida. Trouxe para um campo difícil da cirurgia um grande componente de humanismo. Sem dúvida o maior cirurgião, médico no sentido mais amplo que jamais conheci.



Enneking



Knauf e Enneking, 2009 - amigos para uma vida



Knauf no Triumph TR3

Mas isso são “outros quinhentos”.*

Bill Enneking, hoje professor emérito da Universidade da Flórida, em Gainesville, na época era presidente da Sociedade Americana de Ortopedia. Várias vezes fui a Gainesville, onde conheci em um momento difícil (os outros quinhentos) Daniel Knauf, que dirigiu o Departamento de Cirurgia Torácica, adorava carros, tinha e tem uma Ferrari Testarossa e me levou para comprar um Triumph 1957,** que eu, toda vez que vou lá, dirijo com orgulho. Eu com minha mania de conversível... Esse carro está com Dan lá em Gainesville porque resolvi que ele ficaria melhor em suas mãos e o vendi por um dólar (para você registrar o automóvel em seu nome na América, tem que comprá-lo).

Gosto muito de Enneking e Knauf, casados com duas grandes mulheres: Margaret e Annemarie, e por isso gosto de vez em quando de voltar a Gainesville.

Outro que não esqueço é David Sutterland.*** Encontrei-o pela primeira vez em um congresso em San Francisco. Ele projetava um filme sobre seus estudos do movimento durante o andar de uma criança com paralisia cerebral. O filme quebrou; a

*Outros quinhentos – no livro *Dom Quixote* (1605), de Miguel Cervantes, o personagem principal afirma a seu escudeiro Sancho Pança que ele era “fidalgo de solar conhecido, de posses e propriedades e de merecer quinhentos soldos”. Antes disso (1587), em diálogo que faz parte da peça *Filodemo*, de Camões, um personagem diz: “Dionísia, a mais formosa dama que nunca espalhou cabelos ao vento, é filha de não sei quem”, e ouve em resposta: “Esses são outros quinhentos!” Daí em diante, a expressão “são outros quinhentos” passou a ser usada para dar a entender que há um outro lado nas coisas que são contadas.

**Triumph TR3 – foi produzido de 1955 até 1957. É um clássico entre os automóveis britânicos.

***David Sutterland – fundador do Laboratório de Estudos de Análise do Movimento em San Diego, Califórnia. Tornou-se uma notabilidade internacional por suas pesquisas e estudos, que culminaram em dois clássicos: *Distúrbios da marcha na infância e na adolescência* e *Desenvolvimento do andar na maturidade*. Simples, modesto e apaixonado pelo seu trabalho, caracterizava-se pela sua infinita paciência ao transmitir o que conhecia sem distinção de classes ou nacionalidades. Colaborou na consolidação dos laboratórios de movimento na Rede SARA. Treinou muitos de nossos técnicos (1913-1996).

platóia não conseguia entender o que David procurava transmitir. Na verdade ele estava anos à frente. De noite, em um jantar, ele, pelos cantos, deprimido. Aproximei-me e disse: “Compreendi tudo o que você queria transmitir. Também estou buscando entender melhor a complexidade da interação das deformidades em movimento... Procurando meios de ver mais em menos tempo; ‘alongar meu segundo’. Quero ter a oportunidade de aprender mais”. Foi o início de um relacionamento até o fim de sua vida. Ele colaborou na formação de técnicos para os laboratórios de movimento do SARAH, e aqui esteve mais de uma vez.

Nas minhas andanças pelo curso do Mike, conheci, entre outras, uma figura que me marcou muito.

Quando Trueta se aposentou, a Universidade de Oxford convidou Robert Duthie* para assumir a cadeira de ortopedia. Alguns anos depois, conhecendo-o em Chicago, começamos uma amizade que durou enquanto ele viveu. Lembro-me bem que ele me entregou um capítulo do livro que editava** para que eu escrevesse sobre paralisia cerebral, coisa que fiz junto com Lucia Willadino Braga, Sáuria M. Burnett e Álvaro M. Nomura. Lembro-me do encontro que tive com ele em um Congresso da Sociedade Inglesa de Ortopedia, em Londres, quando levei a



David Sutterland – pioneiro no laboratório de movimento

* Robert Buchan Duthie (1925-2005) – nascido em Detroit. Foi um cirurgião reconhecido internacionalmente que projetou ainda mais o Nuffield Orthopaedic Centre, onde substituiu Trueta, e o serviço de acidentados em Oxford. Em 1980, dez de cada dezenove professores de cirurgia ortopédica no Reino Unido e em outros países no mundo tinham sido treinados em Oxford, refletindo sua influência internacional. Promoveu importantes contribuições no tratamento da hemofilia e da escoliose e na cirurgia das articulações. Escreveu um clássico sobre tratamento da hemofilia e editou o *Mercer's Orthopaedic Surgery*, reconhecido como o principal texto de ortopedia na língua inglesa. Estabeleceu o Departamento de Bioengenharia e reviveu o Mary Marlborough Lodge Rehabilitation Centre, unidade na qual dona Sarah no passado tinha se inspirado para solicitar a Juscelino a construção do Centro de Reabilitação Sarah Kubistcheck, em Brasília.

** *Mercer's Orthopaedic Surgery*, nineteenth edition.



Robert Duthie: *You bastard!***



"Doutor Campos, de onde mesmo ele é?" !@#%~&*()_+

proposta de texto. Sentamos em uma poltrona do *foyer* do Royal Festival Hall, onde se realizava o Congresso. Ele lia e eu olhava. Quando terminou o texto, virou-se para mim e, com um sorriso, disparou: "*You bastard!*"*

O capítulo foi publicado no seu clássico livro, e foi a primeira vez que surgiram em um livro de texto as ideias que tínhamos desenvolvido na Escolinha. Um dia, Robert me convidou para ser um dos conferencistas nas solenidades de comemoração dos cinquenta anos da cátedra de ortopedia da Universidade de Oxford. Éramos mais de setenta que por lá tínhamos passado desde Girdlestone.** Todos chefes de serviços ou titulares de ortopedia em inúmeras universidades mundo afora!

Tive a honra de falar diante de Sommerville e de Duthie sobre meus achados anatomopatológicos na luxação congênita do quadril. Convidei Duthie para ser o orador na inauguração do SARAH Salvador. Diante de uma multidão, ele exclamou: "Esse projeto representa para mim o sonho do futuro".

Um deputado baiano que estava ao meu lado perguntou: "Doutor Campos, de onde mesmo ele é?" "@#%~&*()_+".

Um dia, em 2005, senti uma necessidade imperiosa de rever Duthie. Havia uma reunião em Londres. Larguei a reunião e peguei um trem para visitá-lo em Oxford. Ele me esperava sentado na estação com suas duas próteses de membro inferior e uma bengala. Levantou-se com dificuldade e levou-me no seu

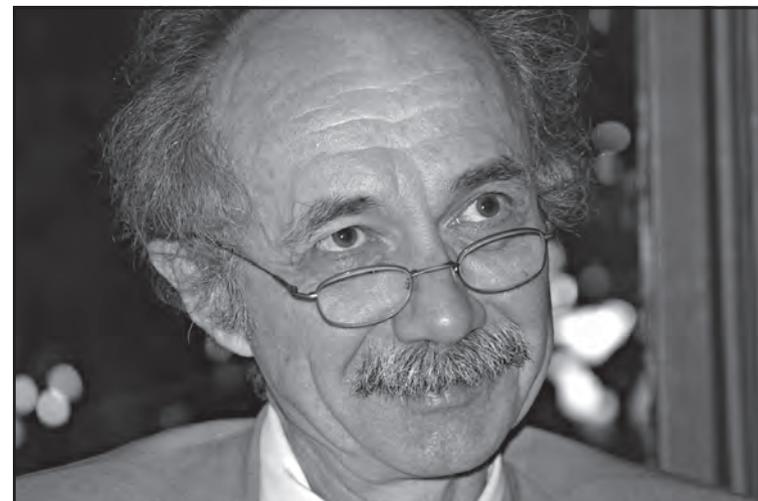
* Expressão que pode ser usada na língua inglesa para transmitir admiração entre pessoas íntimas. "Diz-se do tipo não padronizado que não possui as características estruturais de nenhuma família" (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 2002).

** Girdlestone, professor Gathorne Robert (1881-1950) – pioneiro da ortopedia britânica, precedeu Trueta em Oxford e, com a participação de *lord* Nuffield, criou o Nuffield Orthopaedic Centre.

carro para a casa onde morava com Alison, sua esposa. Ela tinha sofrido um acidente vascular cerebral, e ele tido as duas pernas amputadas no hospital que ele por anos dirigiu. Sofrera uma trombose venosa profunda e custaram a fazer o diagnóstico.

Alison sofreu tanto com isso que teve um AVC. Apesar de tudo, os dois ainda sabiam sorrir, e ela, sentando-se ao piano, dedilhou com dificuldade uma velha canção escocesa. Saímos para o campo com seus filhos, e, numa pequena taverna, comemos um carneiro com molho de hortelã. Voltei com essas memórias para, ao chegar, receber depois de uma semana a notícia: Robert tinha morrido. Há coisas que a gente não explica, como a compulsão de visitá-lo naquele momento. A bandeira do SARA, no mastro ao lado da nacional, ficou hasteada a meio pau por uma semana. Era o mínimo que eu podia fazer para demonstrar minha tristeza.

Três cientistas de outras áreas do conhecimento, mas nem por isso menos universais, me vêm à memória quando escrevo estas linhas: Marc Forman,* professor emérito em psiquiatria infantil da Universidade de Tulane, que em momentos difíceis na implantação da “pedra de contradição” foi fundamental no apoio internacional que trouxe. Gerard Deloche,** reitor da Universidade de Reims, um dos pais da neuropsicologia contemporânea que projetou a Rede SARA emprestando-lhe seu



Gérard Deloche

* Marc A. Forman – professor emérito em psiquiatria e pediatria na Escola de Medicina da Universidade de Tulane, EUA.

** Gérard Deloche – chegou, pelos caminhos da neurociência, a decano da Universidade de Reims-Champagne-Ardenne, fundada no século XVI. Sempre foi um rebelde, nunca aceitou o convencional. Tornou-se amigo da Rede SARA por descobrir aqui uma instituição que rompeu com o comum. Contra este mesmo comum, Gérard lutou, viveu e morreu. Foi o maior incentivador do avanço que caracteriza a integração entre o ensino, a pesquisa e a clínica – transformados em um só ato de humanismo.



Lucia Willadino Braga e Anne-Lise Christensen

enorme prestígio e o respeito profissional que consigo trouxe. Morreu cedo e tragicamente. A ele dediquei a criação do SARAH Lago Norte. Finalmente, Anne-Lise Christensen,* colaboradora de Luria** e fundadora da primeira instituição de neurociência e neuropsicologia na Escandinávia. *Dame* laureada pela rainha da Dinamarca por seus trabalhos, que projetavam aquele país no campo da neurociência por todo o mundo.

Todos vieram e vêm com frequência ao SARAH trazer seu conhecimento.

Deloche fica na memória em um monolito que o homenageia no Lago Norte.

Vamos voltar aos anos 1970. Como disse, encontrei o “Sari-nha” detonado. Era tão complicado o problema que alguns programas tiveram que ser desenvolvidos literalmente debaixo das árvores. Eram os tempos do movimento *hippie**** no Brasil. Eu tinha vivido seus primórdios quando estava na Inglaterra, assistindo, como contei antes, a protestos e passeatas contra a bomba atômica. Olhando para trás, vejo que muito do que fizemos foi inspirado nos princípios libertários que dominaram os anos 1960 e que no Brasil se projetaram na década de 1970, até o final do regime autoritário. Nessa época, começou a trabalhar comigo

* Anne-Lise Christensen – professora em neuropsicologia e reabilitação da Universidade de Copenhaga, na Dinamarca. Fundou o primeiro centro de reabilitação das lesões no cérebro na Escandinávia.

** Alexander Romanovich Luria (1902-1977) – famoso neuropsicólogo do desenvolvimento. Um dos fundadores da psicologia cultural histórica e da teoria da atividade psicológica. Durante a Segunda Guerra, chefiou um grupo em hospitais do Exército, procurando uma maneira de compensar as disfunções psicológicas em pacientes com lesões no cérebro. Seu trabalho resultou na criação do campo da neuropsicologia.

***Os *hippies* (no singular, *hippie*) eram parte do que se convencionou chamar movimento de contracultura dos anos 1960, tendo relativa queda de popularidade nos anos 1970 nos EUA, embora o movimento tenha tido muita força em países como o Brasil somente na década de 1970.

uma menina de cabelos e vestidos longos que encontrei um dia tocando flauta na beira do leito de uma criança no “Sarinha”. Era Lucia Willadino Braga, que fez toda a sua carreira na Rede SARAH e hoje a dirige com extrema dedicação e competência. Lembrava-me da experiência no País de Gales, quando pela primeira vez vi um centro de reabilitação em Rhydlafer, e diante de mim se revelava a concentração dos esforços na educação e não em procedimentos estúpidos de fisioterapia. Na época, como infelizmente até hoje, a moda eram métodos que mais pareciam sessões de tortura em um Doi-Codi. Num deles, quatro pessoas seguravam a pobre criança espástica e forçavam, com a criança aos berros, movimentos para simular batráquios... Baseados no princípio pseudocientífico de que se viemos dos répteis, para voltar a andar temos que ser répteis de novo... E por aí afora!

O negócio é que as terapeutas que trabalhavam no SARAH acreditavam nesse besteiro, e eu não conseguia colocar nada na cabeça delas. Comecei com a jovem galera a trabalhar debaixo de uma grande árvore que ficava nos jardins, na frente do “Sarinha”. Convidávamos as mães a participar, e a ideia era criarmos um programa que estimulasse de maneira lúdica o desenvolvimento cognitivo e motor de cada criança. Como as mães ficavam com as crianças a maior parte do tempo e nós apenas uma ou duas horas, ensinávamos o que devia ser feito para cada etapa do desenvolvimento. Tudo começou com desenhos simples e diagramas para tentar explicar às mães as várias etapas do desenvolvimento da criança. Com o tempo, evoluímos para desenhos feitos em folhas que eram grampadas num manual.



"Tratamento" de paralisia cerebral antes da Escolinha: três para segurar o menino



Início da participação da família – debaixo das árvores...

Disso tudo surgiu primeiro um livrinho que era “montado” à medida que a criança fazia aquisições e depois, anos depois, o livro *The child with traumatic brain injury or cerebral palsy: a context-sensitive family-based approach to development*,* hoje traduzido para o português. Entretanto, nada disso surgiu sem conflitos: “O quê? Ensinar reabilitação para a mãe? Ensinar a mãe a tratar a criança?”

Houve um episódio paradigmático relacionado com isso. Quando apresentei os primeiros resultados na América, a simples tentativa de um colega meu, professor em Stanford, de implantá-los criou um problema trabalhista com as fisioterapeutas. Afinal de contas, estávamos transferindo conhecimento, e transferir conhecimento é transferir poder. Aprendi mais essa, e aos poucos começou a ficar claro para mim o poder deletério do corporativismo.

Um dia, João Filgueiras nos enviou um arquiteto: Fernando Andrade, também conhecido como Fernando “Garrafinha”. Não porque bebia, mas porque ficava desenhando garrafas na prancheta. Garrafinha fez um trabalho primoroso: ficou olhando o que fazíamos debaixo das árvores e projetou um teto em cima. E o dinheiro? Ahhh! Vou falar com o ministro da Educação, que então era Jarbas Passarinho. Ele compreendeu tudo e repassou recursos que nos permitiram construir a Escolinha – pequeno prédio de tijolos que levou seu nome. A Escolinha era dividida em dois espaços: para pedagogas e terapeutas. Um microbanheiro unissex e uma copinha.

* BRAGA, L. W. CAMPOS DA PAZ JR. A. *The child with traumatic brain injury or cerebral palsy: a context-sensitive, family-based approach to development*. Oxon: Taylor & Francis, 2006. 287 p. ISBN: 1 84184 503 5.



Do lado de fora...

Tudo pequenino. A ideia era que os espaços se intercomunicassem e o trabalho fluísse. Logo, as pedagogas, as terapeutas e as psicólogas se apropriaram dos dois quadrados. A mãe do doente ficava de fora enquanto as nobres cientistas discutiam bizantinamente* o que estava escrito no prontuário.

Tinha um médico que receitava anticonvulsivantes para todas as crianças e as deixava literalmente de porre. Depois chamavam a mãe para dar o veredicto. Passei a chamar o que eles denominavam de sessão clínica de “A Santa Inquisição”. Solução? Fomos de novo para o lado de fora. Eu e a “hippiegalera”. Com todos esses episódios íamos aprendendo coisas que até hoje influenciam o cotidiano dos SARAHs: os bloqueios inerentes a qualquer cultura no trabalho que eles chamavam de “interprofissional” e agora de “transprofissional”. Tem que ser “trans” mesmo, tão trans que possa transpor paredes e se abrir para aqueles que dele mais necessitam: quem depende do nosso aprendizado. Isso não é fácil. Aliás, com a saturação do mercado de trabalho e a multidão de profissionais cada vez menos qualificados egressos das “trambifaculdades,**” está ficando cada vez mais difícil.

Vamos voltar aos tempos do projeto SARAH, final dos anos 1970. Eu sabia que nossas propostas se contrapunham a tudo o que já naquela época se fazia na medicina no Brasil. Estávamos erguendo aquilo que veio a ser chamado um dia por José Carlos Seixas de a “pedra de contradição”. Sabíamos tanto disso que em volta do canteiro de obras foi erguido um tapume que

* Bizantinamente – relativo a Bizâncio; que tem caráter bizantino: frívolo, inútil, pretensioso (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2002*).

** “Trambifaculdade” – neologismo que resolvi criar à semelhança de trambiclínica. Ver trambique em *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2002*.



O começo da reabilitação infantil – lembrando Rhydlafar para Lucia Willadino Braga



A cerca – do outro lado o futuro...



"Candangos" construindo o futuro...



No "Sarinha" - do lado de dentro

cercava a obra e que tinha quase 10 metros de altura. A ideia era começar em *low profile* até que tudo fosse irreversível. Somente uma face do canteiro de obras era visível, aquela que dava para o "Sarinha". Uma cerca de arame permitia que os jovens que estavam sendo formados vissem o monumento no qual eles iam operar e que aos poucos ia surgindo dos alicerces. Fizemos um audiovisual. Um grande fotógrafo amigo meu, Luiz Humberto Martins Pereira, documentou os dois lados da cerca.

Colocamos gravadores de fita no meio da obra e em vários lugares do hospital. Preparamos a fusão gradual dos ruídos, desde batimentos cardíacos e ruídos respiratórios colhidos na sala de cirurgia até os variados sons vindos da obra. Desde as conversas alegres de crianças com enfermeiras até sons que vinham das máquinas de soldar as vigas de aço do prédio que se levantava. O audiovisual ficou pronto a tempo de ser mostrado a Ernesto Geisel, que visitou a construção por iniciativa do embaixador Antonio Francisco Azeredo da Silveira, ministro das Relações Exteriores, que ficou meu amigo. O audiovisual fundia sons e imagens de tal modo que o que se via era o trabalho nobre e dedicado dos dois universos: os operários que construíam e aqueles que iriam ocupar o espaço que eles levantavam.

No final, Geisel agradeceu, levantou-se e dirigiu-se ao carro. Parando subitamente, houve um "engavetamento" de ministros, e ele disparou: "Gostaria que no meu governo os senhores tivessem trabalhado como eu vi que aqui se trabalha..." "Tiiiiihh!" Bem que podíamos ter ficado sem essa... disse "Silveirinha".

Era mais um episódio da "pedra de contradição". Terminava o governo Geisel. João Baptista Figueiredo, o último

presidente do ciclo dos generais, tomou posse. Estava ainda em vigência o Decreto-Lei nº 200,* que dava ao presidente da República a prerrogativa de nomear os presidentes de fundações que operassem com recursos públicos.

Fui procurado por Armando Luis Malan de Paiva Chaves, que era secretário da Presidência.

– O presidente quer que você assuma a presidência das Pioneiras...!

O que tinha dito anos antes a Arthur Campos da Paz se consumava:

– Armando Luis, isso vai criar um problema com o Arthur.

– O presidente marcou para que você vá vê-lo.

Na data aprazada, fui ao Palácio do Planalto. Figueiredo me recebeu e pediu que eu externasse minhas ideias sobre assistência médica. Comecei a falar... Lá pelas tantas, ele me interrompeu com a frase:

– Bem que eles me falaram...

– ????????

– Eles me disseram que se eu nomeasse você ministro da Saúde meu governo caía em uma semana...

– Fico grato, presidente, foi um grande elogio.

– Você vai assumir a presidência das Pioneiras. Quando é mesmo que eu inauguro o novo hospital?

Dias depois, assinou decreto nomeando-me presidente da então Fundação das Pioneiras Sociais. Caiu como uma bomba!



Com Figueiredo: “Bem que me falaram...”

* Decreto-Lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967. Dispõe sobre a Organização da Administração Federal. Estabelece Diretrizes para a Reforma Administrativa. Foi com esse decreto que surgiu a classificação da Administração Pública Direta e Indireta.



Inauguração: Heinz Rucker, Matta Machado, Crawford Campbell, Wood Lovell e eu em "efeitos especiais"...



Álvaro Nomura recebendo convidados e mostrando o hospital

O "Sarão" foi inaugurado no dia 12 de setembro de 1980. Com banda de música e tudo. Para a inauguração, convidei todos os doentes que eu tinha tratado no meu consultório e que agora estavam sendo acompanhados no "Sarinha" e alguns dos maiores ortopedistas nacionais e estrangeiros com os quais eu tinha tido contato: um mar de gente. Figueiredo chegou, descerrou a placa e começou a cumprimentar as pessoas que estavam sentadas nas cadeiras da grande sala de espera.

Tínhamos treinado os jovens que me acompanhavam para cada um deles comboiar um grupo de dez convidados na visita ao novo hospital. Nos cumprimentos, o presidente parou em frente a um menino com dentes de coelho que eu tinha tratado de uma fratura e estava vestido com seu uniforme do Colégio Militar.

O presidente perguntou:

– Aaahh, vai ser militar?

Ao que o garoto empertigado respondeu:

– Pensa que eu sou maluco?

Gargalhadas, e continuou a visita. Logo comecei a pensar como iria organizar minha administração. Até então eu tinha sido diretor do "Sarinha" e tinha escrito o projeto que deu origem àquilo que a população já chamava de "Sarão".

Começamos a mudança. Jovens que eu treinei entraram no novo prédio e começaram literalmente a "lavar o templo", montar e testar equipamentos, enfim, preparar o espaço de trabalho. Essa tradição depois se repetiu em todos os outros hospitais que vieram a constituir a Rede SARA. Convidei dois amigos com os quais tinha convivido desde os tempos de colégio: Carlos Luiz Coutinho Peres – aquele que tinha sido vice-



Todos na ocupação



cônsul em Londres, na época do diploma, agora ministro do Itamaraty; e Letácio Jansen de Medeiros Júnior que era filho de dona Gui, aquela do sítio em Piraí. Carlos Luiz tinha se destacado pelo seu trabalho como administrador no Itamaraty e Letácio como procurador-geral do antigo Estado da Guanabara. Começamos a montar uma administração. Carlos Luiz, extremamente inteligente e prático, sempre com soluções objetivas, sempre me “aterrissando”. Quando eu aparecia com alguma proposta que ele não julgava prática ou exequível, com seu cigarro pendurado no canto da boca, disparava: “Picas!”

Letácio, mais parecido comigo nos meus delírios, sempre alegre e cordial com todos, ficava na ponte aérea com o Rio, onde morava, e foi gradualmente assumindo uma unidade das Pioneiras no Rio, o centro de ginecologia Luiza Gomes de Lemos, que tinha sido criado e era dirigido por Arthur. Não sem conflitos, porque quando Letácio começou a falar em dedicação exclusiva, passou a contrariar interesses significativos. Arthur tinha uma grande clínica em Copacabana...

Vamos voltar para Brasília. Muitos dos jovens que me acompanharam passaram a assumir funções de cada vez mais responsabilidade. Lucinha* passou inicialmente a chefiar a Escolinha e depois toda a pediatria do SARA. *Frisson*** na pediatria. Aterrissagem hábil, como sempre, de Lucinha, controlando a “medicogalera...” Treinamento para o futuro que viria. Aqueles que tinham sido resi-

* Lucia Willadino Braga.

** *Frisson* – animação, vibração, comoção que toma um indivíduo ou um grupo de pessoas; arrepio, tremor rápido e involuntário em consequência de uma emoção intensa (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2002*).

dentos no “Sarinha” me ajudavam a treinar outros no cotidiano. Poucos ficaram. Afinal, como aprendi quando da minha titulação na Universidade em Oxford: “Em cem, será um...”

O SARA H crescia e eu procurava implantar um modelo de trabalho apoiado em uma enfermagem que também estava em treinamento, desde antes da inauguração do hospital, nos moldes do que eu tinha visto na Inglaterra. Até cinto colorido usavam no uniforme. Terapeutas, psicólogas, fonoaudiólogas, professoras, assistentes sociais e todo um elenco de médicos e outros profissionais era treinado conjuntamente.

Desencadeou-se o movimento frustrado das Diretas Já.* Tancredo Neves foi eleito pelo Congresso. Entretanto, morreu tragicamente, e José Sarney assumiu a Presidência. Fui confirmado na presidência da Fundação das Pioneiras Sociais.

Em 25 de novembro de 1987, foi assinado decreto criando a Rede Nacional de Hospitais de Medicina do Aparelho Locomotor, que mais tarde se transformaria na Rede SARA H, permitindo a realização da última proposta do projeto original: uma rede nacional.

Afonso Arinos de Mello Franco** foi encarregado de trabalhar na proposta de uma nova Constituição. Criou-se aquilo que veio a ser conhecido como “Comissão Afonso Arinos”. Afonso Arinos me



“Meninas, eu vi...”

* Diretas Já – movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas ocorrido em 1984. A possibilidade de eleições diretas concretizou-se com a votação da proposta de Emenda Constitucional Dante de Oliveira pelo Congresso. Entretanto, a proposta foi rejeitada. Ainda assim, os adeptos do movimento conquistaram uma vitória parcial em janeiro do ano seguinte, quando um de seus líderes, Tancredo Neves, foi eleito presidente pelo Colégio Eleitoral.

** Afonso Arinos de Mello Franco (Belo Horizonte, 1905-Rio de Janeiro, 1990) – foi jurista, político, historiador, professor, ensaísta e crítico brasileiro. Destaca-se pela autoria da Lei Afonso Arinos contra a discriminação racial em 1951. Foi nomeado, pelo presidente José Sarney, presidente da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais (denominada Comissão Afonso Arinos), criada pelo Decreto n.º 91.450 de 18/07/1985, com o objetivo de preparar um anteprojeto que deveria servir de texto básico para a elaboração da nova Constituição.



convidou para participar do Comitê Consultivo sobre a Saúde da Comissão de Estudos Constitucionais. Além de vários médicos sanitaristas e de outras áreas, éramos três cirurgiões: Ivo Pitanguy, Adib Jatene e eu. Preparamos um documento preliminar que deu origem ao conceito “Saúde é direito de todos e dever do Estado”. Na época, discutimos muito e concluímos que o sistema público de saúde deveria ser privilegiado e “instituído como um sistema de saúde unificado, federativo, de natureza e responsabilidade pública, com ações proporcionadas prioritariamente pelos órgãos públicos”.

A experiência do National Health Service da Grã-Bretanha nos inspirava. Julgávamos que não deveria haver a “complementariedade”* que mais tarde foi confirmada na discussão da Lei Orgânica da Saúde, criando o conflito pela intimidade esdrúxula, de resto comum no Brasil, entre o público e o privado. Se pensarmos que os médicos trabalham nos dois setores, veremos que aí está o embrião da destruição da assistência médica no Brasil, resultante de uma conspiração que a lei ratificou: “detonar” ou deixar detonar o serviço público para fazer crescer a clínica privada... Público em greve; privados operando gloriosamente... com os mesmos profissionais...

De repente, Sarney convocou a Assembléia Nacional Constituinte. Teve início um processo que terminou com a promulgação da Carta, com 246 artigos, e mais parágrafos, e já objeto de várias emendas constitucionais. No seu artigo 39, instituía o Regime Jurídico Único.** Tudo igual a uma repartição pública de terceira cate-

*Complementariedade – artigo 4º, parágrafo 2º da Lei nº 8.080 de 19/09/1990: “A iniciativa privada poderá participar do Sistema Único de Saúde (SUS) em caráter complementar”.

**Artigo 39 – Constituição da República Federativa do Brasil: “A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios instituirão no âmbito de sua competência regime jurídico único e planos de carreira para os servidores da Administração Pública Direta, das Autarquias e das Fundações Públicas”.

goria! A partir da promulgação da Constituição, todos os setores de serviços passaram a ser considerados iguais. Era a tal da “democrate”. Pesquisadores que se dedicavam a prover a nação do conhecimento necessário ao progresso foram igualados àqueles que de má vontade carimbavam papéis. Houve a burocratização da pesquisa em nome da “igualdade”. A burocracia “democraticamente” venceu a “meritocracia”. Implantou-se a estabilidade. Não gostou? Dinamitamos o cotidiano, xingamos o chefe, porque ele nada mais pode fazer... Afinal, com as novas regras podemos até eleger reitor de universidade. Todo mundo vota, e voto pode ser cobrado...

“Vã às favas porque eu vou continuar no final do mês recebendo o meu salário e comprando televisões, além de botar cerca eletrificada em torno de minha casa para me proteger dos ‘elementos’ que moram no Brasil: ‘Odeio pobre!’ Meus filhos, aaahhh! Estão matriculados em universidade particular com bolsa paga pela ‘viúva’; vê lá se eu quero eles em universidade pública. Médico? Aaahhh! Tenho plano de saúde, telefone celular, uso o orkut, iPod, carro do ano... Odeio pobre! Branco correndo? Quer chegar mais cedo em liquidação; afrobrasileiro correndo? Chama o Caveirão e atira que deve ser traficante. Índio deitado na calçada? Joga álcool e toca fogo nele, não acontece nada, meu pai é ‘barão’ e ele nos livra dessa. Criança andando de bicicleta no acostamento? Atropela! Vamos passear no *shopping*? Mamãe, quero aparelho ortodôntico... Vamos passar férias em Miami; cada um pode levar duas malas!”

Êta classe média emergente! Nem Gustave Flaubert em *Madame Bovary** conseguiria imaginar tanto!

* *Madame Bovary* é o romance precursor do Realismo europeu, polêmico em sua época, considerado imoral, chegando Flaubert a ser processado pelo governo francês. É uma narrativa que conta a história de Emma Bovary, uma mulher sonhadora e fútil.

CAPÍTULO IX

A LEI

Tudo aquilo que tinha sido sonhado e no tempo implantado ia ser destruído. Estava diante do seguinte dilema: ou aceitava administrar a decadência da instituição que tinha criado, perdendo pelo congelamento salarial recursos humanos que tinham sido treinados durante anos, ou jogava “tudo ou nada” tentando tirar “as Pioneiras” do que foi feito em busca de uma equivocada “perspectiva igualitária”. Ao proclamar a nova Constituição, Ulysses Guimarães, com o livrinho na mão e sob o alarido do plenário, gritou: “Aqui está a Constituição do cidadão”. Esqueceu-se de dizer: “Cidadão de segunda classe”.

Na prática, não era mais permitida a requisição, por órgãos criados pelo setor público como a Fundação das Pioneiras Sociais, de funcionários de outros órgãos para prestar serviços. Todos teriam que retornar aos órgãos de origem. Se isso era bom em muitos casos em que as pessoas eram “requisitadas”, como de resto ainda são, agora sob o eufemismo de “lotadas”, por outro lado a força de muitas instituições residia na presença de pessoas de alto nível que contribuía para o crescimento de cada uma delas.

Assim era o caso de Carlos Luiz Coutinho Perez, nessa época já nomeado embaixador de carreira em seu órgão de

origem, o Itamaraty. Teria de retornar a ele. Conversando com outro diplomata, Carlos Átila Álvares da Silva, meu amigo, colega de Carlos Luiz, e que com ele tinha seguido passos semelhantes no Itamaraty, resolvemos jogar o “tudo ou nada”. Eram os tempos do governo Collor. Começamos a preparar uma lei que seria objeto de uma exposição de motivos a ser enviada pela Presidência da República ao Congresso Nacional criando a primeira instituição pública não estatal do país por lei do Congresso. A primeira e, até agora, a única. Lembro-me bem de Átila nas nossas primeiras conversas dizer: “Quer fazer uma lei? Uma lei nova, uma lei que até hoje não existe? Então não chame advogado”.

Ele bem sabia o que dizia, pois tinha se formado em direito. Começamos a discutir e a escrever. Os princípios eram claros: 1 – extinguiu-se a estabilidade; 2 – a Fundação das Pioneiras Sociais seria extinta; 3 – aqueles que desejassem continuar no serviço público seriam redistribuídos pela Secretaria de Administração Federal para órgãos, principalmente do Ministério da Saúde; 4 – aqueles que desejassem continuar na rede, sem estabilidade, pediriam demissão do serviço público e ingressariam na nova instituição a ser criada pelo Congresso: a Associação das Pioneiras Sociais; 5 – o regime de trabalho seria de tempo integral, dedicação exclusiva e salário fixo, regido pelas normas da CLT;* 6 – a partir da criação da Associação, só ingressariam nela aqueles que fossem aprovados em

* A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) é a principal norma legislativa brasileira referente ao direito do trabalho e ao direito processual do trabalho. Ela foi criada por meio do Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e sancionada pelo então presidente Getúlio Vargas, unificando toda a legislação trabalhista então existente no Brasil. Seu objetivo principal é a regulamentação das relações individuais e coletivas do trabalho nela previstas.

Exposição de Motivos nº 57/GM, de 28 de maio de 1991, do Senhor Ministro de Estado da Saúde e do Senhor Secretário da Administração Federal.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

O Hospital Sarah Kubitschek, da Fundação das Pioneiras Sociais, é uma das poucas instituições governamentais que escapou do processo de decadência da rede pública de assistência médica.

Como fundação instituída em virtude de lei, a entidade sempre operou com recursos do Orçamento da União, única forma de atender gratuitamente à população, sem distinções.

Entretanto, como a Constituição de 1988 caracterizou tais instituições como “fundações públicas” e a elas estendeu o “regime jurídico único” em matéria de pessoal, os hospitais da Fundação das Pioneiras se transformarão em repartições públicas.

A aplicação desse modelo de organização ao setor da saúde não se pode fazer de maneira indistintamente generalizada. Determinadas instituições, como os referidos hospitais, devem obedecer, em matéria de recursos humanos, a regime compatível com o padrão de centros de excelência que deles se espera. Em tais casos, é preciso adotar princípios de administração de pessoal que não se conciliam com as garantias corporativistas e igualitárias, próprias do regime do servidor público. São princípios que se traduzem em exigências de dedicação exclusiva, de tempo integral e de alto nível de qualificação, ao lado de critérios estritamente competitivos para ingresso, permanência e promoção nas funções. Tudo isso requer a oferta de remuneração ajustada a valores de mercado e a adoção do regime trabalhista, excludente da isonomia e da estabilidade nos moldes estatutários correntes.

Os administradores dos hospitais, além disso, devem ter segurança na continuidade dos planos e programas de atividades e autonomia para executá-los. Para isso, o processo de escolha dos dirigentes das instituições gestoras dos hospitais deve ser defendido de ingerências externas.

Esses pressupostos, que vigoravam até agora na Fundação das Pioneiras Sociais, desaparecerão com a adoção do regime jurídico único e a consequente degradação de seus atuais padrões de assistência.

Exposição de motivos



Congresso Nacional – a lei que mudou tudo

processo seletivo público de âmbito nacional.

Tivemos uma reunião com o secretário da Administração Federal. Depois de estudar a proposta, ele concordou com ela e disse para mim e Átila:

- Peço ao presidente para promulgar decreto.
- Não quero! Quero uma exposição de motivos que envie a proposta para discussão no Congresso Nacional.

- Maaaiis se for para o Congresso a Rede SARAH pode ser destruída...

- Maaaiis com esse sistema jurídico único ela já está destruída, e eu não vou administrar sua decadência. É tudo ou nada!

Foi então elaborada pelo Átila uma minuta da proposta de exposição de motivos que o presidente da República encaminharia ao Congresso Nacional. Lá iniciou-se uma ferrenha discussão, com audiências públicas e tudo mais. Em síntese, setores da esquerda, envenenados por desinformação, vinda principalmente daquilo que veio a ser conhecido como “esquerda sanitária”, posicionaram-se frontalmente contra. Como a lei propunha a criação de uma instituição pública, não estatal, julgavam que ela continha em si um processo de privatização. Muitos oportunistas disso se aproveitaram para combater ferrenhamente a criação do novo modelo. O governo Collor tinha desencadeado um processo desvairado de privatização. Criava-se a arenga do “Estado pesado e ineficiente”; privatizava-se tudo: telefonia, comunicação, transporte, enfim, uma enorme confusão ou pilantragem influenciada pela visão colonizada e acrítica da tal da globalização. Para mim, nada mais nada menos do que botar a raposa dentro do galinheiro... Nos debates, primeiro na

Conselho de Administração



Tião Viana, Sérgio Miranda, Marc Forman, Georges Dellatolas e François Gaillard



Eliezer Batista, Merval Pereira e Eva Wilma



Murilo Portugal, Carlos Vergara, Marc Forman e Sigmaringa Seixas

Conselho de Administração



José Alencar, Luciano Brandão, Anne-Lise Cristhensen, Sepúlveda Pertence



Entre Carlos Átila e Lucia Willadino Braga



Luiz Garcia, Vera Maria Flexa Ribeiro e Gilberto Carvalho

Câmara e posteriormente no Senado, pesaram muito os anos de trabalho do SARAII, beneficiando milhares de brasileiros. Aqueles que votaram a favor votaram na preservação da qualidade que tinha sido implantada com base no projeto aprovado anos antes. A capacidade de articulação de Luís Eduardo Magalhães na Câmara dos Deputados e de José Sarney no Senado Federal foram fundamentais para o que se seguiu.

O Congresso decidiu: maioria absoluta na Câmara, unanimidade no Senado com todos os senadores em plenário.* Para isso, contribuíram muito todos aqueles que no SARAII queriam a transformação e lotaram as galerias no Congresso, bem como inúmeras entrevistas que dei aos canais de televisão.

A lei era tão inédita que virou notícia, e para tal o apoio de Evandro Carlos de Andrade, diretor de jornalismo da Rede Globo, foi fundamental.

Depois da lei aprovada pelo Congresso e assinada pelo presidente da República, começou o processo de transformação. A lei determinou que o antigo Conselho Consultivo se transformasse em Conselho de Administração. Os membros que dele faziam parte teriam inicialmente mandatos de dois e quatro anos renováveis, e novos membros seriam eleitos por membros do Conselho. E assim foi e vem sendo desde então. Estavam lançados os alicerces para a implantação da Rede SARAII de Hospitais de Reabilitação: São Luís, Salvador, Belo Horizonte, Fortaleza, Rio de Janeiro (infantil), Lago Norte em Brasília, Macapá,

* Lei nº 8.246, de 22 de outubro de 1991 (DOU em 23/10/1991).



Lucia Willadino Braga, 1976



23 anos depois, a transcendência



Belém e, finalmente, o Centro de Neuroreabilitação no Rio de Janeiro. Veio a projeção internacional da Rede no campo da neurociência, graças à produção científica constante e qualificada e a realização de congressos internacionais planejados e coordenados por Lucia Willadino Braga, que em novembro de 1999 foi eleita *doutor honoris causa* da Universidade de Reims, na França, por seus trabalhos no campo da neurociência. É a primeira mulher a alcançar esse título. Um dia, em Oxford, lá no passado, Trueta me disse: “Você vai se sentir professor somente quando formar alguém melhor que você”. O destino se cumpriu!

A transcendência de todo esse esforço que procura retribuir em serviços qualificados o imposto que cada brasileiro paga depositado nas mãos daqueles que estão no futuro. Esta foi a razão maior para escrever estas memórias. Não um sentimento de preservação de imagem, mas sim a necessidade de legar experiências e princípios que sirvam de norte para aqueles que virão: esta a razão maior de ser da Rede SARA de Hospitais de Reabilitação.

A Rede SARAH



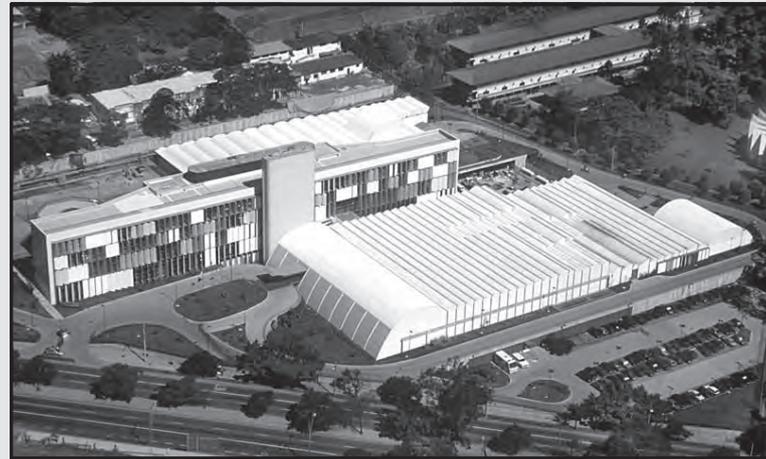
Brasília – SARAH Centro



SARAH São Luís



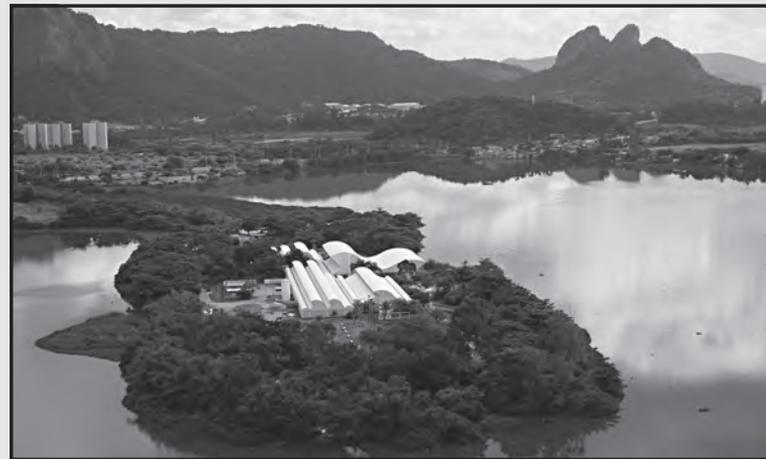
SARAH Salvador



SARAH Belo Horizonte



SARAH Fortaleza



Centro de Neuroreabilitação da Ilha da Pombeba, Rio de Janeiro



Brasília – Centro Internacional de Neurociências – SARAH Lago Norte



Centro de Reabilitação Infantil – SARAH Macapá



Centro de Reabilitação Infantil – SARAH Belém



Centro de Neuroreabilitação – SARAH Rio de Janeiro





EPÍLOGO

Quando terminava estas linhas, Juliana Amaral Sampaio, que está tendo a paciência de registrar no computador o que eu vou falando, observou:

– Doutor Campos, neste final o senhor deveria escrever alguma coisa mais leve, para ficar no estilo de como o senhor começou o texto.

Estou, neste momento, revendo o passado olhando minha parede cheia de quadros com fotografias, algumas das quais incluí neste volume. Leve, muito leve é a fotografia que coloquei na contracapa deste e que para mim simboliza o amor, que foi a razão de tudo e permeou tudo que narrei.

Hoje, em 9 de maio de 2010, cinquenta anos da chegada.

Elsita e eu vínhamos buscando o futuro por construir. Fazer tradição quando tínhamos 25 anos. Cinquenta se passaram. Anos de ventura, lutas e às vezes decepções. Entretanto, sabíamos que com os que aqui vieram íamos mudar o Brasil. Mirando o passado, percorrendo as memórias de minha geração, sinto que cada momento serviu para que jovens, unidos pelo amor, pudessem hoje dizer: **valeu a pena.**

FIM

COMENTÁRIOS

POR ADÉLIA BEZERRA DE MENESES*

– Será que essas memórias valem a pena? Memórias podem ser algo muito chato... – dizia o doutor Campos da Paz, logo após a finalização do seu texto.

– Depende de quem são as memórias, foi a resposta.

Efetivamente, sendo seu autor quem é, trata-se aqui, ultrapassando o individual e o pessoal, de “memórias de uma geração”, da qual ele é porta-voz e agente. Trata-se do registro sob uma ótica pessoal de um pedaço significativo da história do país num de seus momentos mais instigantes (e/ou contraditórios): a criação de Brasília, o posterior golpe militar que implantou a ditadura, a fervilhante década de 1960, os “anos de chumbo”, a retomada democrática e seus percalços; mas sobretudo trata-se do percurso único e pessoal, das circunstâncias de vida em que se foi gestando o idealizador da Rede SARAH de Hospitais. A “aventura do SARAH”: essa utopia de uma medicina socializada de alto nível, que para se concretizar teve que enfrentar práticas

* Adélia Bezerra de Menezes é professora de teoria literária da USP e da Unicamp e autora de *A obra crítica de Álvaro Lins* (Editora Vozes); *Desenho mágico – poesia e política em Chico Buarque* (Hucitec); *Figuras do feminino na canção de Chico Buarque* (Ateliê); e *As portas do sonho* (Ateliê).

médicas equacionadas com a mercantilização, o corporativismo e a incompetência.

Se em livros anteriores, *Remando contra a maré* (1995) e *Tratando de doentes e não de doenças* (2002), o doutor Campos da Paz expande suas ideias sobre a medicina tal como ele a vive, ideias que funcionam como uma fundamentação teórica e ideológica para o que ele concretizou com a Rede SARAH, aqui o foco é pessoal: a infância; a família; o período na universidade; a estada no exterior e o doutorado em Oxford, a convivência com os grandes mestres e colegas (“homens que fizeram a história da profissão no século XX”); a Guerra Fria; os percalços de uma atividade profissional vivida como missão; o grande projeto de vida que é o SARAH; a proximidade com o centro decisório e político do país; os momentos de inflexão provocados pelas grandes decisões, nessa mistura intrincada de acaso e determinação pessoal que marca uma existência.

Aqui são relatadas num tom coloquial e por vezes com muito humor experiências de vida que, como se poderá verificar, estão na raiz de alguns dos paradigmas de funcionamento do SARAH. É assim que tomamos conhecimento, para citar um só exemplo, de sua decisão de fechar seu (lucrativo!) consultório particular de jovem médico no momento em que, examinando um joelho que poderia ser tratado tanto de forma conservadora quanto por cirurgia (mas os preços seriam diferentes!), doutor Campos da Paz diz ter enxergado na radiografia do seu paciente... a promissória do carro que tinha comprado. Nesse momento, desiste da sua clínica particular, numa iluminação: “É que subitamente tinha



compreendido a questão central, que a partir daí passou a guiar a minha vida de médico: se você insere em seu processo decisório o lucro ou o prejuízo, o processo fica corrompido”.

Dessa experiência pessoal é que vem a implementação da “dedicação exclusiva com salário fixo” em toda a Rede SARAH. Nada é apenas anedótico, tudo terá uma significação de vida a seu tempo.

Como é também de uma experiência pessoal, uma “lição” transmitida por seu orientador, o grande doutor Trueta (que o faz desistir da participação num Congresso de Ortopedia dando-lhe ingressos para assistir a um concerto de Yehudi Menuhin), que ele chega ao postulado de que “a ortopedia não é o centro do Universo”. E apostará na educação e não em procedimentos estúpidos de fisioterapia.... Assim, é da observação de casos de criança com paralisia cerebral que o autor chega ao princípio de ensinar reabilitação para as mães, o que causa um problema trabalhista, ou melhor, problemas corporativistas com a classe dos fisioterapeutas. Diz ele: “Afim de contas, estávamos transferindo conhecimento, e transferir conhecimento é transferir poder” (uma outra maneira de formular o “saber é poder” de Foucault?).

Mas mesmo mergulhando em memórias de família, no registro do afeto, o doutor Campos da Paz busca combustível para suas ideias de militante: narra a morte da tia Marizinha numa “trambiclinica” em São Paulo, onde acharam que ela tinha alguma coisa na vesícula, mas “ela tinha mesmo era muito dinheiro – e em vez de medicá-la, abriram tia Marizinha e ela morreu de septicemia”. Ou a narrativa da morte do avô, quando foi buscado na escola: “Naquele tempo não havia

terapia intensiva, e as crianças eram levadas para se despedir dos que partiam” – observação pretensamente descompromissada, mas que fica reverberando na cabeça do leitor.

E se é verdade que o doutor Campos da Paz repertoria, reverenciando-os, os grandes médicos com quem conviveu, aqueles “que fizeram a história da medicina”, é verdade também que na sua galeria de notáveis ele alude a Ceíça, a empregada sob cuja saia iam abrigar-se, quando faziam arte, seus filhos: figuras que “fizeram história” na sua família.

Mas há vários outros exemplos em que aflora seu coração socialista – como no relato do audiovisual feito das obras do SARAH em construção, com a gravação de sons do prédio que se levantava e, dentro do hospital, o registro dos barulhos de uma sala de cirurgia: batimentos cardíacos, ruídos respiratórios, etc. E depois, a fusão gradual dos dois tipos de atividades: “O audiovisual fundia sons e imagens de tal modo que o que se via era o trabalho nobre e dedicado dos dois universos: os operários que construía e aqueles que iriam ocupar o espaço que eles levantavam”.

E, por fim, um indispensável comentário à foto da contracapa do livro – do casazinho em cadeiras de rodas que se beija, de frente para o lago do Sarah Norte: não apenas ela iconiza o sopro que percorre as páginas deste livro, e é o fundamento de tudo o que o autor construiu, como ele mesmo aponta no Epílogo; mas também essa foto simboliza aquilo para o qual tende o grande esforço médico do SARAH: Reabilitar para a Vida.

Produção do livro:

Formato: 280 mm x 250 mm

Capa: Papel Cartão Supremo Alta Alvura 250 g/m²
policromia com acabamento em plastificação fosca e verniz UV

Software de paginação: Adobe InDesign CS5

Miolo: Papel Couchê Suzano Print Matte 115 g/m², em bicromia

Tipografia: Zapf Calligraphic

Esta obra foi projetada pelo Depto. de Foto Imagem da Rede SARAII



Passava pelos jardins do SARAH quando vi a cena. Para mim ela representa tudo aquilo que permeia as páginas desse livro.



9 788585 843113